

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

RAPHAEL ALBERTO RIBEIRO

ALMAS ENCLAUSURADAS:  
práticas de intervenção médica, representações  
culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de  
Uberlândia (1932-1970)

Uberlândia  
2006

RAPHAEL ALBERTO RIBEIRO

ALMAS ENCLAUSURADAS:  
práticas de intervenção médica, representações  
culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de  
Uberlândia (1932-1970)

Dissertação apresentada à banca  
examinadora do Programa de Pós-  
graduação em História, da Universidade  
Federal de Uberlândia, como requisito  
para a obtenção do título de Mestre em  
História. (Área de Concentração:  
História Social)

Orientadora: Maria Clara Tomaz  
Machado

Uberlândia  
2006

*FICHA CATALOGRÁFICA*

Elaborado pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de  
Catalogação e Classificação / mg / 08/06

- R484a     Ribeiro, Raphael Alberto, 1975-  
              Almas enclausuradas : práticas de intervenção médica,  
              representações culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de  
              Uberlândia (1932-1970) / Raphael Alberto Ribeiro. Uberlândia,  
              2006.  
              163 f.  
              Orientador: Maria Clara Tomaz Machado.  
              Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uber -lândia,  
              Programa de Pós-Graduação em História.  
              Inclui bibliografia.  
              1. História social - Teses. 2. Loucura – Teses. I. Machado,  
              Maria Clara Tomaz. II. Universidade Federal de Uberlândia.  
              Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930.2:316

RAPHAEL ALBERTO RIBEIRO

ALMAS ENCLAUSURADAS:  
práticas de intervenção médica, representações culturais e  
cotidiano no Sanatório Espírita de Uberlândia (1932-1970)

Dissertação apresentada à banca  
examinadora do Programa de Pós-  
graduação em História, da Universidade  
Federal de Uberlândia, como requisito  
para a obtenção do título de Mestre em  
História. (Área de Concentração:  
História Social)

Orientadora: Maria Clara Tomaz  
Machado

Banca Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Lúcia Puga

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Yonissa Marmitt Wadi

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Clara Tomaz Machado

## AGRADECIMENTOS

Oito anos de convívio com colegas e professores da Universidade Federal de Uberlândia foram cruciais para a realização deste trabalho. Toda produção de conhecimento precisa ser compartilhada e devo muito a estas pessoas que um dia tive a chance de conhecer. Nestes momentos é imprescindível que tenhamos a humildade de admitir que também aprendemos com aqueles que não temos quase nenhuma afinidade. É impossível citar todos os nomes, por isso agradeço, essencialmente, professores e alunos do curso de História.

É natural que parte da nossa personalidade seja encontrada também em nossos amigos, tal como nos diz a lei de afinidade. Agradeço profundamente aos amigos do peito, pessoas que ajudaram na minha transformação, diariamente. Seria injustiça esquecer um que fosse, por isso cito apenas Jussara, com quem convivi por quase seis anos ininterruptos, pessoa que sempre amarei.

Um agradecimento todo especial à professora da minha banca de qualificação, Luciene Lehmkuhl, pela disposição de participar e pelas inúmeras contribuições que me foram valiosas.

Devo agradecer duplamente à Vera Lúcia Puga, por aceitar participar da defesa e também do exame de qualificação. Além de sempre gentil, respeitando o aluno, nos incentivando, as suas dicas na qualificação me ajudará bastante em um futuro próximo.

Foi com bastante satisfação que recebemos a notícia do comparecimento da professora Yonissa Marmitt Wadi para a defesa da minha dissertação de mestrado. O seu primeiro livro, resultado de sua dissertação me influenciou muito na escrita deste trabalho.

Um agradecimento todo especial à minha orientadora Maria Clara T. Machado. Foram anos de boa convivência, muito aprendizado acadêmico e pessoal. Serei eternamente grato por tudo.

## RESUMO

A proposta deste trabalho é pensar a loucura e sua institucionalização na cidade de Uberlândia. Esta discussão envolvendo a temática da loucura continua atual e instigante por tudo que ela representou e ainda representa em nossa sociedade. Dúvidas têm surgido de maneira intensa em torno da grande incógnita que envolve a loucura. Quais os indícios que evidenciam a loucura? Mais ainda, a loucura realmente existe? Muitas outras indagações estão colocadas, inclusive questionando o discurso médico, que antes se apresentava como vencedor, como também suas práticas e técnicas curativas. Em contrapartida, percebemos hoje o quanto foram importantes os debates de outros segmentos da sociedade, que, de uma maneira ou de outra, não aceitaram a imposição do saber psiquiátrico.

Este trabalho de pesquisa nasceu a partir de uma vasta documentação encontrada no Sanatório Espírita de Uberlândia, instituição fundada em 1942 e desativada em meados dos anos 90. São 29 livros contendo inúmeros prontuários dos internos de 1942 a 1959. Nesta documentação encontramos informações sobre o motivo da internação, relatado pelo responsável do asilado, diagnóstico e prognóstico, muitos deles por psicografias, terapêuticas utilizadas, entre outras.

Tendo em vista as diversas possibilidades de análise desta documentação, o campo de reflexão utilizado na pesquisa tem como premissa trabalhar os complexos discursos que foram elaborados sobre a insanidade presentes na cidade de Uberlândia e, como isto possibilitou as práticas de sua institucionalização.

Palavras-chaves: Loucura, espiritismo, obsessão, Uberlândia/MG, institucionalização.

## ABSTRACT CONFINED SOULS:

Medical intervention practice, daily and cultural representations in the Sanatório Espírita de Uberlândia (1932-1970)

The proposal of this work is to think about how madness and its institutionalization happened in Uberlândia. This discussion involving madness as the thematic still is current and intriguing for all that it represented and still represents in our society. Doubts have appeared intensely around the great unknown that involves the madness. Which are the indications that evidence madness? Or even, madness really exists? Many other investigations are placed, also questioning the medical speech, that before was presented as winning, as also its practices and curative techniques. On the other hand, today we can observe how much the debates of other society segments had been important, because, in a way or another, they had not accepted the imposition of psychiatric knowledge.

This research was originated from a vast documentation found in the Sanatório Espírita de Uberlândia, institution established in 1942 and deactivated in middle 90's. They are 29 books containing innumerable handbooks of the interns from 1942 to 1959. In this documentation we find information about the reason of the internment, report from the responsible for the sheltered, theirs diagnostics and the prognostics, therapeutical methods used, among other informations.

Having in mind these documentation possibilities of analysis, the field of reflection used in this research has as premise to work with complex speeches that had been elaborated about the insanity present in Uberlândia and understand how it made possible the institutionalization practical.

Keys words: Madness, spiritualism, obsession, Uberlândia/MG, institutionalization

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1 – Sanatório Espírita de Uberaba .....	79
IMAGEM 2 – Sanatório Espírita de Uberlândia .....	80
IMAGEM 3 – Sanatório Ismael .....	80
IMAGEM 4 – Distribuição de Cestas Básicas .....	92
IMAGEM 5 – Dispensário dos Pobres (foto 1) .....	93
IMAGEM 6 – Dispensário dos Pobres (foto 2) .....	93
IMAGEM 7 – Trabalhadores do Sanatório Espírita de Uberlândia .....	112
IMAGEM 8 – Psicografia 1 .....	114
IMAGEM 9 – Psicografia 2 .....	114
GRÁFICO 1 .....	136
PLANTA ARQUITETÔNICA – ORIGINAL .....	108
PLANTA ARQUITETÔNICA – REFORMA .....	109

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Instituições Assistenciais de Caridade Pública em Uberlândia (1900-1967) .....	35
TABELA 2 – Subvenções, Contribuições e Auxílios - Despesas diversas .....	63
TABELA 3 – Contribuições Recebidas em Benefício do Sanatório Espírita de Uberlândia – 1959 .....	64
TABELA 4 – Distribuição dos Números da População, segundo a Religião no Brasil em 2000 .....	69
TABELA 5 – Distribuição dos Números da População, segundo a Religião no Brasil em 1940 e 1950 .....	70
TABELA 6 – Centros Espíritas de Uberlândia .....	90
TABELA 7 – Procedência da Internação .....	113
TABELA 8 – Ficha de enfermos do Sanatório Espírita de Uberlândia - 1942 a 1959 – (ficha 32) .....	129
TABELA 9 – Ficha de enfermos do Sanatório Espírita de Uberlândia - 1942 a 1959 – (ficha 38) .....	130
TABELA 10 – Etnia .....	140
TABELA 11 – Tipos de doenças .....	141
TABELA 12 – Motivo de saída .....	142
TABELA 13 – Idade .....	144

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	10
1 - A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA LOUCURA EM UBERLÂNDIA: discursos de controle e políticas de higienização .....	22
1.1- Uberlândia: urbanização, progresso e exclusão social: entre a cidade invisível e a real .....	23
1.2- Projeto de exclusão social: a construção do sanatório espírita .....	41
1.3- A política da convivência e o processo de legitimação do Sanatório Espírita de Uberlândia. ....	57
2 - ESPIRITISMO: atuação política e legitimação social .....	68
2.1- O espiritismo no Brasil: trajetória e legitimação .....	69
2.2- Representações espíritas da loucura .....	86
3 - O COTIDIANO NO SANATÓRIO ESPÍRITA DE UBERLÂNDIA .....	102
3.1- Concretos do esquecimento: a casa da dor .....	103
3.2- Da caridade ao aprisionamento: a destituição do manicômio .....	119
3.3- Intervenções médicas e tratamento espírita: sentidos para uma história .....	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	147
FONTES DOCUMENTAIS .....	149
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	153

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Muitas questões concernentes à institucionalização da loucura, no final do século XX, serviram, além de outras coisas, para mostrar o descaso e os abusos que vinham sofrendo os internos. Desde a década de 1970, muitos grupos têm assumido a defesa por melhores condições ao tratamento psiquiátrico, questionando o monopólio da psiquiatria no que se refere à decisão daqueles que deveriam ser trancafiados. Isso propiciou novos olhares à loucura, abrindo um vasto campo de discussão de contraposição ao saber médico. A penosa realidade dos manicômios foi escancarada em diversos instrumentos da mídia, propiciando uma certa descrença na terapêutica adotada pela Psiquiatria. A materialização disto pode ser percebida, por exemplo, na Lei Paulo Delgado,<sup>1</sup> sancionada em 06 de abril de 2001, que tem proporcionado hoje várias experiências no tratamento dos transtornos mentais. Entre elas podemos citar na cidade de Santos - que ficou conhecida nacionalmente a partir da criação da Rádio Tan-Tan -, o hospital dia adotado como prática em diversas cidades, a arte terapia, o psicodrama, entre muitos.

As inquietações ainda estão bem presentes em torno da grande incógnita que envolve a loucura. Quais os indícios que a evidenciam? Mais ainda, a loucura realmente existe? Muitas outras questões estão colocadas, inclusive questionando-se não só o discurso médico, que antes apresentava-se como vencedor, como também suas práticas e técnicas curativas. Em contrapartida, percebemos hoje o quanto foi importante os debates de outros segmentos da sociedade que, de uma maneira ou de outra, não aceitaram a imposição do saber psiquiátrico.<sup>2</sup>

O interesse por estudar a institucionalização da loucura em Uberlândia aflorou quando descobrimos uma vasta documentação, os prontuários do *Sanatório Espírita de Uberlândia*. A partir destas fichas médicas, a sua maioria havia sido descartada pelos antigos dirigentes, fomos descortinando os caminhos traçados por segmentos da sociedade para excluir os seus moradores “anormais” do convívio urbano.

---

<sup>1</sup> CÂMARA DOS DEPUTADOS. Lei nº 10.216. Brasília: 06/04/2001.

<sup>2</sup> PORTER, Roy. Uma história social da loucura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991. Neste livro podemos observar a partir das obras de literatos, poetas, e outros que foram submetidos ao internamento asilar, análises críticas aos métodos aplicados à loucura desde o século XIX.

Este trabalho começara na graduação quando eu e mais dois alunos catalogamos 875 prontuários, todos que tivemos acesso, do ano de 1942 à 1959, sob orientação da professora Maria Clara Tomaz Machado. Para o mestrado, fizemos também entrevistas com pessoas que tiveram algum envolvimento com o sanatório e uma pesquisa detalhada do que foi produzido nos jornais locais sobre a instituição e o espiritismo. A perspectiva de trabalho lançada para este período do mestrado foi pensar a cidade e seu processo de institucionalização da loucura, atividade esta que tinha relação com a própria legitimação do espiritismo, por se tratar evidentemente de um hospício espírita. Um outro caminho que poderíamos ter trilhado era o de recortarmos o *Sanatório Espírita de Uberlândia*, (re)construindo a memória elaborada por estes excluídos sociais, mas este esforço sempre era barrado pela falta de documentação, tais como cartas de internos, processos-crime, entre outros. Muitos dos prontuários estão sem informações, ainda que consideremos se tratar de um acervo importantíssimo.

A história do tratamento da loucura em Uberlândia inicia-se em 1932 com a criação do Penate Allan Kardec, sob direção do Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, na rua Tenente Virmondes. Com o aumento da cidade, foi preciso construir uma casa maior, com uma arquitetura apropriada a instituições para esse fim, uma vez que o Penate era bem pequeno (suportava aproximadamente apenas duas dezenas de pessoas) e não tinha mais condições de satisfazer os inúmeros casos que requeriam providências. O Sanatório Espírita de Uberlândia surge em 1942, encabeçado por uma instituição espírita e criado aos moldes dos hospícios existentes no país, por isso a relevância de utilizarmos os teóricos que pensaram a loucura e suas práticas de internamento.

A proposta de estudar uma instituição espírita que pretende assistir à loucura na década de 40 e 50 nos indicou um caminho de trabalho, quer sejam: uma discussão acerca do assistencialismo; quais os discursos construídos que tentaram legitimar práticas de institucionalização; as possíveis tensões de não espíritas com o projeto institucional. Além da pertinente questão de ter os espíritas um projeto para tratar a loucura, casando assim os interesses do poder público e da comunidade, como pensar a atuação do espiritismo na cidade, quais as suas influências perante a comunidade que propiciou guiar, no começo do século XX, uma tarefa de exclusividade da psiquiatria?

Questões importantes e essenciais, no entanto, devem ser avaliadas. O manicômio sustentado pela comunidade, por meio de doativos vindos da comunidade

de maneira geral, arrecadados pelos militantes espíritas, mostram-nos que tal projeto institucional “casava” com os interesses da cidade. A prática de caridade, materializada na gerência da casa manicomial, promovia, de certo modo, o espiritismo na cidade e região. Daí a proposta de entrecruzar essas práticas assistencialistas com as políticas implementadas para internar a sujeito considerado insano.

O diálogo com Michel Foucault tem sido importante no que se refere à constituição da Psiquiatria atrelado às estratégias de isolamento deferido aos sujeitos estigmatizados como anormal. Portanto, o louco seria alguém com problemas e a sua internação, seu enclausuramento não tinha apenas o sentido de exclusão, mas pressupunha, antes de tudo, a cura. Quando pensamos em pesquisar parte dessa história da institucionalização da loucura não podemos fugir das discussões sobre as formas de disciplinarização e controle do corpo, especialmente do louco, proporcionadas pelo saber gerado por esta nova medicina social. Portanto, a constituição da Psiquiatria e a maneira de conceber a loucura como patológica são discursos elaborados, respaldado pelo conhecimento científico.

Relativamente, grande parte dos teóricos que se atêm a estudar a loucura, do ponto de vista da sua institucionalização, remetem suas análises a Foucault, mostrando sua importância na historiografia. Foi a partir destes trabalhos que uma nova história social passou a ser escrita, pois

[...] a história não é mais do que um discurso [...] e [...] os eventos históricos não existem como dados naturais, bem articulados entre si, obedientes às leis históricas e esperando para serem revelados pelo historiador bem munido.<sup>3</sup>

São evidentes, nas análises de O'BRIEN, as contribuições deste autor na historiografia. Para essa autora:

[...] Ao fazer a pergunta que faz, ao descentralizar nosso entendimento da punição como repressão e ao tirá-la do âmbito das interpretações liberais e marxistas, Foucault foi capaz de substituir a repressão pelo conceito de normalização – talvez um conceito mais satisfatório para explicar um sistema (de funcionamento) permanente. Trata-se de um método, não de uma teoria. A sua contribuição para a escrita da história não é sua teoria social.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> RAGO, Margareth. O efeito Foucault na historiografia brasileira. Tempo Social - Revista de Sociologia, São Paulo: USP, v. 7, n. 1 e 2, out., 1995, p. 73.

<sup>4</sup> O'BRIEN, Patrice A história da cultura de Michel Foucault. In: HUNT, Lynn (Org.) A Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 51.

Foucault destaca que a psiquiatria elabora discursos sobre a cura do louco, buscando respaldo científico para consolidar-se perante a sociedade, numa relação de saber e poder intrinsecamente ligados<sup>5</sup>. A institucionalização é fruto, portanto, deste esquadramento necessário à medicina, cuja consequência última isola o sujeito doente afim de estudá-lo e medicalizá-lo<sup>6</sup>. É nesta perspectiva teórica que as instituições serão consideradas um sistema social de dominação e resistência. Segundo Wadi:

[...] O discurso é um jogo estratégico de ação e reação, de pergunta e de resposta, de dominação e de esquivas, é também uma luta. Neste sentido, o discurso é sempre o espaço da articulação entre o saber e o poder (...).<sup>7</sup>

Talvez por isso Roberto Machado afirma que:

[...] só é possível compreender o nascimento da psiquiatria brasileira a partir da medicina que incorpora a sociedade como novo objeto e se impõe como instância de controle social dos indivíduos e das populações. É no seio da medicina social que se constitui a psiquiatria.<sup>8</sup>

A maneira como problematizo as fontes é a partir da escolha do procedimento teórico-metodológico, aceitando que as práticas sociais emergem da cultura de um determinado tempo e espaço; a maneira como Roger Chartier trabalha o conceito de representação tecido também na relação produção/recepção. A realidade, segundo o autor, é conflituosa, há um constante choque no campo das representações, maneira pela qual as pessoas se situam no ambiente em que vivem. A preocupação deste autor é perceber como as atitudes, os embates, as disputas, mas também as alianças, as consonâncias vão sendo geridas a partir do campo simbólico que se mistura com as ações, e como as práticas culturais constroem uma representação deste vivido. E isso só

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel. A história da loucura na idade clássica. 6 ed, São Paulo: Perspectiva, 1999.

\_\_\_\_\_. Microfísica do poder. 4ªed, Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. Nascimento da Clínica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003..

<sup>6</sup> MUCHAIL, Salma Tannus. O Lugar das Instituições na Sociedade Disciplinar. In: RIBEIRO, Renato Janine (Org.). Recordar Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1988.

<sup>7</sup> WADI, Yonissa Marmitt. Palácio para guardar doidos. Uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002, p. 31.

<sup>8</sup> MACHADO, Roberto et al. Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978, p. 376.

Cf.: CUNHA, Maria Clementina Pereira. Cidadelas da Ordem. São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. O Espelho do Mundo: Juquery, a história de uma asilo. São Paulo, Paz e Terra, 1998.

é possível pelas resignificações e reapropriações recriadas a partir das relações que o historiador enxerga, ou interpreta. As práticas para Chartier estão na maneira de agir, também situadas no universo simbólico. A preocupação do autor é entender o período histórico em que se situa o seu objeto, mas não só isso. Ele busca também apontar que a documentação não está congelada no tempo: ela é transformada, reapropriada mediante a recepção. Assim: “Se aceitamos que a construção do significado depende, em grande parte, das formas de transmissão e de recepção dos discursos, temos que explorar seus diferentes efeitos cuidadosamente”.<sup>9</sup>

É possível pensar, a partir de Chartier, as práticas e representações culturais coladas às experiências concretas de vida dos sujeitos sociais. Neste sentido, os discursos são compreendidos como representações coletivas capazes de elucidar as tecnologias de poder, bem como as práticas e ações que remetem ao controle e à disciplinarização sociais, tanto quanto às resistências à ordem instituída. Por este viés, o conflito entre visões de mundo diferenciadas e as múltiplas vivências possibilitam perceber as representações também como divergências, na medida em que expressam uma maneira própria de se estar em sociedade, significar simbolicamente um estatuto e uma posição e, sobretudo, conferir uma identidade social.

Dessa forma:

As percepções do social não de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade a custo de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.<sup>10</sup>

Por isso, a perspectiva foucaultiana será aqui apropriada tanto pelo que remete para o conhecimento da gênese dos discursos - que é possível de ser compreendido pela história cultural também como representações, maneiras pelas quais a sociedade se organiza -, quanto pela metodologia que propõe, permitindo a análise da evidência deste corpus documental. Assim,

Trabalhando sobre as lutas de representações, cujo objetivo é a ordenação da própria estrutura social, a história cultural afasta-se sem dúvida de uma dependência demasiado estrita em relação a uma

---

<sup>9</sup> CHARTIER, Roger. Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna – séculos XVI-XVIII. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002, p. 52-53.

<sup>10</sup> Idem. A História cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1987, p.17.

história social fadada apenas ao estudo das lutas econômicas, mas também faz retorno útil sobre o social, já que dedica atenção às estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um “ser-percebido” constitutivo de sua identidade.<sup>11</sup>

Na análise da documentação, se é evidente as relações de poder existentes dentro da instituição manicomial, e os discursos elaborados em torno da loucura, é perceptível, por outro lado, as diversas táticas e maneira como as pessoas pervertem aquilo que lhes foi imposto, rejeitando essas normas ou modificando-as até mesmo inconscientemente. É nessa perspectiva que trabalha Michel de Certeau, ensinando que:

[...] Se é verdade que por toda a parte se estende e se precisa a rede de “vigilância”, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz à ela: que procedimentos populares (também “minúsculos” e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los.<sup>12</sup>

Pensar a loucura na sociedade ocidental induz a considerar os vários significados que lhe são atribuídos. O discurso médico não é único, daí a necessidade de descortinar outras formas de entendê-la. Neste sentido, é relevante destacar outros olhares sobre a insanidade, tais como o cinema, a literatura e a artes plásticas, cujos enfoques contribuíram para a divulgação não só da barbárie cometida em nome da ciência, como também sugerem um tratamento mais humano, desmistificando muitas teorias psiquiátricas.

O conhecimento histórico é construído culturalmente. Toda escrita está carregada de valores do social. Toda obra é, portanto, objeto histórico e passível de análise. É possível, se for o caso, avaliar, em muitos trabalhos estigmatizados pela academia, as insatisfações, as inquietações que cerceiam determinada comunidade em um determinado tempo histórico, nos ajudando a estabelecer as especificidades de períodos diferentes, evitando as comparações. É fundamental ressaltar que o historiador trabalha com fragmentos, destacando que nenhum trabalho irá recompor o passado, mas reelaborar, reinventar a partir de um campo de possibilidades. Mais ainda, o historiador recria sentidos à sua pesquisa e suas análises a partir do diálogo com as fontes.

---

<sup>11</sup> CHARTIER, Roger. À beira da falésia – a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

<sup>12</sup> CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

Em se tratando de um instituição espírita, é oportuno pensar o campo do sagrado e do profano. Sabemos que este binômio precisa ser pensado historicamente, abordando os elementos culturais que nos possibilitam compreender as experiências individuais. O cultural é aqui compreendido como modos de vida, o econômico, o social, o religioso, a maneira como as pessoas dão significado ao sagrado e ao profano. Como aponta Eliane Moura Silva, “[...] para estudar os fenômenos religiosos, o historiador deve sempre estar atento ao uso e sentido dos termos que em determinada situação geram crenças, ações, instituições, condutas, mitos, ritos, etc”.<sup>13</sup>

Numa obra organizada por Le Goff e Pierre Nora, Alphonse Dupront<sup>14</sup> apresenta um artigo apontando questões teóricas significativas para pesquisadores que optaram por escolher trabalhar com religiosidade. O viver religiosamente, segundo este autor, significa pensar uma constante integração entre o racional e irracional, a visão que estes sujeitos possuem do universo,<sup>15</sup> na busca das divindades, associadas às suas experiências vividas, sua maneira de atuar socialmente, a maneira de se organizarem.

Dentro ainda da mesma obra, Dominique Julia considera os fenômenos religiosos numa complexa relação com a posição social destes sujeitos históricos, juntamente com a idéia de sobrenatural que esses mesmos indivíduos construíram. Os estudos sobre imaginário, segundo este artigo, foram imprescindíveis para redefinir conceitos e métodos, ampliando caminhos de investigação e buscando refletir acerca do campo simbólico envolvendo estas pessoas.

O estudo acerca dos valores simbólicos e o imaginário são de muita valia para este trabalho. Em seu clássico texto, intitulado *Imaginação Social*, Baczko<sup>16</sup> apresenta um estudo detalhado no que se refere à ideologia e ao poder simbólico do imaginário. Ele remonta as construções teóricas de diversos filósofos, as suas aproximações e distanciamentos, tal como Marcel Mauss, Durkheim, Rosseau, Marx, entre outros. Mediando com diversos pensadores, Baczko defende que toda prática é fruto da concepção que temos do mundo. É a exteriorização da própria existência, o que a sua própria vida significa, relacionada com a imagem que se tem dos outros. Desse ponto de

---

<sup>13</sup> SILVA, Eliane Moura. O espiritualismo no século XIX. In: Textos Didáticos. Campinas: IFCH/Unicamp, nº 27/ago, 1999, p. 7.

<sup>14</sup> DUPRONT, Alphonse. A religião: Antropologia religiosa. LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. História: novas abordagens. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

<sup>15</sup> JULIA, Dominique. A Religião: História religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. História: novas abordagens. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

<sup>16</sup> BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: Enciclopédia Einaudi. Porto: Casa da Moeda, 1986.

vista:

[...] É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de bom comportamento. [...].<sup>17</sup>

O autor defende que o imaginário é o lugar dos conflitos, mas também rege uma ordem social. É por esta condição que se tem a legitimação do poder. Portanto, a imaginação social é uma das forças reguladoras da vida coletiva e o poder funciona como uma espécie de dispositivo para assegurar a legitimidade do imaginário social. O poder não o determina, mas o relaciona. O poder enfrenta o seu arbitrário dado de que nenhuma sociedade é homogênea. Ao contrário, ela se apresenta de forma adversa e conflituosa. Assim, é possível asseverar que:

O imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção dos “discursos” nos quais e pelos quais se efetua a reunião das representações coletivas numa linguagem.<sup>18</sup>

Uma questão imprescindível a ser abordada neste projeto de pesquisa é a discussão sobre memória e História. Para Alessandro Portelli, a memória, a fala, as experiências vividas são aspectos sociais, constituídos pelos indivíduos dentro de um determinado espaço e tempo, não podendo ser considerados, contudo, como memória coletiva. Cada indivíduo possui uma memória que lhe difere de outros. Há várias maneiras de se olhar e interpretar uma dada realidade. As pessoas, à sua maneira, ressignificam os espaços em que vivem, a partir de um tempo, elaborando mitos sobre realidades que viveram ou que tiveram um contato com algo já ocorrido. É preciso ressaltar, também pela ótica de Portelli, os sentimentos que são compartilhados destas tantas memórias individuais. O medo, a insatisfação, a descrença, entre outros, aproximam as pessoas, talvez constituindo uma identidade. Portanto, cada um apresenta uma dimensão diferenciada de cada um destes anseios e sensações.<sup>19</sup>

A memória e o relato oral sempre são uma questão de busca de sentido, a memória não é um depósito de dados e de fatos. A recepção em si é uma interpretação;

---

<sup>17</sup> Ibidem, p. 309.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 311.

<sup>19</sup> PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 14, fev, 1997.

então, sempre há interpretações, que estão sempre se processando, em movimento constante. Assim sendo, todos são historiadores de alguma maneira, todos têm uma visão de história, uma interpretação; todos dão um sentido ao passado, todos têm uma relação entre o presente em que narram ou relatam e o passado de que falam. Há esses paradigmas de forças, o passado e o presente, o entrevistado e o entrevistador, o “eu” enunciador e o “eu” enunciado e todas essas relações estão sempre em movimento, o tempo todo.<sup>20</sup>

A evidência oral é importante não apenas como uma fonte de informação, mas também pelo que faz para o historiador, que entra no campo como um fiscal invisível. Pode ajudar a expor os silêncios e as deficiências da documentação escrita.<sup>21</sup>

Consideramos como ponto de partida mais positivo da história oral, para além daquele que é o de rememorar uma época por meio da lembrança, a possibilidade de recuperarmos a voz de sujeitos históricos e sociais desprivilegiados da cena histórica. A emergência de que as histórias desses sujeitos sejam reconstituídas e reconstruídas só é, em alguns casos, possível mediante a história oral. Segundo Alessandro Portelli, a importância das fontes orais nos remonta a

[...] eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam uma nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não homogêneas.<sup>22</sup>

Além dos depoimentos, a documentação oficial da instituição (atas, fichas médicas, relatórios, fotografias, orações e sugestões de tratamentos psicografados, entre outros), é aqui considerada o aporte principal para a compreensão do cotidiano vivenciados por médicos, religiosos, auxiliares de saúde e os doentes. Os artigos de imprensa, os livros dos memorialistas, as atas da Câmara Municipal, os processos de leis do executivo, as subvenções assistenciais, de forma secundária, permitirão compreender que discursos e representações foram criadas pela sociedade, possibilitando a institucionalização da loucura.

<sup>20</sup> PORTELLI, Alessandro. História Oral e Memórias: entrevista com Alessandro Portelli. In: Histórias e Perspectivas, Uberlândia, (25 e 26): jul./dez. 2001/jan./jul.2002, p. 36.

<sup>21</sup> SAMUEL, Raphael. Documentação – História Local e História Oral. In: SILVA, Marco Antônio da. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.9, n. 19, set.89/fev.1990, p. 237.

<sup>22</sup> PORTELLI, Alessandro. “O que faz a História Oral diferente”. Revista Projeto História. São Paulo, n. 14 fev., 1997, p. 27.

A discussão sobre a imprensa também será valorizada com o intuito, entre outros, de refletir acerca do lugar nela “conquistado” pelos adeptos do espiritismo e de como, especialmente, por meio dos jornais, foi possível estabelecer seus espaços e se afirmar perante a sociedade. A imprensa terá, desta forma, uma contribuição relevante à propagação dos ideais espíritas. Segundo Capelato,<sup>23</sup> a imprensa quer passar uma idéia de neutralidade, “revelando” verdades, mas atua influenciando nos comportamentos e impondo ideologias políticas. Os meios de comunicação de massa dispõem de fortes mecanismos de coerção forjadores de identidades, escondendo da sociedade que os consomem, os conflitos presentes no cenário social. Esta relação de produção e recepção de idéias e valores é conflituosa, por isso reelaborada incessantemente. É nesta perspectiva que trabalha Michel de Certeau,<sup>24</sup> Chartier,<sup>25</sup> entre outros, quando apontam rearticulações, ou reconstruções, que os leitores são capazes de fazer a partir das informações absorvidas, interagindo com a sua maneira própria de entender o mundo e as coisas. Assim, esta reelaboração

[...] é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com os produtos próprios mas nas ‘maneiras de empregar’ os produtos impostos por uma ordem econômica dominante.<sup>26</sup>

Neste sentido, o trabalho se apoiará, também, nos documentos de época disponíveis para análise e, para tanto, foi pesquisado, no acervo do Arquivo Público Municipal da cidade e do CDHIS (Centro de Documentação e Pesquisa em História), e na imprensa local – jornais e revistas – artigos que problematizavam os discursos das elites, no que diz respeito à modernidade, ao progresso e aos demais projetos da ordem que objetivaram excluir e estigmatizar parcelas significativas da sociedade, entre eles os loucos.

As Atas Públicas Municipais, os Processos de Leis, os Códigos de Posturas serão de grande relevância à pesquisa, pois possibilitarão compreender as articulações políticas na construção e subvenção do sanatório. Fundamentalmente, trabalhar-se-á

<sup>23</sup> CAPELATO, Maria Helena. Imprensa, uma mercadoria política. *Histórias & Perspectivas*. Uberlândia: UFU, n. 4, jan./jun., 1991.

<sup>24</sup> CERTEAU, Michel. CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002..

<sup>25</sup> CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

\_\_\_\_\_. *À beira da Falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. *A aventura do livro. Do leitor ao navegador*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

<sup>26</sup> CERTEAU, Michel, *Op. cit.*, p. 39.

com os vinte e nove prontuários catalogados do Sanatório Espírita de Uberlândia, de 1942 a 1959, em que constam, nestas fichas, ricas informações sobre os internos que ali estiveram “enjaulados”.

No primeiro capítulo, abordaremos os discursos produzidos pela cidade de Uberlândia, discursos estes que nos permitem perceber relações com o projeto assistencialista associado às práticas de intervenção do poder público para higienizar o espaço urbano. À medida que avançamos na análise da documentação, é perceptível um espaço constante de lutas e conflitos. Neste sentido, as muitas memórias produzidas na cidade nos possibilitam refletir sobre a complexidade dos discursos produzidos neste campo de tensão, e a forma como tais práticas possibilitaram a construção de uma instituição asilar para tratar a loucura, relacionando-a com outras instituições que possuíam o mesmo intuito assistencialista.

Ainda no primeiro capítulo, será de grande valia o debate com outros historiadores que pesquisam a institucionalização da loucura neste período, abordando, primordialmente, as teorias médicas, tais como os projetos higienistas, as teorias eugênicas, a utilização de terapias, entre outros.

No segundo capítulo, ampliando a discussão de assistencialismo, mais especificamente ao tratamento da loucura, será discutido, com mais acuidade, a relação existente entre o espiritismo e a loucura. Examinaremos as teorias espíritas, seus ideários e ideólogos com o objetivo de possibilitar uma melhor compreensão das práticas espíritas e, ainda, cogitar a relação entre o tratamento dado pelos espíritas aos internos, com os tratamentos convencionais aplicados pela medicina, além de buscar os possíveis conflitos com a sociedade de médicos, com o poder público local, com clérigos, entre outros. Num segundo momento, poder-se-á investigar a atuação dos referentes espíritas envolvidos com as políticas assistencialistas e conjecturar acerca dos significados elaborados pelos dirigentes kardecistas em torno da caridade, associados aos tratamentos tortuosos presenciados no manicômio.

Finalmente, no terceiro capítulo, debruçaremos nos prontuários da instituição, mais especificamente nos *históricos da doença*, ou *anamneses*, parte contida na ficha de enfermos, que contêm relatos dos familiares dos que ali seriam internados. Neste capítulo, após as escolhas de casos significativos, discorreremos sobre os diversos significados existentes acerca da loucura, fazendo possíveis contraposições com os diagnósticos e com a forma de tratamento aplicada na instituição. Este exercício de

reflexão tende ampliar a compreensão de como os internos viviam na instituição, permitindo ainda construir uma narrativa mais dinâmica e valorizar as vivências destes internos, afastando com isso uma reflexão fria, congelada e mórbida. A pretensão é dar vida a estes sujeitos, mostrando outras vozes que desafinavam com o coro da ordem e do progresso materializado pela documentação.

1. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA LOUCURA EM  
UBERLÂNDIA: DISCURSOS DE CONTROLE E  
POLÍTICAS DE HIGIENIZAÇÃO

## 1.1 Entre a cidade invisível e a real: urbanização, progresso e exclusão social

Toda história da loucura, (re)contada nas vastas obras sobre o tema hoje existentes têm algo em comum: a retirada dos “anormais” das ruas, da convivência com o mundo são, com o propósito não apenas de isolar o irracional do racional, mas de promover a sua cura. Fazem parte do imaginário popular, personagens “folclóricos”, divertidos, que, por serem loucos, fugiam das convenções estabelecidas pela cidade, levavam o riso às pessoas, recebendo em troca, de quando em vez, a chacota, o ultraje. O riso, a zombaria, os insultos eram freqüentes, mas, todavia, os insanos conviviam com os “normais” não invadindo o espaço um do outro.

Esta preocupação com os personagens estranhos, os “doidos” caricatos, feios e desajeitados que perambulam por qualquer cidade dos fins do século XIX, alvo da caridade pública, não por mera coincidência, na implantação da República brasileira, tornou-se objeto de investigação, e gerou medidas de controle tanto por parte do Estado quanto da própria medicina. Este foi um dos temas abordados pela pioneira investigação de Maria Clementina:

[...] Como tema de reflexão... resta precisamente aquilo que parece estranho aos nossos olhos de final do século XX: constatar que, “loucos” ou não, estes personagens foram aceitos com tolerância, protegidos espontaneamente pela população das cidades, objeto às vezes de forte apreço popular, motivo de riso frequentemente, mas não necessariamente de medo e inquietação, como hoje – questão que remete imediatamente a significados no plano cultural. De personagens pitorescos e aceitos em sua diferença, constrói-se a figura ameaçadora do doente mental. Não há nada de fortuito na convergência de tempos que faz com que esta passagem coincida com o advento da República”.<sup>27</sup>

Num primeiro momento nos interessa entender quando os loucos começaram a ser motivo de preocupação para os habitantes de Uberlândia e, a partir daí, quais forças sociais empreenderam projetos de ordenação do espaço urbano, disciplinarizando-o e, quais eram seus motivos ou justificativas. Contudo, será necessário enumerar as diversas práticas assistencialistas ocorridas nesta cidade para se discutir o imaginário em torno da construção de um sentimento humanitário que envolvia estas ações,

---

<sup>27</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Cidadelas da ordem*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 13-14; Cf. CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo: Juquery a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

imbricadas em relações de poder que, por sua vez, escamoteavam o desejo da ascensão social das pessoas envolvidas, além de promoverem políticas de controle social.

Em todo país, desde o século XIX, inúmeras medidas foram tomadas pelo poder público, tendo como intento a edificação de um modelo de sociedade que atendesse aos interesses das elites. Os variados grupos sociais, numa relação conflituosa e ao mesmo tempo consonante, se organizaram à sua maneira, estabelecendo projetos políticos e econômicos que assegurassem o seu reconhecimento perante a sociedade. Seria pertinente buscarmos quem são estes grupos? Qual era o limite de atuação das pessoas? Havia uma hegemonia das elites? Quem eram estas pessoas capazes de transformar a vida de muita gente? É necessário questionarmos estes movimentos utilizados para disciplinarizar o espaço urbano, observando atentamente, por outro lado, as recusas.

O Sanatório Espírita de Uberlândia foi inaugurado em 1942 por espíritas, frequentadores do mais antigo centro espírita da cidade, denominado *Fé, Esperança e Caridade*. Estes “militantes” religiosos serão os responsáveis pela construção do asilo e também da sua administração, atividade esta mantida pelas contribuições da população local e, mais tarde, pelo poder público estadual que desloca para a instituição um médico especialista, que nela se mantém por 18 anos. Nesta cidade, tal empreendimento não foi planejado por médicos, como ocorrera em outras cidades, mas por kardecistas.

A existência do Sanatório Espírita de Uberlândia e a sua eficácia em garantir o isolamento do louco remonta uma complexidade de ações, daí o interesse deste capítulo em investigar os dispositivos de controle lançados e defendidos por diversos setores urbanos e a recepção das pessoas diante dessa instituição. Mais ainda, as maneiras pelas quais as pessoas se posicionaram, se fizeram presentes, lutaram para que projetos higienizadores não ficassem somente no papel. Portanto, entender as relações de forças, o imaginário delineado em torno da doença,<sup>28</sup> dos portadores de transtornos mentais e do tratamento assistencialista, nos possibilita entender a maneira como os diversos setores da comunidade local se empenharam na transformação, limpeza e ordenação do espaço urbano.

Com o advento da República foi imperiosa a necessidade de se forjar a figura do homem livre trabalhador, cuja mão de obra migrante ou de ex-escravos inchava as

---

<sup>28</sup> A referência acerca do imaginário sobre a loucura considera tanto a produção do pensamento científico, como também os significados construídos pela população leiga. Partindo desta premissa é interessante conferir a obra de TRONCA, Ítalo A. *As máscaras do medo: Leproids*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000. 157 p.

idades brasileiras do século XIX. Para tanto, observa-se a existência de inúmeros projetos políticos implantados para higienizar o espaço urbano e estabelecer normas de condutas ideais aos habitantes.<sup>29</sup> Como nos mostra Roberto Machado,<sup>30</sup> houve uma intensificação de ações por parte do Estado objetivando a regulação dos comportamentos, sejam morais ou higiênicos. O pensamento científico da época demonstrava que a nação estava doente e que precisava urgentemente ser medicada. O problema era físico, representado pela miscigenação, a má alimentação, os desregramentos, os vícios, unindo-se aos fatores morais. A própria maneira como se deu a colonização brasileira constituiu-se num problema, uma vez que no discurso político das elites republicanas a hibridação com o negro e o índio estabeleceu traços de inferioridade marcantes, impedindo o progresso da nação. Era preciso um controle sistemático da população.<sup>31</sup>

Temos hoje diversos trabalhos que exploram com propriedade a figura do médico e a sua fundamental importância para o empreendimento de ações higienizadoras. Porém, na cidade de Uberlândia a classe médica não estava bem organizada, contava com pouquíssimos profissionais atuando na região que inclusive faziam parte de um sistema itinerante, em que “doutores” aportavam por seis meses até um ano criando clínicas por onde passavam.<sup>32</sup> Antes da fundação da Sociedade Médica de Uberlândia, em 1945, o que se percebe são atuações isoladas, diferentemente do que ocorrera em outras grandes cidades do país, nas quais as intervenções disciplinarizadoras foram mais significativas, especialmente no que diz respeito às suas ações. Todavia, os intelectuais da cidade, a exemplo do que ocorrera em todo o país, foram atuantes em defender um tipo de comportamento físico e moral como saída única para o engrandecimento da nação. Nos discursos produzidos, os médicos são vistos

---

<sup>29</sup> Cf.: SALLES, Iraci Galvão. Trabalho, ordem, progresso e a sociedade civilizada. São Paulo: Hucitec, 1986; CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim. São Paulo: Brasiliense, 1986.

<sup>30</sup> MACHADO, Roberto; et al. Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978. 559 p.

<sup>31</sup> Diversos trabalhos foram publicados destacando a consolidação de teorias higiênicas e eugênicas, influenciando para a normatização da sociedade. Dentre elas, conferir: RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar – a utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985; SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 287 p.; CHALHOUB, Sidney. Cidade febril – cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 250 p.; COSTA, Jurandir Freire. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Graal, 2004. 282 p.

<sup>32</sup> CASTRO, Dorian Erich de. Relicário das práticas médicas no interior das Minas Gerais : transformações, astúcias e persistências (Uberabinha/MG, 1903-1945). 2004. 150 f. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

como verdadeiros pioneiros e bandeirantes de uma reação em construção. Assim nos aponta uma publicação do noticiário de 1918:

O saneamento do Brazil, (sic) em bôa hora iniciado pela missão Rochfeller e apoiado pelos mais legítimos representantes da classe médica brasileira, vae encontrando, mercê de Deus, no interior do Paiz, a cooperação ardentemente desejada. [...] O quadro é lastimável e impressionador: indivíduos apalermados, mentecaptos e enfezados, a arrastar a vida miseravelmente, sob o triste aspecto de uma raça em declínio [...]. É a degenerescência da raça que se manifesta, evidentemente.<sup>33</sup>

No trabalho de Roberto Machado, atestamos as criações, no século XIX, dos códigos de posturas, impostos pelos governantes das províncias, atuando, entre tantos outros aspectos, como uma forte estratégia legal de controle social. Fundada em 1888, a cidade de Uberlândia, período em que se chamava São Pedro de Uberabinha, apresentou, ainda no final do século XIX, leis que possibilitavam cercear a vida das pessoas. Já na primeira Câmara Municipal, empossada em 1892, os vereadores cobraram a criação de um código de posturas, reivindicação esta aprovada por unanimidade.<sup>34</sup>

Os Códigos de Postura municipais de 1903 e 1913, por exemplo, demonstram as regras de condutas impostas aos habitantes da cidade e as infrações que resultariam em punições – pagamentos ou prisões. A “polícia dos costumes” seria a responsável por vigiar e impor as leis aos indivíduos que estivessem fora dos padrões estipulados, excluindo da cidade, loucos, mendigos, prostitutas, ciganos, ébrios. O Código de Postura de 1903 exemplifica:

Art. 111 – Só os pobres, reconhecidamente tais, e aos sábados, é permitido implorar a caridade pública.

Art. 113 – Os ébrios encontrados nas povoações, serão recolhidos à prisão por 24 horas, se alguém de outro não se responsabilizar pelo seu restabelecimento.

Art. 114 - Os loucos, são seus parentes obrigados a tel-os em segurança em lugar que não perturbem o socego (sic) e tranqüilidade.

---

<sup>33</sup> PELO saneamento do Brazil. A Notícia. Uberabinha, 16 jun. 1918.

<sup>34</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. Acta da primeira sessão ordinária realizada no dia 7 abr. 1892. Uberabinha, 1892.

Art. 115 – É expressamente proibida a entrada de cigano no município.

Art. 120 – É proibida toda e qualquer reunião em casa de meretrizes.<sup>35</sup>

Os dispositivos de controle presentes nos Códigos de Postura de 1903 maquiavam as desigualdades sociais, inibiam as lutas dos grupos sociais, funcionando como um instrumento de vigilância e controle que legalizava a aplicação das normas instituídas no espaço urbano. Quem não estivesse dentro dessas normas – ou seja, muitos moradores – poderiam receber sanções:

Art. 216 – São proibidos, dentro das povoações, os curtumes, as facturas de sabão com materiais putrefactas e exhalando mau cheiro, as fabricas de mel de fumo, bem com quaesquer manufacturas ou fabricas, cujas emanações impurifiquem o ar: multa de 30\$.

Art. 217 – são proibidas, dentro das povoações, as casas de caridade, enfermarias e lazaretos para o tratamento de molestias infecto-contagiosas: multa de 30\$ e obrigação de remover.

Art. 219 – Nas povoações ninguém poderá ter mais de dous porcos, que deverão estar presos em chiqueiros bem limpos: multa de 5\$ por cada um que exceda de dous.<sup>36</sup>

Depois de algum tempo, se intensificam os mecanismos de vigilância com a sofisticação das leis contidas nos Códigos de Postura de 1950, que enfatizavam o papel da polícia sanitária:

Art. 42 – A polícia sanitária do município tem por finalidade prevenir, corrigir e reprimir os abusos que comprometam a higiene e saúde pública, e velar pela fiel observância das disposições dêste título, além de cooperar com as autoridades estaduais na execução do Regulamento de Saúde Pública do Estado e com as autoridades sanitárias federais.

Art. 47 – Para preservar, de maneira geral a higiene pública, fica terminantemente proibido: VI – Conduzir para a cidade, vilas ou povoações do Município doentes portadores de molestias infecto contagiosas, salvo com as necessárias precauções de higiene e para fins de tratamento.<sup>37</sup>

<sup>35</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PEDRO DE UBERABINHA. Código de Posturas. Estatutos e leis da Câmara Municipal de S. Pedro de Uberabinha, 1989/1903, Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 39.

<sup>37</sup> CÓDIGO de Posturas Municipais. Câmara Municipal. Uberlândia, 1950. p. 12-13.

Em contrapartida, é preciso ponderar sobre as inúmeras leis elaboradas e a sua aplicabilidade. Seria ingenuidade achar que todas estas leis foram cumpridas integralmente, uma vez que o próprio sistema de exclusão brasileiro não consegue punir todos os casos de infração. O cenário que temos visto no país é de cadeias sempre lotadas, de pessoas sem atendimento médico, escola, casa, entre outros direitos à cidadania constantemente desrespeitados, de modo que a impunidade não é somente cultural no país, mas atua também como regulador das injustiças sociais. Se fossem punir todos aqueles que praticam o curandeirismo e a mendicância certamente o poder público disporia de uma alta quantia em dinheiro e teríamos uma cidade como a relatada por Machado de Assis, na obra *O Alienista*,<sup>38</sup> em que a maioria da população estaria excluída do convívio social.

Fato interessante que nos leva a acreditar nas incontáveis desobediências civis refere-se à primeira cadeia pública construída em Uberlândia, em 1891. “Sua inauguração foi feita por um hóspede do sexo feminino por nome Miguelina, de vida alegre e dominada pelo álcool, razão porque ficou a prisão denominada popularmente por *Miguellina*”.<sup>39</sup> Não apenas criminosos comuns eram presos, mas também arruaceiros e loucos. Em 1908, um louco chamado Pachola fora ali trancafiado e, quando libertado, tinha em mente colocar abaixo aquele lugar que chamara de “ninho de pulgas”. Tal preso se indignara com a precariedade do local, quando, sem que ninguém percebesse, ateou fogo em toda a cadeia. Como se não bastasse,

Com relativa dificuldade, subiu no esteio onde estava o sino, (porque a corda de aciona-lo já não existia), debruçou-se no braço de ferro e com uma pedra repicou o sino aceleradamente chamando por socorro e a cantar a sua canção predileta:

“Chora  
Pachola  
Querer bem tem tempo!  
Namorar tem hora  
Pachola  
Pachola!!!<sup>40</sup>

Era recorrente nos artigos de jornais a cobrança às autoridades locais para punir

<sup>38</sup> ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *O Alienista*. São Paulo: Ática, 1998, 80 p.

<sup>39</sup> TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e pioneiros do Brasil Central. História da criação do município de Uberlândia*. Uberlândia: Uberlândia Gráfica, 1970, p. 83.

<sup>40</sup> *Ibid*, p. 84.

aqueles que mendigavam ou atuavam na prática da medicina ilegal.<sup>41</sup> Isto nos mostra que as administrações locais não conseguiam resolver o problema. A minoria penalizada, alguns mendigos, ébrios, prostitutas e outros compunham o cenário local e disputavam este espaço com outros moradores. Assim, setores da classe média e alta cobravam em Uberlândia providência do poder público:

Verdadeira “gang” de exploradores (e exploradoras) da ignorância deitou raízes na cidade, notadamente nas vilas e nos subúrbios, onde, por artes de bruxaria, curandeirismo e baixo espiritismo, tem iludindo incautos pessoas de boa fé, burlando com isso as leis e a polícia. Chamamos a atenção das autoridades policiais para a atuação nefasta desses indivíduos sem escrúpulos, cuja atuação chega até mesmo a cobrar com vidas, seu preço. “Quimbanda”, “despacho”, baixo espiritismo, curandeirismo, “buena-dicha” (sic) e outros embustes tens punições nos códigos, a Radiopatrulha está aí. Basta a Regional deter e processar indivíduos dessa natureza.<sup>42</sup>

Os avanços tecnológicos que despontavam no Brasil na metade do século XX, a popularização dos meios de comunicação como o rádio, a ampliação da sociedade de consumo, a urbanização e a industrialização contrapondo o meio rural, são elementos fortes que caracterizam as transformações operantes neste momento histórico. Uberlândia não era uma cidade diferente das outras cidades brasileiras, ou até mesmo do mundo ocidental, no que tange ao caráter progressista defendido pelas suas elites e seus discursos.

A partir da década de 1930, mais acentuadamente depois de 1950, o discurso de ordem e progresso foi muito forte no Brasil e deixou não só os intelectuais vislumbrados com as melhorias que o conhecimento científico poderia atingir, como também o imaginário popular. Fascinava a possibilidade de desfrutar variados bens de consumo: o advento de eletrodomésticos e aparelhos eletrônicos; dos gêneros alimentícios; dos avanços das indústrias, produzindo aço, alumínio, entre outros; o desenvolvimento da indústria farmacêutica com a introdução de vacinas e antibióticos, podendo eliminar a tuberculose, a hanseníase e a paralisia infantil. Mesmo que a maior parte da população não desfrutasse destes avanços, o sonho de consumo iria promover transformações profundas no comportamento.

---

<sup>41</sup> BOSI, Antônio de Pádua. Reforma urbana e luta de classes: Uberabinha/MG 1888 a 1922. São Paulo: Xamã, 2004, 274 p.

<sup>42</sup> CURANDEIRISMO e bruxaria dominando as vilas. Correio de Uberlândia, Uberlândia, p. 3, 28 out. 1958.

Na década dos 50, alguns imaginavam até que estaríamos assistindo ao nascimento de uma nova civilização nos trópicos, que combinava a incorporação das conquistas materiais do capitalismo com a persistência dos traços de caráter que nos singularizavam como povo: a cordialidade, a criatividade, a tolerância.<sup>43</sup>

Em Uberlândia, nas importantes obras de memorialistas da cidade e também das entrevistas realizadas para esta dissertação, as falas estão impregnadas do sonho da cidade perfeita:

[...] hospitaleira, franca activa, concorrendo tudo isso para o seu engrandecimento. O povo laborioso e inteligente. Enquanto os homens trabalham nas roças, as mulheres dos agregados (sic) fiam e tecem, tôdos cuidam com carinho de sua obrigação. Aqui não conhece a ociosidade.<sup>44</sup>

Mas esta cidade venturosa não aconteceu, embora estes habitantes acreditassem já viver nela. A ineficiência do Poder Público em manter uma cidade ordeira é incontestável, apesar das leis em vigor. É necessário pontuar como um espaço marcado pelas contradições, local de disputas, ainda que na imprensa e, possivelmente nas programações de rádio,<sup>45</sup> tentou-se construir a imagem de uma cidade sem favelas, sem pobreza, o paraíso na terra. Se é comum os discursos sobre o progresso em todo o Brasil e em todo o Ocidente, vale ressaltar, todavia, as diversas práticas políticas absurdas que não condizem com a realidade urbana. Podemos citar vários exemplos, entre eles a construção de um teatro municipal com capacidade equiparada à de metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro. Por outro lado, a grandeza de Uberlândia que se faz presente nesses discursos se justifica quando pensamos nas estratégias dos coronéis em

---

<sup>43</sup> MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 560. Sobre essa época cf.: CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. Conciliação, reforma e resistência: governos, empresários e trabalhadores em Minas Gerais nos anos 50. 1998. 203 f. Tese (Doutorado em História) –Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998; GOMES, Ângela de Castro; et. al. (Org.); O Brasil de JK. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2002, 223 p.; TREVISAN, Maria José. 50 anos em 5...; a FIESP e o desenvolvimentismo. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986, 205 p; RODRIGUES, Marly. A década de 80: Brasil: quando a multidão voltou às praças. São Paulo: Ática, 1994, 77 p.

<sup>44</sup> CAPRI, Roberto. Município de Uberabinha – Minas. São Paulo: Editores Capri, Andrade & C., 1916, p. 37. Conferir também: PEZZUTTI, Cônego Pedro. Município de Uberabinha: história, administração, finanças e economia. Uberabinha: Oficinas Livraria Kosmos, 1992.; ARANTES, Jerônimo. Cidade dos sonhos meus: memória histórica de Uberlândia; SILVA, Antônio Pereira. As histórias de Uberlândia. (v. 1, 2 e 3). Uberlândia: s/ed., 2002; CAPRI, ROBERTO. Op. cit.

<sup>45</sup> DÂNGELO, Newton. Vozes da cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio, Uberlândia - 1939/1970. 2001. 319 f. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

buscar o lucro rápido, por meio da especulação imobiliária.<sup>46</sup> Em sua maioria ruralistas, atuantes também na política, valeram-se de mecanismos publicitários eficazes em construir uma representação da cidade que seria ideal para viver, urbanizada, difundindo-a como modelo para todo o país.

Os discursos atingiam ressonância na medida em que obras suntuosas eram realizadas; casas populares, afastadas da cidade, eram construídas, valorizando terras, gerando capitais para novas construções, atraindo empresas de outras localidades por meio da quase isenção de impostos, movimentando o mercado de construção civil, empresas, aliás, atreladas à estas elites uberlandenses. Quem anda nas zonas centrais da cidade pode até concluir que não existem favelas, que todos os bairros possuem sistema de esgoto. Na verdade a pobreza está bem afastada e a herança de Uberlândia é o elevado número de desemprego e de criminalidade adquiridos em decorrência de políticas gananciosas e da falta de projetos sociais. Claro está que não é possível negar o progresso econômico e urbano desta cidade. Basta dizer que entre as décadas de 1950 a 1980 a população urbana triplicou, os bairros se multiplicaram e de cidade pólo comercial em 1965 se consolida o distrito industrial. Construções modernas, parques, viadutos, avenidas radiais, rodovias estaduais e federais conferem ao lugar destaque regional e nacional. Tudo isso, evidentemente, é decorrente de um forte plano local que aliado ao apoio dos governos militares permitiu que a cidade usufruísse de projetos tais como o II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND) e mais especificamente do Polocentro, que reverteu à região do cerrado financiamentos substanciais para a produção de grãos de soja, de café e de milho para exportação.<sup>47</sup>

De forma dialética, todo progresso, especialmente no capitalismo, apresenta sua face perversa. E não é por acaso que Uberlândia convive com graves problemas sociais,

---

<sup>46</sup> Um trabalho que aborda como alguns latifundiários utilizaram políticas municipais para valorizarem suas terras, obtendo lucros estratosféricos é o de SOARES, Beatriz R. *Habitação e produção do espaço em Uberlândia*. 1988. 222 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

<sup>47</sup> Sobre esta temática conferir: GONÇALVES NETO, Wenceslau. *Estado e agricultura no Brasil: política agrícola e modernização econômica do Brasil. (1960-1980)*. São Paulo: Hucitec, 1997; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. *Ação do Estado e as transformações agrárias no cerrado das zonas de Paracatu e Alto Paranaíba/MG*. 1988. 239 f. Tese (Doutorado em Geografia)-Unesp, Rio Claro, 1988.; MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Cultura popular e desenvolvimentismo em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)*. 1998. 291 f. Tese (Doutorado em História)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

entre eles a marginalização racial daqueles que aqui aportaram em busca do sonho de viver no eldorado e só depois descobrem que a magia funciona para poucos.<sup>48</sup>

Tenta-se construir, pelos meios de comunicação, um imaginário de que o aspecto deplorável da cidade se deve aos forasteiros, já que a população uberlandense era ditosa, harmoniosa. A contradição fica evidente, pois, ao mesmo tempo em que intentam difundir o nome da cidade às outras regiões do país para atraírem investimentos, reclamam a vinda de pessoas em busca de trabalhos e, não encontrando, se lançam na mendicância, na prostituição, no roubo, uma maneira de sobreviver, aspecto, aliás, recorrente em várias cidades brasileiras.

O que está em evidência não é somente a inegável existência da pobreza, da falta de atendimento médico, da ineficiência do Estado. Percebemos setores distintos da sociedade reivindicando ações condizentes com a sua forma de estar na cidade, nos mostrando o choque de interesses com as camadas mais favorecidas financeiramente, as disputas de poder, como também, de não haver na cidade, como em muitas outras do país, um discurso único capaz de arregimentar sua estrutura política. Nesse sentido, é possível vislumbrar no cenário de Uberlândia, greves que pululavam até meados de 1950, especialmente no setor de transportes. O “quebra-quebra” que eclodiu em 1957, tornou a cidade uma praça de guerra por, no mínimo, três dias. A resistência dos pobres à ação educativa e esclarecedora das instituições filantrópicas, a existência do Partido Comunista, cuja existência, por mais pejorativa que fosse, fez com que a cidade ficasse rotulada como a “Moscou brasileira”.<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> Cf.: CALVO, Célia Rocha. Muitas memórias e histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos, Uberlândia 1938 – 1990. 2001. 291 f. Tese (Doutorado em História)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001; RODRIGUES, Jane de Fátima da Silva. Trabalho, ordem e progresso: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense; o setor de serviços 1924-1964. 1989. 214 f. Tese (Doutorado em História)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989; MACHADO, Maria Clara Tomaz. A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada, Uberlândia, 1965-1980. 1990. 322 f. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990; ALEM, João Marcos. Caipira e country: a nova ruralidade brasileira. 1996. 266 f. Tese (Doutorado em História)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996; OLIVEIRA, Julio César de. O último trago, a última estrofe: vivências boêmias em Uberlândia nas décadas de 40, 50 e 60. 200. 181 f. Dissertação (Mestrado em História)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000; LOPES, Valéria Maria Queiroz Cavalcante. Caminhos e trilhas: transformações e apropriações da cidade de Uberlândia (1950-1980). 2002. 190 f. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

<sup>49</sup> NUNES, Leandro José. Cidade e imagens: progresso, trabalho e quebra-quebras - Uberlândia - 1950/1960. 1993. 113 f. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993; SANTANA, Eliene Dias de Oliveira. Cultura

A perspectiva de análise advinda da documentação dos jornais locais apresenta algumas armadilhas que serão preciso evitar. No trato com esta fonte, será importante destacarmos que se trata de um espaço político de intensos conflitos, de reivindicações para suprir seus interesses que, longe de serem neutras, ajudam a difundir idéias e comportamentos. Não podemos compreendê-la como a voz da população, ao contrário, nas suas brechas, quando denuncia os entraves ao progresso, deve-se investigar seus anseios e ações materializadas cotidianamente e tentar identificar quais são os seus interlocutores. Os artigos veiculados pelos jornais de Uberlândia realçam quais os propósitos se escondem nas entrelinhas:

A nossa cidade está se tornando o paraíso dos mendigos.  
Já não perambulam só pelas nossas avenidas; andam aos magotes.  
E o pior (sic) de tudo isso, é que esses infelizes são, na sua maioria, de fora.  
Parece que alguém soprou ouvidos dessa gente que isso aqui é um paraíso, para os deserdados da sorte. [...]. Não é possível que tenhamos que aturar esses fatos, quando é notório que possuímos um Dispensário, que na medida de suas forças, atende aos nosso pobres.  
Já é tempo de acabarmos com esses espetáculos degradantes e com essa exploração de falsos mendigos.<sup>50</sup>

Partindo destas declarações fica fácil antever as ações higienizadoras impetradas pela polícia sanitária. As relações sociais que compõem o cenário local são diversas e contraditórias, ao mesmo tempo em que se luta para retirar do convívio comum, os bêbados, as prostitutas, os doentes, contribui-se com esmolas. A partir do enredo destes textos jornalísticos, compreende-se que as profissionais do sexo preenchem as “carências” sexuais dos mesmos pais de família que reivindicam o afastamento da vagabundagem. Portanto, questiona-se: Em que medida tais ações normatizadoras foram eficazes para atingirem os seus intentos? Os governos, juntamente com os religiosos, intelectuais, entre outros, conseguiram, a partir de explicações científicas, extirparem o que consideravam ser um entrave ao progresso?

Não é somente a religião kardecista que se deve enfocar, instituição que administrava o Sanatório Espírita de Uberlândia, mas perceber como o jogo de interesses entre os diversos segmentos sociais possibilitou o funcionamento da

---

urbana e protesto social: o quebra-quebra de 1959 em Uberlândia-MG. 2005, 147 f. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

<sup>50</sup> A CIDADE está infestada de mendigos. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 16 nov. 1940.

instituição em questão e, se possível, relacionar com outras casas assistencialistas que apresentaram caráter semelhante com o hospício.

É possível verificar que, em inúmeras cidades, mesmo não existindo um asilo específico para a loucura, comunidades assistencialistas preencheram a ausência de psiquiatras e de hospícios. Foi assim com as construções dos vários hospitais chamados de Santa Casa de Misericórdia, administradas pelos católicos<sup>51</sup> e de hospícios dirigidos por espíritas.<sup>52</sup>

Foram constantes as gerências de instituições na cidade de Uberlândia por parte de grupos filantrópicos. As instituições de saúde que atendiam a cidade, até a primeira metade do século XX, eram administradas por ordens religiosas, particulares ou federais. A Santa Casa de Misericórdia era dirigida pela Sociedade São Vicente de Paula, sendo este grupo pertencente ao catolicismo e, em seus discursos, este hospital se evidencia como uma obra assistencial, não deixando, entretanto, de ser considerada a primeira forma de tratamento médico alopático na cidade.

A Santa Casa, instituição que prestava atendimento médico às pessoas pobres e indigentes, foi criada em 1918 pela Irmandade Misericórdia de Uberabinha, contando com o apoio de duas irmãs belgas Celina e Helena que, como enfermeiras formadas, assistiam aos médicos da cidade nos procedimentos clínicos e cirúrgicos. A sua existência foi irregular até 1940, quando foi assumida pelos Vicentinos e com prédio próprio se estabeleceu no bairro Martins. Por essa época foi construída uma nova sede na Av. Vasconcelos Costa, com uma arquitetura nos moldes do Panóptico. Hoje, em seu lugar, está instalado o hospital Santa Genoveva.<sup>53</sup>

Além disso, é preciso ressaltar o Dispensário dos pobres de Uberlândia, cuja história se estende de 1934 à 1970, gerido também pela Sociedade São Vicente de Paula, cujos objetivos, além de retirar os mendigos da rua, eram de auxiliar

---

<sup>51</sup> Cf. MACHADO, Roberto. Op. cit.; WADI, Yonissa Marmitt. Op. cit.

<sup>52</sup> Cf. STOLL, Sandra Jacqueline. Entre dois mundos: o espiritismo da França e no Brasil. 1999. 255 f. Tese (Doutorado em Antropologia), USP, São Paulo, 2002.

BOFF, Angélica Bersch. Espiritismo, alienismo e medicina: ciência ou fé? Os saberes publicados na imprensa gaúcha da década de 1920. 2001. 262 f. Dissertação (Mestrado em História), UFRGS, 2001.

PETERS, Carlos Eduardo Marotta. Asilo espírita "Discípulos de Jesus" de Penápolis: a loucura no cotidiano de uma instituição disciplinar (1935-1945). 2000. 149 f. Dissertação (Mestrado em História), UNESP, Assis/SP: 2000.

<sup>53</sup> Cf. RIBEIRO, Raphael Alberto; MACHADO, Maria Clara Tomaz. Almas enclausuradas: práticas de intervenção médica, obsessão e loucura no cotidiano do Sanatório Espírita de Uberlândia/MG (1932-1970). In: ISAIA, Artur César (Org.). Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea. Uberlândia: Edufu, 2006.

materialmente a pobreza e exercer o controle sobre as doenças contagiosas. O seu alvo principal eram os doentes portadores de Hanseníase, e, no Estado Novo, teve papel atuante na aplicação da política de saúde que construiu leprosários e preventórios por todo o país, isolando os doentes. Nesse sentido, este Dispensário promoveu a disciplinarização do espaço urbano de Uberlândia, afastando a pobreza indigente para a periferia, mantendo, dessa forma, a imagem de “cidade jardim”.<sup>54</sup> A título de exemplo, na época de Vargas, quando se institucionaliza uma política de saúde pública no país, as construções do leprosário (Bambuí) e do preventório (Araguari) de Minas Gerais foram descartadas veementemente pelo poder público municipal das respectivas cidades, alegando que as famílias dos doentes de outras regiões, ao se deslocarem para esta cidade, comprometeriam não só o progresso visível como isso custaria caro aos cofres públicos. O bairro Lagoinha, bastante afastado da cidade neste período, passou a abrigar e esconder os leproso da cidade.<sup>55</sup>

Da mesma forma, os menores carentes juntamente com os mendigos e imigrantes foram, à princípio, afastados da cidade e recolhidos em instituições como demonstra o quadro abaixo:

TABELA 1

Instituições Assistenciais de Caridade Pública em Uberlândia (1900-1967)			
Nome	Ano	Administração	Atuação
Asilo Santo Antônio e São Vicentino	1908	Sociedade Vicentina	Idosos
Casa Criança	1940	Rotary Club	Crianças
Casa da Divina Providência	1940	Sociedade Vicentina	Crianças
Patronato Buriti	1947	Rotary Club	Crianças
Patronato Rio das Pedras	1953	Sociedade Eunice Weaver	Crianças

Fonte: MACHADO, Maria Clara Tomaz. A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada (Uberlândia 1965 a 1980). 1990, 322 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

<sup>54</sup> Cf. MACHADO, Maria Clara Tomaz. A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada (Uberlândia 1965 a 1980). Op. cit.

<sup>55</sup> GOMIDE, Leila Scalia. Órfãos de pais vivos: a lepra e as instituições preventórias no Brasil: estigmas, preconceitos e segregação. 1991. 278 f. Dissertação (Mestrado em História)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

Estas instituições assistenciais promoviam não só a segregação dos excluídos sociais como pretendiam sua moralização no ideário burguês. Um dos grandes projetos alardeados pelo prefeito Tubal Vilela da Silva foi a transferência da zona do meretrício, do centro da cidade, em 1954, para a área periférica da cidade, conhecida como Rua Uberaba.

A criação da Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia (ICASU), em 1965, administrada pelo empresariado uberlandense, tinha por objetivo retirar das ruas mendigos, leprosos, migrantes e mais tarde os menores. Esta instituição consegue por vinte e cinco anos manter a pobreza invisível, inaugurando em 1975 uma nova forma de exploração do trabalho do menor carente pelo empresariado local sob a forma de aprendizagem de um ofício. Obviamente a pobreza circundante não deixou de existir e confrontar as imagens de progresso fabricadas, o que eclodiu no censo demográfico de 1980, quando o IBGE apontou uma distribuição desigual, em que 40/60% da população uberlandense sobrevivia na miséria, sem emprego formal que lhes garantisse uma vida digna.

É nesta perspectiva que trabalha a autora Maria Clara Tomaz Machado,<sup>56</sup> questionando o papel exercido por alguns grupos sociais no que diz respeito à assistência social institucionalizada. Segmentos sociais que foram interpretados pela memória hegemônica como abnegados, almas resignadas e defensores das camadas mais pobres, que são compreendidos, paradoxalmente, por outra ótica, como sujeitos mantenedores de uma realidade excludente. Neste viés, tais grupos não representaram uma opção contrária à desigualdade social, não contestaram o regime de exclusão social, ao contrário, perpetuaram o poder instituído, harmonizando-se com os interesses dos governantes e empresários.

Tentemos construir alguns enredos que possibilitem pensar uma cidade marcada pela confluência de pensamentos e práticas, questionando a memória que ficou registrada. Na documentação analisada é preciso interpretar outras trajetórias a partir de indícios, nos inspirando a recontar e a (re)construir tramas que foram recusadas e até mesmo ignoradas pela versão oficial. Atentemos para a notícia:

---

<sup>56</sup> MACHADO, Maria Clara Tomaz. A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada (Uberlândia 1965 a 1980), 1990.

Naquela tarde tropical, de ante hontem (sic), quando os raios de sol se esparziam sobre o casario moderno e punham em relevo luminoso a fachada soberba do cine Theatro Uberlândia, de todos os recantos da cidade dos curtiços e tugirios, dos ranchos e tapíras, que os há, também, contrastando com o progresso de Uberlândia, legiões intermináveis de crianças pobres amarellas e barrigudinhas pela opillação; pés descalços, trapos sobre o corpo, ocorrem a Afonso Pena, para receber as roupas que lhes ofertaram as Casas Pernambucanas locais.

[...] Eu vi uma Uberlândia diferente; eu vi um Brasil, alli, sem glória, nem grandeza; eu vi, naquelas crianças pobres, miseráveis, uma negra e dolorosa mancha da organização social de nossos dias!

Então senhores, isto é o progresso de que tanto nos envaidecemos?

Isto é a pátria, a muito amada Pátria Brasileira, que as páginas da história elevam ao pináculo da gloria?

Será isto a civilização christan, toda ternura, solidariedade, amor?

Ou é o libello contra a nossa hipocrisia?

Ou é a prova, que deprime, que constringe e que revolta do egoísmo humano?<sup>57</sup>

Observemos atentamente que o discurso não é uníssono. O jornal representa parte das elites uberlandenses, porém há textos produzidos neste mesmo veículo midiático que contradizem os seus ideais de desenvolvimento pretendido, quais sejam, a construção da imagem de cidade modelo, espaço este demarcado por ilustres habitantes que sacrificam suas vidas pelo progresso. O trecho acima citado aponta para a insatisfação de morar em Uberlândia, diante de níveis de desigualdades sociais intoleráveis. Chama-nos a atenção na documentação, tanto quanto o tom de denúncia da matéria e a desilusão acerca do progresso, o fato de podermos trabalhar com as brechas deixadas na redação jornalística.

No que tange às questões sanitárias e de saúde pública, diversos artigos foram publicados pela imprensa uberlandense com a intenção de exigir soluções para questões relacionadas com hospitais, doenças transmissíveis, mendicância, leprosos, higiene pública e ações de governantes. No artigo *Deficiência de nosso Centro de Saúde*, o redator relata a necessidade de tomada de atitudes por parte dos políticos na tentativa de melhorar o atendimento do hospital:

[...] Nossa cidade possui (sic) uma população superior a 50 mil habitantes. Nosso organismo social é entrosado das mais diversas pessoas que se oriundam das mais longínquas terras do Brasil. Nosso contacto com estranhos se prolifera cada vez mais. A necessidade de um bom aparelhado Centro de Saúde seria a primeira providência a

<sup>57</sup> CRIANÇAS pobres. A Tribuna. Uberlândia, 23 nov. de 1938. n. 1761. p. 2.

ser tomada pelos poderes públicos. Possui, infelizmente, nossa cidade, um obsoleto e rudimentar Centro de Saúde.<sup>58</sup>

Conforme afirma Dr. José Olympio de Freitas Azevedo, fundador da Escola de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia:

[...] O centro médico da região naquela época era Uberaba, era até humilhante para a classe médica de Uberlândia que as pessoas todas, inclusive as de baixa renda, até indigente, fossem consultar em Uberaba, pois não havia estrutura de assistência médica aqui. E a cidade entendeu que essa seria a oportunidade de Uberlândia se tornar um centro médico, e ter os benefícios, a assistência médica diferenciada e melhor instrumentalizada.<sup>59</sup>

O esboço de uma política de saúde e de assistência social em Uberlândia data de 1936 quando é instituída uma taxa assistencial para tal fim. De acordo com ata da Câmara Municipal de 23/10/1936:

[...] Atendendo à necessidade da administração municipal de amparar a causa da assistência social, sobretudo no que diz respeito a mendicância e a saúde pública, e considerando, porém a deficiência dos meios atuais constantes da proposta orçamentária para 1937, considerando ainda que desde o exercício de 1934 a Prefeitura não agravou os impostos, sem prejudicar as exigências constitucionais propomos: a criação de uma taxa adicional de 10% (dez por cento) a incidir sobre os impostos de lançamento, imposto predial, imposto cedular sobre a renda de imóveis rurais, imposto territorial urbano, que forem consignados na receita constante da proposta orçamentária acima referida, com a previsão de 225.000\$000, importando, portanto em 22.500\$000 a taxa adicional assim criada, cuja renda será empregada em auxílios à mendicância e à saúde pública [...].<sup>60</sup>

Essa taxa foi, na verdade, descontínua, dependia do jogo das forças políticas no poder, dos interesses e articulações entre esse poder e as diretorias das instituições assistenciais, voltando ao cenário político por diversas vezes sob a forma de projeto de lei, decreto-lei e leis em 1944/48/51 e 54. Cabia, nesse caso, ao poder executivo, apenas repassar subvenções do orçamento municipal às entidades assistenciais para que essas prestassem socorro de ordem filantrópica, assistencial e médica aos desamparados da sorte. Em 1959, a lei de nº 753/59, aprovada pelo legislativo, fixa o valor de 5% da receita prevista no orçamento municipal para os gastos com tais subvenções, delineando

<sup>58</sup> CENTRO de saúde. Correio de Uberlândia, Uberlândia, 21 jul. 1955, p.6.

<sup>59</sup> CAETANO, C. G.; DIB, Miriam M. C. A UFU no imaginário social. Uberlândia: UFU, 1988, p.60.

<sup>60</sup> CÂMARA MUNICIPAL UBERLÂNDIA. Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal realizada no dia 23 out. 1936. Uberlândia, 1936.

uma política social para o município. Este valor equivalia à taxa de arrecadação no Terminal Rodoviário, demonstrando a despreocupação do poder público com a saúde. A criação em 1930 de um Hospital Regional, sob responsabilidade do governo estadual, foi resultado do programa de saúde de Vargas, transformado em 1940 no Posto Regional de Saúde. A prefeitura, até então, nunca havia arcado com responsabilidades concretas em relação à saúde e sua prevenção.<sup>61</sup>

Somente em 1945 é que se tem a criação da Sociedade Médica de Uberlândia, com sede própria em vistoso edifício de três andares, moderno para a época na sua concepção arquitetônica e estética, consolidando o saber alopático na cidade e região. Esta sociedade, além de regulamentar o exercício da profissão, proporciona o debate entre a classe médica, as elites financeiras e poder público, passando, daí por diante, a ser um canal propício a emissão de idéias capazes de influenciar as decisões políticas substanciais para a cidade, especialmente no que tange à saúde pública e à assistência social institucionalizada. Cabia a essa sociedade também a organização de eventos que divulgassem os novos conhecimentos médicos, promovendo congressos, seminários e eventos da área, assim como encontros festivos de conagração da classe médica.<sup>62</sup>

Com relação aos hospitais particulares – São Francisco, Santo Agostinho, Santa Catarina, Santa Marta, Santa Terezinha e o Santa Genoveva – foram fundados no perímetro urbano, atendendo em particular às elites uberlandenses. O Santa Genoveva surgiu com o fechamento da Santa Casa, em fins de 60, quando foi vendida para particulares e a nova instituição continuou no mesmo local da antiga, na avenida Vasconcelos Costa. Em 1970 foi fundado o Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia – sob responsabilidade governo federal.

A lepra, talvez mais que a criminalidade, tornou-se um perigo à população sadia, pois representava uma constante ameaça de infecção generalizada. O município se empenhou para eliminar qualquer possibilidade de foco de epidemia. Neste ínterim:

[...] A portentosa Uberlândia, cidade que esnoba seus fôros (sic) de civilização e grandeza, tem uma anomalia [...] Trata-se do elevado

---

<sup>61</sup> Cf. MACHADO, Maria Clara Tomaz. 1990.

<sup>62</sup> TEIXEIRA, Longino. Apontamentos para a história da medicina e da farmácia em Uberlândia – 1846 - 1968. Uberlândia: s/ed., 1968. Vale ressaltar que só em 1983 foi criada a Secretaria Municipal de Saúde na gestão Zaire Rezende (1982-1988) um dos raros momentos de alternância do poder político à esquerda com uma proposta de democracia participativa, ora nem por isso merece crítica. Cf.: ALVARENGA, Maria. Movimento popular, democracia participativa e poder político local. História & Perspectivas. Uberlândia, UFU, n. 4, 1991.

números de portadores de lepra que perambulam pelas nossas ruas [...] Então Uberlândia é a meca da mendicância profissional [...] sendo obrigada a responsabilizar-se por todos os pedintes dêste (e do outro) planeta? [...] analisemos o aspecto humano e estético da questão e concluiremos, que é inadmissível a presença dos leprosos espalhados pelos quatro cantos da cidade, demonstrando um quadro triste de abandono, de destruição e amedrontando as eternas hipocondríacas não preparadas intelectualmente para a vista de tais chagas. Mas retirar os leprosos daqui nas ruas é um paliativo, é um desengano de consciência, é embelezar o aspecto estético da cidade de luxo, a vibrante metrópole do Triângulo. Retiremos, sim, com humanidade, com respeito à criatura humana, os infelizes leprosos que mendigam no centro da cidade. Mas a par da retirada, sejamos nós o bandeirante da campanha para a criação de novos centros de abrigo, tratamento e recuperação dos pobres irmão da praga de Lázaro. Aí então estaremos agindo com espírito cristão, dando um pouco de nós mesmos em prol dos irmão atingidos pela bíblica moléstia.<sup>63</sup>

O campo de disputas é desigual, de modo que se cria todo um ideal de vida em que, estes “doentes”, excluídos socialmente, internalizam uma condição de inferioridade e, suas memórias são apagadas ou esquecidas pela sociedade. A loucura e a lepra não se misturam nem mesmo com as outras camadas estigmatizadas da sociedade como os ébrios, as prostitutas, os mendigos.

Para além da higienização das ruas, neste trecho jornalístico, a doença sempre esteve rodeada de medos e tormentas. A sociedade constrói imagens e representações em torno do doente e de suas anomalias. O doente é alguém que precisa ser isolado para evitar o contágio às outras pessoas. Não é somente o medo de se contagiar, mas a tênue divisória entre a vida e a morte, entre a realidade dos vivos e o mundo dos mortos.<sup>64</sup>

Nesta premissa, vale ressaltar os discursos médicos também como representações da doença. Se as suas teses, justificadas pelo conhecimento científico, contribuem de maneira salutar nos comportamentos sociais, estipulando normas de condutas, por outro lado, não conseguem impor integralmente à sociedade a sua vontade, uma vez que a população não consegue usufruir deste conhecimento científico. As pessoas leigas também (re)criam seus significados, inconscientemente reproduzem práticas médicas e transgridem outras, apostando na tradição, nos costumes.

---

<sup>63</sup> A Lepra. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 19 e 20 jan. 1968. n. 10.573, p. 3.

<sup>64</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. História da loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 2002. 558p.  
TRONCA, Ítalo. As máscaras do medo – Leproids. Unicamp. Ed. da Unicamp, 2000. 160 p.

## 1.2 Projeto de exclusão social: a construção do sanatório espírita

Em jornais locais, A Tribuna, O Repórter e Correio de Uberlândia, a notícia da construção de um hospício de amplas proporções foi destaque:

Veio ter hontem (sic) em nossa redação, uma comissão enviada pela Sociedade Humanitária local, para dizer-nos que essa instituição de caridade pretende exigir novo penats, em virtude da defficiência que a actual oferece. Positivamente, é uma medida de elevado alcance moral e humanitário a que essa nobilitante sociedade pleteia. Parece-nos, dadas as suas finalidades, não surgirão obstáculos à realização de tão importante qão útil empreendimento.<sup>65</sup>

A manutenção de uma instituição que abrigasse os loucos em Uberlândia partira não de médicos, ou do poder público, mas de espíritas; o Sanatório Espírita de Uberlândia teve a sua fundação em 1942. A campanha para a construção de um hospício de amplas proporções físicas se deu bem antes, em 1936, pela comunidade espírita, encabeçada por Alcindo Guanabara. A partir de 1932, em cômodos improvisados, situados em uma casa no centro da cidade, o grupo espírita Fé, Esperança e Caridade mantinha alguns loucos internados em suas acomodações, mas devido às suas instalações modestas e, com o aumento da demanda, a instituição religiosa defendia a edificação de outro asilo, mais espaçoso e afastado do centro da cidade.

A ausência de um hospício na cidade projetado para tal fim promoveu diversas campanhas, empreendidas por setores da classe média, pois havia urgência em se construir uma casa que pudesse resolver o problema da loucura. Antes de 1932, momento em que é fundado o Penate Allan Kardec, não havia nenhuma instituição para internar os loucos das ruas. O hospício de maior expressão na região era em Barbacena e em Uberaba, a partir de 1933. Muitos se deslocavam até mesmo para Belo Horizonte e para o estado de São Paulo, mas, mesmo assim, não era possível estas instituições atenderem tantos casos, uma vez que não conseguiam resolver nem mesmo os seus problemas locais, o que resultava em constantes transtornos para o poder público a retirada dos loucos agressivos das vias públicas:

Um pobre homem foi, em dias da semana passada, atacado de forte asscesso de loucura. Apezar (sic) da assistência que lhe dispensa generosa família aqui residente, naturalmente algumas vezes escapa à

<sup>65</sup> COOGITA-SE da construção de novo penats. Correio de Uberlândia, Uberlândia, p. 2, 22 jul, 1936.

vigilância de seus protectores e sahe aos gritos pelas ruas, nos desatinos de sua loucura, posto que inofensiva. Tratando de um homem cuja família não dispõe dos necessários recursos, julgamos que o Sr. Dr. Delegado de Polícia deveria intervir perante quem de direito com o fim de facilitar os meios de ser aquelle enfermo internado em um manicômio onde lhe pudesse ser dispensado o conveniente tratamento para a reabilitação de suas faculdades mentaes (sic)..<sup>66</sup>

A reivindicação para a criação de um manicômio se intensificou:

As inconveniências de transporte dos loucos desta parte de Minas para Barbacena, forçam as providências sobre a creação (sic) de um asylo de alienados nesta cidade, onde, sem dúvida, as condições hygiênicas e climatéricas são as mais propícias. [...] Todos os visitantes que aportam a esta cidade, alguns até médicos, com os quaes temos tido occasião (sic) de externar esse alvitre, ouvindo-nos sobre as difficuldades do transporte de um doente mental daqui para Barbacena, tem a sinceridade de concordar com as nossa idéias. Agora, porém, estas idéias devem tomar um sulco ainda mais profundo de vez que vão ser doados à Santa Casa de Misericórdia e ao Asylo São Vicente os alicerces que estão a propósito para o estabelecimento a que nos referimos.<sup>67</sup>

Caso a família possuísse alguém portador de transtornos mentais, era obrigada a mantê-lo em casa, e em algumas circunstâncias, amarrado. Alguns desses enfermos se tornavam indigentes pela recusa dos cuidados necessários. Se é evidente a política de exclusão, de limpeza urbana impetradas em todo o território brasileiro, por outro lado a escassez de médicos e a ausência de psiquiatras até 1960, em Uberlândia, dificultava ainda mais a implantação de um hospital psiquiátrico. Se muitos trabalhos historiográficos questionam a conduta médica e o poder adquirido pelos “homens de branco” que os possibilitariam forjar espaços, criarem políticas de profilaxia, entre outros, nesta cidade a atuação da classe médica foi bastante tímida, ao menos até a década de 1950. No trabalho de Castro,<sup>68</sup> podemos evidenciar a ineficiência da medicina em Uberlândia, abrindo com isso espaços para práticas alternativas de curas. É o caso de Uberlândia, no século XIX e início do século XX, pois:

[...] As práticas culturais da medicina popular estão entranhadas de misticismo e religiosidade. Elas são antes de qualquer coisa, práticas sociais de grupos que experimentam no seu cotidiano as agruras da

<sup>66</sup> LOUCO. A Notícia, Uberabinha, p. 2, 8 set. 1918. n. 14.

<sup>67</sup> A Tribuna, Uberabinha, p. 2, 25 dez. 1921. n. 129.

<sup>68</sup> CASTRO, Dorian Erich de. Op. cit.

vida, são a prova da luta do homem contra as suas próprias limitações, em um mundo ilimitado.<sup>69</sup>

A inauguração do Penate Allan Kardec, em 1932, representou o início do tratamento psiquiátrico na cidade. A instituição foi erguida e mantida por meio de doações da população, tais como, roupas, comida e possivelmente remédios, e recebia pouco auxílio do poder público. Não há nenhum registro de como funcionava este modesto recinto, não sabemos se havia médicos, quais os tipos de loucos que ali residiam, mas podemos asseverar que o local não condizia com as estruturas arquitetônicas de um sanatório, com capacidade máxima para abrigar aproximadamente dez pessoas.<sup>70</sup>

Diante das diversas obras assistenciais edificadas pelas instituições espíritas em todo o país, uma merece um maior destaque: o trato com a loucura. Segundo a premissa kardecista, o reconhecimento da loucura como obsessão faria com que muitos adeptos da doutrina religiosa se empenhassem na edificação de sanatórios por todo o país. Foi assim que, em meados de 1932, Fernando Moraes fundou o Penate Allan Kardec em Uberlândia, podendo assim isolar as pessoas com transtornos mentais. Austríaco, residiu em Ribeirão Preto, mudando posteriormente para Tupaciguara e depois para Uberlândia. Este projeto da construção do Penate teria sido uma mensagem mediúnica direcionada a Fernando, como parte de sua missão aqui na Terra. Sua relação com o espiritismo estava presente em sua vida desde quando residia em Tupaciguara, época em que participava de trabalhos de “desobsessão”<sup>71</sup> em sua fazenda. Tomou conta da administração do Penate por alguns anos, juntamente com o Centro Espírita Fé Esperança e Caridade, desativado em 1942 quando da inauguração do Sanatório Espírita de Uberlândia. Neste momento, havia pouco mais de dez internos na instituição e que posteriormente foram transferidos para o Sanatório Espírita.<sup>72</sup>

No final da década de 1930 foi intensificada uma campanha para angariar fundos em prol da construção do novo hospício, desta vez com uma arquitetura própria dos asilos existentes em outros locais. Alcindo Guanabara, o personagem mais atuante,

---

<sup>69</sup> MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Cultura Popular e Desenvolvimento em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950/1985)*. Op. cit, p. 235.

<sup>70</sup> FREITAS, Nicelídea de. Depoimentos. Uberlândia, 17 jun. 2005.

<sup>71</sup> Como será melhor definida no capítulo seguinte, a desobsessão, segundo a doutrina espírita, é a eliminação da obsessão, ou seja, impedir a influência de um espírito sobre o outro.

<sup>72</sup> VITUSSO, Isabel R. *Terra Fértil Semente Lançada. A História do espiritismo em Uberlândia*. Uberlândia: Aliança Espírita Municipal, 2000.

trabalhando em várias instâncias, promoveu ampla divulgação do que viria a ser, para a instituição espírita, o seu mais importante feito. O fato de ter sido chefiado por espíritas – doutrina religiosa de pouquíssimos adeptos que, em muitas instâncias, foi perseguida por membros católicos – não impediu as colaborações conseguidas e nem mesmo o seu funcionamento. Tal obra marca a ascensão e aceitação local dos espíritas na cidade, pois a instituição religiosa cobria uma lacuna que o Estado não conseguira cumprir. A idéia de caridade e filantropia, tão cara à doutrina espírita, passa a ser propagada pela imprensa local:

Como já é do conhecimento público a ‘Sociedade Humanitária’ de Uberlândia patrocina presentemente uma campanha Pró-construção de um Asylo (sic) para Alienados. Construção essa que inegavelmente preencherá uma grande lacuna não só para esta cidade como também para as circunvizinhas, acolhendo dezenas de doentes que padecem o pior dos males, A DEMÊNCIA. Urge pois, que todos os uberlandenses, triangulinos e goyanos, unidos nem laço indissolúvel de Amor ao próximo, auxiliem não só moral como, materialmente essa philantropica obra de caridade, para que o mais breve possível possamos contemplá-la coroada de pleno êxito.<sup>73</sup>

Não houve, num primeiro momento, uma vinculação direta por parte da imprensa de que o hospício era um projeto levantado pela religião espírita. A responsabilidade da construção foi reservada à Sociedade Humanitária, associação sem expressão, criada, talvez, para desfocar da população de que se tratava de um empreendimento espírita. A estratégia de não associar a realização de obras assistenciais à esta doutrina fora utilizada algumas vezes, quando convinha, assim ocorrido com a criação do Dispensário dos Pobres, o Lar Alfredo Júlio e com o Educandário Emmanuel.

Para além desta possibilidade de retaliação aos projetos idealizados por militantes kardecistas, muitos destes seguidores religiosos foram pessoas influentes e que podiam conseguir o apoio de setores importantes da cidade. Alcindo Guanabara aproveitou seu prestígio social para promover uma ampla campanha de arrecadação de verbas e conseguir parcerias com políticos e empresários. Interveio em sessões da Câmara Municipal dispendo a importância da construção de um hospício para a cidade, pedindo colaborações de toda feita, até mesmo de um arquiteto e de um engenheiro que pudessem projetar a casa. Assim, em 1937:

---

<sup>73</sup> ASYLO, para Alienados. Jornal de Uberlândia, p. 2, Uberlândia, 06 set. 1936.

Foi encaminhado à ordem do dia da próxima reunião. O sr. Secretário leu o requerimento assinado por Alcindo Guanabara, acompanhado de um ofício do sr. Prefeito enviando à Câmara, juntamente com os pareceres emitidos pelos drs. Nelson César, engenheiro da Prefeitura e Luiz Pimentel Arantes, diretor do Int. Posto de Higiene, solicitando o peticionário licença para construir um prédio para o Asilo dos Dementes. À vista dos pareceres, o Sr. Presidente pôs a matéria em discussão, deliberando o plenário suspender a Sessão por alguns minutos, afim de votar a respeito indicação, concebida nos termos seguintes: [...], vereadores à Câmara Municipal de Uberlândia ouvidos sobre a publicação firmada pelo Sr. Alcindo Guanabara solicitando licença para a construção do prédio destinado a Asilo de Alienados, apresenta à consideração do plenário a seguinte indicação. Atendendo aos termos dos pareceres envolvidos a respeito pelo Sr. Nelson Cezar Pereira da Silva, Engenheiro da Prefeitura e Sr. Luiz Pimentel Arantes, Diretor do Sub-posto de Higiene do município, indicam a necessidade de ser remetido o prédio, acompanhado da respectiva planta, a Secretaria de Saúde Pública do Estado de Minas, por intermédio do Sr. Prefeito Municipal.<sup>74</sup>

Mas a não vinculação às entidades espíritas do Asilo de Dementes, como era chamada a casa nesta época, foi um período bem curto. A boa receptividade do sanatório, aliada à influência de militantes espíritas em setores privilegiados da sociedade uberlandense, facilitou a edificação do asilo. Quando Alcindo Guanabara apresentou, pela primeira vez, na Câmara Municipal, a idéia da construção de um hospício na cidade, Henckmar Borges, espírita assumido, era vereador tantas vezes homenageado.

Nomes como Odilon Ferreira, Gustavo José da Silva, José Gonzaga de Freitas, João Dorneles dos Santos Júnior, Antonieta Borges, entre outros intelectuais e profissionais liberais, assíduos participantes da imprensa local, foram importantes para a legitimação desta doutrina na cidade. Além de atuarem regularmente nos jornais e no rádio, abordando assuntos cristãos, discursando sobre o valor da caridade, do amor ao próximo, explorando as teorias de Kardec, obtiveram reconhecimento pelas suas obras assistenciais.<sup>75</sup>

<sup>74</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. Atas da Terceira Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Uberlândia, realizada em 7 de out. de 1937. Uberlândia, 1892.

<sup>75</sup> Uma iniciativa de grande alcance dentro da área de assistência social vem se consolidando dia a dia em Uberlândia. Trata-se da Organização União Fé, Esperança e Caridade que, com pouco tempo de trabalho na Metrópole do Triângulo, já possui um saldo positivo [...] dependendo dos recursos financeiros, a segunda que consistirá na edificação de um ambulatório médico e dentário para assistir a população daquela região gratuitamente com receitas médicas, tratamento dentário e distribuição de medicamentos. (FÉ e Esperança dará amparo à infância. Correio de Uberlândia, Uberlândia, p. 3, 2 e 3 de julho de 1968).

Tal proposta para construção do asilo dos dementes foi muito bem recebida pelos empresários e personagens influentes da imprensa local. Um comerciante com o nome Waldemar de Freitas se prontificou a doar o terreno na Vila Oswaldo, lugar afastado do centro urbano. Mas fora outro o lugar escolhido para a edificação da obra asilar, na época local também afastado da parte central e doado por um personagem ilustre da cidade, Fernando Vilela, pessoa que se tornaria prefeito anos depois. Além de espírita, Vilela tinha três filhos portadores de transtornos mentais, sempre internados em outros hospícios até a ativação do Sanatório Espírita de Uberlândia, onde permaneceram até as suas mortes.

A construção do Sanatório Espírita em Uberlândia, legitimando as práticas do tratamento psiquiátrico, está fortemente associado à própria ascensão da religião espírita na cidade, uma vez que a sua participação não era somente na parte administrativa, mas também, fundamentalmente, no tratamento aplicado. Sendo assim, é importante discorrermos acerca dessa trajetória delineada por adeptos do espiritismo na busca de espaços e reconhecimento perante a sociedade, condição esta marcada pela tensão com os católicos. Tanto local, quanto nacionalmente, os kardecistas ocupavam cargos importantes: era significativa a presença de médicos, advogados, políticos, jornalistas que confessavam professar a fé espírita. Alguns discursos veiculados nos jornais mostram com entusiasmo o trabalho desenvolvido sem, contudo, associa-lo diretamente ao espiritismo, mas, mesmo assim, não se poupa elogios aos abnegados espíritas:

Há tempos, um grupo de caridosos espíritas que dirigia o Centro Fé, Esperança e Caridade, sentindo a falta que estava fazendo um estabelecimento que recolhesse os perturbados mentais, resolveu levar avante essa iniciativa.

Organizada a comissão que trataria do assunto, tendo à frente a figura simpática e esforçada de um dos seus elementos mais entusiastas – o sr. Alcindo Guanabara, foi adquirido em poucos dias, na Vila Martins, a área necessária a esse importante e indispensável empreendimento.

E desse momento em diante não teve o sr. Alcino Guanabara e seus denotados companheiros, um momento de tréguas.

E nosso povo que jamais desmentiu os seus grandes gestos de caridade, deu o seu apoio à iniciativa e o Asilo Alan Kardec foi se erguendo majestoso no novo e futuroso bairro da Vila Martins.

E lá está plantado com sobriedade e gosto aquele edifício nascido do gesto dos nossos abnegados espíritas e do trabalho persistente, tenaz e desassombrado de Alcino Guanabara.

Agora que já sabemos estar terminadas a construção do asilo, gostaríamos de informar aos nossos leitores e àqueles que deram a sua contribuição, a data em que pretendem inaugurar essa casa de

caridade, que marca mais um grande tento no progresso da nossa bela cidade.<sup>76</sup>

Considerando que a maioria da população era católica, a recepção das obras realizadas pelos espíritas conseguia a proeza de não ficar só no papel, obtendo o apoio de outras parcelas da comunidade, que não somente doavam vários benefícios às entidades espíritas como também cobravam resultados. Alcindo Guanabara teve de ir, em 1941, à redação de O Correio de Uberlândia, jornal onde há uma maior concentração de artigos divulgando os fundamentos kardecistas, para explicar o motivo da demora da ativação do sanatório, uma vez que a construção teria se iniciado em 1938:

Para que ninguém alegue ignorância de boa, ou má fé e como é para o bem de todos e felicidades geral, levo ao conhecimento que não tem nenhum fundamento quaesquer (sic) boatos de camouflage forjados sobre a Obra, ou o que eu tenha dado por terminado “Azilo de Dementes” continuo firme trabalhando internamente, já, tendo entrado na 4ª etapa no desenrolar dos acontecimentos, aguardem para breve, meu pronunciamento, para que os incomodados é que si ... ou inteirem de toda verdade nua e crua. Dispensando todo e quaisquer elogios, no cumprimento dos meus deveres sem artifícios, pois o que eu sou está em mim, trabalho por ideal independente, sem temer os arreganhos dos lobos, ou o disfarce das ordas reacionárias de Satam!!! incarnados ou desincarnados, sem compatuar atendendo a bastardos ou corrompidos interesses pessoais laterais e de quaisquer procedência, Seilassie ou, não .... (Alcindo Guanabara – Diretor Tesoureiro, por conta própria)<sup>77</sup>

Nesta fala áspera de Alcindo, percebemos a tensão dos grupos sociais, disputando a legitimação e o poder. Embora a construção do sanatório – como outras obras assistencialistas – coadunava com os interesses das elites uberlandenses, a convivência com outros grupos políticos ou religiosos não deixava de ser conflituosa. Neste caso, a cobrança por prestação de contas é um definidor instigante para pensarmos os embates pelo reconhecimento social. Percebemos a constante dialética que seria a integração dos variados segmentos sociais na realização de seus projetos com interesses afins e, ao mesmo tempo, as disputas que emergem da visão e interesses que estas pessoas têm do mundo e da maneira como se fazem reconhecer como sujeitos. Ainda, em outras declarações pelo mesmo jornal, as ameaças continuam:

<sup>76</sup> PENATES Alan Kardec. Correio de Uberlândia, Uberlândia, p. 2, 9 ago. 1941.

<sup>77</sup> GUANABARA, Alcindo. Campanha pró Construção do Asilo de Dementes. Correio de Uberlândia. Uberlândia, p. 2, 26 ago. 1941.

A Pedido

“Escândalos! Inédito”

Anonimatos!!

Carta Aberta: - a quem possa interessar

Recebi e tenho em mãos, em disfarce de carta anônima, dissimulada em forma em estilo Tapajós ou U.R.S.S. em sentido inverso, com carimbo sem selo, característico peculiar em todos os sentidos do autor através da penumbra solerte sobre minhas vistas ou faculdade com olhos de Lynce, que em breve farei Público, o seu conteúdo sem nexos e conexos de mentalidade medíocre e mendazes, não sortirá os efeitos desejados arquitetônicos (sic) com Sonhos de Fada a beira Mar sem saber Em-Quem, no se sacerdócio ou apostolado sacro de campanhas forjadas aos Quatros Ventos de calúnias recém-fracçadas e, Camnubio com as demais correntes de igual calibre e seus asseclas invejáveis, em junção com os desincarnados das trevas, ou Psicose mórbida, miasmas precoce de sentimentos rastejantes das más línguas, caracteres de seu patrocínio direto: aguardo-a como uma jóia de valor imenso reforçando mais a minha série bastarda documentação, já do conhecimento das Altas Autoridades da Nação, na minha última viagem ao Rio, que levei. Não se precipitem no abismo, condutores de consciências, e aguarde o desfraldar no Frontispício da Obra a Bandeira Branca de Paz Amor e Fraternidade, já com aposentos reservados e camas feitas formando um rosário para misérias de corpo presente, ou hipocrisia desmascarada com a sepultura aberta sob medida ou ordens feitas, aguardando o desfecho hospitalar. Colaborando com o Senso quem está ensaiando ou sofre das faculdades mentais em Uberlândia? Conforme vem divulgando os corneteiros, é quem trabalha Edificando ou os que envoltos criminosos caluniam alardeando acobertados vociferando com força de mil cavalos-á Loucura é de todos, mais precisamos assinalar os furiosos perniciosos que por motivo de maior, para o bem de todos e felicidade geral da Nação serão presos ou internados na Obra por obsequio assigüe o nome sem covardia para receber o prêmio que faz jus, e que vangloria com ênfase patriótico, de morro ou mata.

Vendo a barba do vizinho arder põe-se de molho, por falar em adivinhos ou falsos profetas, Uberlândia esta enfestado, especialmente os adúlteros em forma do sexo frágil, mercadejando o corpo e alma escamotiando como Judas a vil moeda, os valores dos engenuos sobre pontes camouflada o entrincheirados acestando as armas vomitando larvas e enxofre iluminados com os dois Fogos divulgados das bocudas dos Lampeões facínoras, lepra ou cancro social denegrindo consciências, pois o que queimam não é dos lampeões, mais o das consciências envolta nas trevas do remorso criminoso onde as mariposas sofre os efeitos da causa que é a fonte dos elementos pútridos animalizados, Tribunal Moral para todos os malfeitores, nos vaticínios do Apocalipse do profeta: - com Cristo nos lábios e regateando a grosso e a retalho.

Por falar em velho Amigo, não são os que se intitulam préfeitores manhozos com duas faces, matemáticos falhos nos seus cálculos de Defensores Fantoches, o que afirmam com os lábios desmentem com os atos, mais sim os que eu reconceder pelos seus méritos sinceros. Às vezes me evade numa tristeza profunda, em vista de tanta covardia Moral de Certos Irmãos Espiritual, achafurdando na lama, se comprometendo a tantos lacheados na boa fé. Se forem de calças creçam e apareçam, deixe cair as mascaras e conviduos amistosamente

e vir cara a cara aos ajustes, disputar a Verdade, a Luz da Rasão, Justiça e Direito, pois a mentira dessimulada é um sopro, nas minhas mãos. Jesus: - disse ao sexo frágil ninguém te condenem?!, então não pecas mais criminoso, que também te perdoarei. Cuidado!... Muito Cuidado!... Com o seu Batalhão, Generais das forças reacionárias, que operam com novidade no Front!... Socega Leão!. Macaco que muito mexe... põe a mão na Combuca!?

Assinado (João sem medo) anímico.<sup>78</sup>

Na fala de Guanabara, o outro que não compactua com o intento espírita é o sujeito demonizado, atrasado espiritualmente, seguidor de sataná, figura, aliás, emblemática na doutrina kardecista. A doutrina que entendia a loucura, na maioria dos casos pela influência de um espírito sobre outro, agora reelabora seus dogmas para estabelecer que havia forças malignas impedindo a concretização do grande sonho dos espíritas: a existência de uma instituição para o tratamento da loucura. Fica implícito no desabafo de Alcindo Guanabara não só as críticas que sofre, mas também a hipocrisia social dos adúlteros, a moral machista e a ameaça velada do espírita a que muitos de seus “algozes” poderiam ter como futuro lar o lugar que tanto suscitou o debate.

A associação da carta que Alcindo recebera, supostamente com o símbolo da URSS, é reflexo da oposição que os espíritas faziam com os comunistas, em Uberlândia.<sup>79</sup> Os comunistas não representavam nenhuma ameaça aos espíritas, mas sim ao pensamento conservador da época no qual muitos kardecistas estavam inseridos. Em outro momento, novamente Guanabara relata os ataques que sofrera:

[...] Arrancado e rasgado no ex-Centro, o apedrejamento da Obra, a Campanha insidiosa (sic) de calúnias me taxando até de louco aos quatro ventos por falar a verdade, a boicotagem do Povo sobre meu convite a Obra, e alguns médiuns e operários. Intrigando, abusando, mentindo, submisso a duas ordens contravertidas, ameaça pessoais, e terroristas na celebre cartas e artigos anônimos, que dizem serem os patrocinadores diretos, tramando, tecendo um crochet ardiloso criminoso de desagregação, greves surdas, discórdias, insultos inveterados, serviam da Obra para fins bestiais, pixaram meu automóvel, tramaram meu assassinato [...].<sup>80</sup>

<sup>78</sup> GUANABARA, Alcindo. A Pedido. Correio de Uberlândia, p. 2. Uberlândia, 20 dez.1941.

<sup>79</sup> Vale destacar um fato que ocorrera na Câmara Municipal. Henckmar Borges era adversário político de Roberto Margonari. Em sessões realizadas em 1937, Margonari, contestando o projeto da Câmara dos Deputados do Distrito Federal que proibia a eleição de candidatos que estivessem filiados ao PCB, converge de Henckmar pela sua posição favorável a tal projeto.

<sup>80</sup> CAMPANHA pro-construção azilo dementes aviso de ordem interna. Correio de Uberlândia, Uberlândia, p. 5, 28 jan. 1942.

As pressões e intimidações aos fiéis espíritas não impediram o funcionamento do sanatório, o que nos leva a crer o poder que detinham os kardecistas neste período, em Uberlândia, uma vez que o pensamento destes adeptos coadunava com o dos políticos e dos empresários locais, mesmo que não participassem do mesmo credo religioso. O conflito em questão pareceu girar, de maneira mais intensa, por disputas religiosas, sem, contudo, ter forças para impedir a intenção dos espíritas, embora a maioria da população fosse católica. Talvez por isso, facções políticas foram arregimentadas para mobilizar forças que impedissem a inauguração do sanatório. A cultura religiosa brasileira bem menos rígida do que em outros países e a escassez de projetos sociais por parte do Estado propiciaram um largo campo de atuação de entidades assistencialistas, como foi o caso do espiritismo.

O trabalho de Carlos Peters<sup>81</sup> é salutar para discutirmos as pressões que os espíritas sofriam, dentro do país, em busca de sua legitimação. Em Penápolis, interior do estado de São Paulo, o hospício foi fundado e mantido por espíritas. Desde a inauguração do asilo espírita Discípulos de Jesus, em 1935, esta instituição enfrentou inúmeros processos, tendo encerrado suas atividades, em 1945, em decorrência da condenação de João Marchese, diretor da casa, por prática de curandeirismo. Para este ator, tal instituição não foi capaz de costurar alianças políticas, como ocorrera em outras localidades nacionais, além de não incorporar as práticas da medicina.

Em 1923, foi fundada, no Rio de Janeiro, a Liga Brasileira de Higiene Mental, pelo psiquiatra Gustavo Riedel, intencionado em melhorar o tratamento aos portadores de transtornos mentais, num tempo em que a psiquiatria no país começava a ascender. Desde a regulamentação da Lei Federal de Assistência aos Doentes Mentais, Decreto de 1934, que garante a assistência e proteção do Estado aos loucos, a psiquiatria passa a assumir uma posição de destaque, garantindo para si própria a exclusividade no tratamento da loucura por todo o país. Havia um movimento intelectual preocupado com a herança étnica brasileira e a influência perniciosa, segundo muitos teóricos, dos descendentes africanos e indígenas, vistos como raças inferiores.<sup>82</sup>

Conseqüentemente, a psiquiatria definiria o seu campo de atuação sob a prevenção, ou seja, evitar a infecção psicótica advinda do cruzamento das raças negra e

---

<sup>81</sup> PETERS, Carlos Eduardo Marotta. Op. cit.

<sup>82</sup> COSTA, Jurandir Freire. História da Psiquiatria no Brasil. Um corte ideológico. Rio de Janeiro: Xenon, 1989. 198 p.

mestiça com a branca. Deste ponto de vista, os intelectuais da época, sob esta cultura racista, incorporaram as teorias eugenistas e higienistas,<sup>83</sup> promovendo intensas perseguições ao curandeirismo, visando, entre outros fatores, afastarem elementos que perpetuassem o atraso da nação. Segundo Jurandir Freire Costa:

[...] A eugenia foi, para eles, a maneira *científica e psiquiátrica* de resolver a *confusão moral, racial e social* onde se encontrava o Brasil, sem, no entanto, abdicar de seu status profissional. A dimensão ideológica dos programas de higiene mental era escondida pela fachada de eugenia e as aspirações culturais dos psiquiatras era, assim, plenamente satisfeitas.<sup>84</sup>

Com a justificativa da prevenção das doenças mentais, a psiquiatria no começo do século XX, pautada na teoria organicista da época, principalmente a alemã, pretendia difundir políticas educacionais e até mesmo repressivas visando a higiene psíquica individual. Promoviam campanhas para evitar o cruzamento com pessoas propensas a insanidade, ou seja, os imigrantes asiáticos e a herança africana. O Brasil estava doente e a única possibilidade de cura seria o branqueamento da nação.

A importância da hereditariedade era então demonstrada na epilepsia (Bleuer; Minkovska), na esquizofrenia (Elminger), na psicose maníaco-depressiva (Hahn, Hoffman, Rudin), na parafrenia (Kraepelin), na paralisia geral e na imbecilidade mental.<sup>85</sup>

A influência destas teorias se espalhou por toda a América Latina, chegando até cidades pequenas, como foi o caso de Uberlândia. Vejamos como alguns discursos estão situados na imprensa local:

A raça latina, pela climatologia e pela superabundância de produções (sic) tende a atrofiar-se.  
Estudando a patologia da nossa raça, o systema orgânico e a própria intelectualidade, nós vemos um estacionamento que está sendo eclipsado pelas raças saxonicas.  
[...] É uma multiplicidade de corpos lymphaticos e neurasthemicos e de esqueletos atrophiados pelo uso do espartilho, da syphiles e muitas

<sup>83</sup> Há uma infinidade de trabalhos que tratam da questão da eugenia, entre eles destaca-se: SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. Op. cit.

BOARINI, Maria Lúcia (Org.). Higiene e raça como projetos. Higienismo e eugenismo no Brasil. Maringá: Ed. da UEM, 2003. 216 p.

SILVEIRA, Éder. A cura da raça. Eugenia e higienismo no discurso médico sul-rio-grandense nas primeiras décadas do século XX. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2005. 173 p.

<sup>84</sup> COSTA, Jurandir Freire. História da Psiquiatria no Brasil. Um corte ideológico. Op cit.

<sup>85</sup> COSTA, Jurandir Freire. 1989, p. 90.

outras causas definhantes, concorrendo poderosamente os casamentos consanguíneos reiterados.

São faltas que se podem reparar pela educação física e estabelecimentos públicos, onde sejam obrigados a uma frequência assídua.

O cruzamento das raças contribuirá muito para fortalecer uma raça esgotada. E quando o organismo é deficiente, o intelecto quasi sempre atrophia-se.

[...] Os criminalistas tem um campo vasto, porque 40% são maníacos neurasthenicos, loucos, bêbados ou verdadeiramente idiotas.

Estas anomalias ajudadas pelo alcool da cerveja e dos vinhos, vão depauperando com mais facilidade a raça latina.

E depois de delineados a vould'oiseau as causas principais desta degenerescência qual os meios prophylácticos a empregar-se?

A hermeneutica nos tem dado a experiência de atacar esses bacilos impertinentes e destruidores, isto é, para o equilíbrio estável e sanitário da sociedade, bastaria que o governo trata-se da saúde pública, não permitindo os abuzos que trazem como consequências finais o arrefecimento da vitalidade physico-moral.<sup>86</sup>

Se atentarmos para as teses científicas no fim do século XIX, poderemos facilmente reconhecer alguns segmentos da sociedade – profissionais da saúde, literatos, advogados - defendendo a proibição dos cruzamentos de brancos com negros e índios. Mesmo considerando que o preconceito racial permeia as várias camadas sociais, perguntemos: A miscigenação deixou de ocorrer? Os médicos conseguiram ter tamanha força capaz de proibirem o casamento entre brancos e negros?

Inúmeros são os artigos científicos preconceituosos que aparecem como justificativa para a desigualdade social, a degenerescência física, a debilidade moral. Não é somente o pensamento científico da época que molda as relações sociais. Dialeticamente, a ciência influencia e também é influenciada pela cultura. Daí acreditarem que os negros só serviriam para o trabalho braçal, e que sua presença diante dos brancos poderia ser perniciososa, uma vez que eram vistos como sujeitos geneticamente propensos à criminalidade. Mesmo com o fim do escravismo, a postura de muitos brancos foi de manter o seu domínio sobre o negro, acreditando na sua superioridade racial, preconceito incorporado nas teses médicas defendidas também por inúmeros intelectuais da época em todo o país, como nos mostra a autora Lilia Moritz Schwarcz.<sup>87</sup>

<sup>86</sup> O Progresso. Uberabinha, 20 out. 1907.

<sup>87</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. Op. cit.

Os adeptos do espiritismo também foram influenciados pelas teorias européias, pois negavam a incorporação de valores da cultura afro-brasileira no kardecismo. Dessa forma, não aceitavam ser confundidos com a umbanda ou o candomblé, religiões vistas pela doutrina religiosa como práticas de espíritos inferiores. Os espíritas incorporam as descobertas científicas com a doutrina kardecista, reivindicando o seu próprio reconhecimento perante a intelectualidade, não só como religião, mas como ciência racional.<sup>88</sup>

Nas décadas de 1930 e 1940, encontramos no cenário nacional sérias disputas de médicos com espíritas pelo discurso científico. Certos segmentos da psiquiatria chegaram a afirmar os prejuízos psíquicos que as práticas espíritas podiam ocasionar, como está presente na fala do psiquiatra Pacheco e Silva:

Em nenhum país do mundo, talvez, a influência nefasta do espiritismo, se exerça com tamanha intensidade sobre a saúde mental do povo como ocorre entre nós, o que se deve a um número de fatores que começam a ser estudados e conhecidos pelos psicólogos, psiquiatras e sociólogos que se têm entregue ao estudo do problema. Nas grandes cidades, como nas pequenas vilas do interior do país, proliferam, em todos os cantos, numerosos centros espíritas, atraindo um número intenso de pobres criaturas, incultas e crédulas, que se deixam facilmente arrastar pelas mais absurdas idéias, persuadidas de que no espiritismo podem encontrar soluções felizes para remediar as mais precárias situações financeiras, para restituir a saúde a doentes incuráveis, e ainda para rever entes queridos já mortos.<sup>89</sup>

Em seu discurso, o médico mostra que o espiritismo e todos que exerciam a arte de curar representavam uma ameaça para a suposta hegemonia da psiquiatria. Nesta disputa, a utilização de termos como incultos, superstição, rituais, estão presentes quando intencionam desqualificar outras práticas, claramente percebidas nas falas de médicos a respeito de práticas de curas não aceitas pela medicina convencional<sup>90</sup> e, também, nas justificativas dos kardecistas, quando não querem ser confundidos com os cultos afro-brasileiros. No caso acima, o médico não se deu conta de que muitos

---

SILVEIRA, Éder. A cura da raça – eugenia e higienismo no discurso médico sul-rio-grandense nas primeiras décadas do século XX, 2005.

<sup>88</sup> GIUMBELLI, Emerson. O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

<sup>89</sup> PACHECO e SILVA, A. C. A Higiene mental e o espiritismo. Revista de medicina, São Paulo, n. 26, set., 1942, p. 5.

<sup>90</sup> Cf.: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002; CHALHOUB, Sidney; et. al. (Org.). Artes e ofícios de curar no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003; SAMPAIO, Gabriela dos Reis. Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002.

espíritas faziam parte da representação política e compunham os setores da imprensa e da intelectualidade, como foi o caso do Sanatório Espírita de Uberaba, administrado por um psiquiatra espírita, que utilizava o tratamento defendido pelo espiritismo.

Diferentemente do que ocorreu em Penápolis, em Uberlândia os espíritas estiveram presentes na vida política - com a eleição de vereadores e até prefeitos -, e no rádio e nos jornais, difundindo a sua doutrina religiosa. Alguns se destacavam no meio empresarial, além de médicos, advogados, dentistas, professores, comerciantes, entre outros. Mesmo sendo a minoria, os fiéis espíritas conseguiram atuar em setores estratégicos da sociedade.

Acerca da temática do espiritismo enquanto ciência é importante abrir um parêntese, ainda que tal questão será melhor discutida nos capítulos seguintes. Os espíritas defendem o caráter científico da doutrina, incorporando as suas descobertas. No entanto, em muitas localidades, os fiéis assumiram posturas contrárias às convenções científicas, como ocorreu em Uberaba, em que o médico abdicou do tratamento psiquiátrico convencional, não utilizando medicamentos alopáticos e o eletrochoque. Discutiremos mais adiante a perspectiva dos kardecistas em relação à loucura, a terapêutica utilizada e as suas diferentes causas, tanto no que se refere ao tratamento considerado físico - com medicamentos alopáticos - e quanto ao tratamento espiritual.

Em Uberlândia, desde o início de funcionamento do sanatório, para que não incorresse de alguém processar a entidade por prática de medicina ilegal, fora chamado um médico para trabalhar na casa, chamado Moysés de Freitas. Tal médico era radiologista, mas fora chamado pelo seu irmão, José Gonzaga de Freitas, figura respeitada no meio espírita, para realizar os diagnósticos. Segundo nos conta Nicelídea<sup>91</sup>, filha deste atuante espírita, Moysés fez um curso de especialização rápido em psiquiatria para conseguir atuar no sanatório a tempo da sua inauguração. Outros médicos também colaboraram nesta casa, como Euclides de Freitas. A presença destes médicos foi fundamental para o reconhecimento do sanatório frente a comunidade médica, embora houvesse poucos médicos capazes de interferir nas resoluções políticas da cidade.

---

<sup>91</sup> FREITAS, Nicelídea. Depoimentos. Uberlândia, 2004.

Se entendemos que as teorias eugênicas alcançaram uma ressonância expressiva no campo científico da época, influenciando práticas no campo biológico, social e cultural, devemos considerar também que, em boa medida, elas não determinaram totalmente o modo de condutas das pessoas. A intensa miscigenação no Brasil é uma realidade, mesmo sob a intensa campanha contrária empenhada pelos intelectuais. A sociedade se refaz o tempo todo, cria e recria seus significados, seus campos simbólicos, sempre de maneira tensa e conflituosa. Como assevera Certeau,<sup>92</sup> as pessoas (re)significam as suas experiências e as vivenciam de acordo com a expectativa e frustrações que possuem do mundo. (Re)agem com o intuito de darem sentido às coisas que lhes cercam, à cultura que lhes rodeia. São manifestações de aceitação e resistência ao mesmo tempo, reproduzindo os costumes da comunidade e recriando outro por meio de “táticas”, muitas delas inconscientes.

Uma sociedade resulta, enfim, da resposta que cada um dá à pergunta sobre sua relação com uma verdade e sobre sua relação com os outros. Uma sociedade sem sociedade é apenas um engodo. Uma sociedade sem verdade é apenas uma tirania.<sup>93</sup>

Todavia isto não é uma recusa do pesquisador à existência das relações de poderes desiguais, nem mesmo de negar os dispositivos de disciplinarização, mas apenas uma maneira de tentar fazer um exercício de entendimento, observando as relações sociais de maneira complexa e contraditória como se apresentam no real, apontando, principalmente, que ninguém está passivo às transformações sociais e que as pessoas (re)significam, transformam, recriam a maneira de se situarem em um determinado tempo e espaço, sempre marcado pelo choque de representações.<sup>94</sup>

Partindo da perspectiva das representações sociais, buscando entender os vários discursos históricos, é preciso considerar não apenas o que está evidente na documentação, mas as possíveis ausências, os silêncios que também ajudaram a compor as práticas assistencialistas da cidade e o modo de vida destes habitantes no começo do século XX. Este esforço inicial é para compreendermos de que forma setores da população se mobilizaram na implantação de inúmeras medidas que, em outras cidades, foram executadas pelo poder público.

---

<sup>92</sup> CERTEAU, Michel de. A cultura no plural. Op. cit.

<sup>93</sup> Ibidem, p. 38.

<sup>94</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos Avançados, 11 (5), 1991, p. 173-191.

É necessário afirmar que a psiquiatria não reinou absoluta no comportamento das pessoas, nem tampouco conseguiu resolver o grande desafio que envolve a loucura. Com um discurso poderoso, legitimado pelo conhecimento científico, a psiquiatria, desde o século XIX, passa a enfrentar críticas. Foi assim desde o seu surgimento. Alguns grupos, segmentos da intelectualidade, desenvolveram outros olhares sobre a loucura. Diversos conflitos advindos da própria psiquiatria, frutos da sua ineficiência em “curar” os loucos, somaram-se a outras indagações encetada por psicólogos, antropólogos, sociólogos e psicanalistas. No campo teórico, há também uma disputa de saberes.<sup>95</sup>

---

<sup>95</sup> Cf.: PORTER, Roy. História social da loucura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, 328 p.; PESSOTTI, Isaias. A loucura e as épocas. São Paulo: Editora 34, 1994. 208 p.

### 1.3 A política da convivência e o processo de legitimação do Sanatório Espírita de Uberlândia

O início das atividades do sanatório se deu em 1942. Representantes do poder público, a maçonaria, médicos, a Associação Comercial e Industrial (ACIUB), reunidos, celebraram a inauguração de uma instituição asilar bem vinda a interesses tão diversos. Depois de intensas cobranças, a notícia do evento foi editada na primeira página do jornal local mais importante:

Conforme já é do domínio publico, inaugurou-se no dia 29 do mês de Abril próximo findo, o Asilo de Dementes Allan Kardec, instituição essa, construída pelo espírito altamente dinâmico e caritativo do povo desta grandiosa Uberlândia e, patrocinada pela Associação Espírita.

As finalidades dessa benemérita instituição, pelo seu cunho verdadeiramente altruístico e humanitário não podiam mesmo deixar de merecer o apoio incondicional de todas as pessoas (sic) de bom senso - dar um abrigo àqueles que atravessando por este orbe repleto de amarguras, ficaram privados de expressarem a sua vontade - a perca das faculdades mentais.

A cerimônia do ato inaugural foi presidida pelo trabalhador incansável da doutrina Espírita, o Sr. José Gonzaga de Freitas.

Vários elementos de destaque de nossa sociedade emprestaram com a sua presença, maior brilhantismo a festividade. Estiveram presentes, o representante do Sr. Prefeito; o Sr. Luiz Arantes Diretor do Centro de Saúde; o Sr. Dr. Manuel Teixeira de Souza, Venerável da Loja Maçônica; os presidentes da Associação Comercial e dos choferes; os membros da Diretoria do Centro Espírita desta cidade, vários representantes de outras associações de classe, desta e de outras cidades do Triângulo e um número bastante apreciável de pessoas que com a sua presença levaram desde logo o seu apoio incondicional de assistência aos obsedados.

Vários oradores se fizeram ouvir durante as solenidades, tendo sido calorosamente aplaudidos, pela numerosa assistência a que encheu territorialmente o recinto.

“Correio de Uberlândia” ao registrar semelhante fato, o faz com aquela satisfação que lhe é muito peculiar e se coloca de antemão ao lado dos dirigentes dessa nobre instituição, oferecendo-lhe o seu apoio franco e incondicional.

E aos dinâmicos impulsionados de tão significativa empresa as nossas sinceras congratulações.<sup>96</sup>

Foram internadas no primeiro ano da instituição dezessete pessoas, segundo consta nos prontuários do sanatório. Além do médico Moysés de Freitas, clínico geral e

<sup>96</sup> SOB a mais viva satisfação, inaugurou-se domingo em nossa cidade, O ‘Asilo de Dementes’. Correio de Uberlândia, p. 1, 1 abr. 1942.

radiologista, o sanatório dispunha de uma enfermeira, dona Marolina, voluntária, contratada posteriormente. A casa tinha ainda outro enfermeiro, assalariado, chamado Rosalvo, e, mais tarde, teria-se contratado outro enfermeiro, o Bitencourt. As cozinheiras e outros ajudantes trabalhavam sem cobrarem nada, realizando as tarefas com amor e dedicação pela religião que professavam. Todos os enfermeiros não tinham formação acadêmica para a prática da profissão.<sup>97</sup> No começo da década de 1960, o psiquiatra Lázaro Sallum assume as atividades no hospício. Ele foi aprovado em um concurso estadual para atuar como psiquiatra na cidade e, Homero Santos, deputado estadual na época, conseguiu que o médico fosse atuar no sanatório, não precisando, com isso, que os espíritas arcassem com as despesas referentes ao seu salário. Esta parceria do poder público com esta entidade religiosa possibilitou que a existência do manicômio se perpetuasse, nos mostrando o jogo político estabelecido e a grande aceitação e prestígio que militantes kardecistas desfrutavam. A entrada de Sallum se deu definitivamente

[...] Quando o senhor Gladstone e Sr. João Dorneles Santos Junior, não sei se você chegou a conhecer, que é um dos diretores do Sanatório, eles vieram através do meu pai [...].

Então através que eles eram maçons e insistiram muito comigo, eu ainda não sabia se ia ficar em Uberlândia ou não, certo. Então eu aceitei dirigir lá, dar o nome como diretor clínico do Sanatório porque eles estavam na iminência de fechar o Sanatório porque não tinha psiquiatra. Então eu aceitei assinar como diretor clínico do Sanatório e quando eu vi que não ia sair mesmo o curso do CAPS e que se eu fosse pra Uberaba eu não ia ter grandes vantagens, certo?

Eu fiz concurso do Estado e fiz concurso pro INSS também. E, felizmente eu fui aprovado nos dois e aí eu fixei em Uberlândia definitivamente. Como médico perito, fazia perícia na parte neurológica e psiquiátrica para trabalho e médico do posto de saúde. Foi aí que entrou a diretoria do Sanatório, através do deputado Homero Santos que foram lá e conversaram na época, era o governador de Minas, era o Magalhães Pinto.<sup>98</sup>

A maçonaria em Uberlândia atuou em várias instâncias, em momentos diversos, dirigindo obras assistenciais. A obra mais importante desempenhada por esta organização foi a administração, em convênio com o poder público, de vários hospitais, denominados UAI's (Unidade de Atendimento Integrado), criados a partir de 1994, e, posteriormente em litígio com a prefeitura municipal. Novamente temos a atuação de

<sup>97</sup> CASTRO, Marolina. Depoimentos. Uberlândia, jan. 2001.

<sup>98</sup> SALLUM, Lázaro. Depoimentos. Uberlândia, 20 mai. 2005.

uma organização não governamental desenvolvendo projetos assistencialistas, cobrindo lacunas deixadas pelo descaso do poder público.<sup>99</sup>

Em última instância, poderíamos até considerar que a inauguração do manicômio representava para a população local a solução dos problemas referentes ao isolamento e tratamento dos loucos. As ruas não deixaram de ser habitadas pelos seus personagens ilustres, que continuavam a se divertir, convivência garantida desde que não perturbassem o espaço do mundo são. É comum ouvir entre os moradores da cidade histórias envolvendo loucos e casos extravagantes vivenciados por eles.

Em um ano de funcionamento, o sanatório internou apenas 17 enfermos, em um espaço projetado para abrigar, em média, uma centena de pessoas. O projeto arquitetônico da casa, desenhado por João Jorge Cury, arquiteto famoso na cidade, foi delineado acreditando-se no rápido crescimento urbano. Uberlândia, na década de 1940, era essencialmente rural e tentava se espelhar, pelos poucos intelectuais, filhos das elites ruralistas, às cidades metropolitanas como Rio de Janeiro e São Paulo. Para estes moradores, com mentalidade provinciana, a inauguração do sanatório significava, além da extirpação de comportamentos morais reprováveis a sua idéia de progresso, a realização de uma obra que só os centros importantes do país desfrutavam neste período. A responsabilidade da manutenção do hospício era defendida como uma obrigação que a população deviria abraçar, uma conquista que precisava ser preservada.

Por este viés, ainda que se perceba um descaso do poder público na geração de rendas para o sanatório, os militantes kardecistas conseguiram que pessoas ligadas a outras religiões contribuíssem para a manutenção desta casa asilar. Não somente o sanatório conseguia as doações como também tantos outros projetos assistenciais promovidos por estes religiosos. Como podemos observar pela preferência, há um reconhecimento dos feitos espíritas, definidor na legitimação de suas práticas:

Das instituições beneméritas com que conta o patrimônio social de nossa terra, destaca-se pelas finalidades filantrópicas o Sanatório Espírita, destinado ao tratamento de dementes.

Creado (sic) por um grupo de abnegados filantrópicos, em que o sentimento de humanidade cristã a luz merediana da doutrina espírita

---

<sup>99</sup> Vale assinalar que até 1970, quando criou-se o hospital das clínicas da UFU, a saúde municipal era relegada à instituições assistenciais e só em 1983, na gestão de Zaire Rezende, foi criada a Secretaria Municipal de Saúde que construiu quinze postos de saúde municipal, somando-se aos quatro já existentes, subsidiados pelo Estado. Sobre este tema, cf.: BORGES, Jarbas Mateus. A política municipal de saúde e a criação da Secretaria de Saúde (1986-2004). 2005. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

se empunha aos seus elevados sentimentos para com o próximo ergueram esse monumento de piedade que agasalha a todos sem exceção, ricos e pobres igualados ali, quer pelo infortúnio, quer pela assistência absolutamente gratuita conseguida a custa de insanos sacrifícios entre as pessoas de coração bem formado e que em todas as ocasiões estão aptas a compreender seus deveres para com o próximo, facultando de sua abastança e da sua felicidade, um pouco que mitigue a dolosa trajetória de seres humanos que o destino marcou neste mundo de sofrimentos e lágrimas.

A atual direção mentora do Sanatório Espírita, vem realizando esforços sobrehumanos para conseguir o suficiente para manter em franca atividades a 30 dementes permanentes.

Com o crescente custo da vida, foi se tornando escasso o produto da coleta e para que não sofra solução de continuidade o amparo que o Sanatório oferece seus internos os diretoristas se empenham presentemente em árdua campanha de obtenção de novos contribuintes.

A organização hospitalar conta com a proficiente cooperação de dois destinos médicos que no campo da psicopatia tudo fazem para arrebatam das garras de tão impressionante enfermidade, aqueles que se socorrem dos tributos caridosos do Sanatório que contando com a magnanimidade de muitos corações, pretende incluir no quadro de socorrentes novos elementos que auxiliem os responsáveis pelo mesmo a carregar o pezado fardo que tão abnegadamente carregam em obediência, ao segregado dever de amar aos semelhantes como a eles próprios. Cremos no sentimento altruístico da nossa gente sempre solícita na sua faina de socorrer os desgraçados e daí o concluímos muito simplesmente, que o apelo que vem sendo lançado entre os habitantes desta terá, encontrará por certo a ressonância de vida.

O Sanatório Espírita, destinado a semear o bem, a caridade, não será olvidado e com ele os seus 30 infelizes hospedes que um dia ao voltarem a razão, bendirão as mãos caridosas que se estenderam para ajuda-los a vencer a íngreme encosta na montanha das desditas deste mundo.<sup>100</sup>

São freqüentes as notas favoráveis às “benfeitorias” realizadas pelos fiéis espíritas:

A nossa cidade conta, felizmente, com algumas instituições de assistência social que prestam relevantes serviços. Além da Santa Casa de Misericórdia, que é a de maior, há o Sanatório Espírita e alguns asilos que se esforçam denodadamente para satisfazer as finalidades para que foram fundados.

Mas é forçoso reconhecer que essa missão é difícil de levar a cabo. Sem dúvida nenhuma que há almas generosas que fazem doações maiores ou menores, conforme as posses de cada um, representando sempre boa vontade, espírito caritativo, solidariedade humana. Mas toda renda auferida é sempre insuficiente para as despesas que são exorbitantes em face da carestia dos artigos indispensáveis para o seu funcionamento. Só a alimentação dos asilados com os preços que agora são exigidos no mercado local, absorve todos os proventos conseguidos pelos institutos assistenciais. Mas temos ainda que

<sup>100</sup> SOCORRAMOS o Sanatório Espírita de Uberlândia. Correio de Uberlândia, p. 2, 27 jul. 1946.

computar os artigos de utilidades, o mobiliário, a roupa de cama que é de duração limitada, equipamento de cozinha, combustível para o fogão, luz, força e sobretudo medicamentos que custam uma fortuna e se consomem necessariamente em grande quantidade.

É verdade que os poderes públicos – municipais, estaduais, federais – concedem subvenções às entidades de assistência. Essas subvenções, porém, são diminutas relativamente ao vulto dos dispêndios normais. Também observa-se que não são pagas com oportunidade, dependendo ainda para o recebimento das despesas com procuradores, que, como é óbvio, cobram as suas percentagens. Causa mesmo certa admiração a eficiência com que os administradores da Santa Casa e dos asilos dirigem esses estabelecimentos com as verbas escassas de que dispõem, recebida tardiamente a maior parte delas.<sup>101</sup>

Aqui, percebemos não só a presença de espíritas entre o poder público, mas o processo de legitimação e institucionalização da assistência social pela própria sociedade cujo cumprimento de atividades não filantrópicas de saúde estavam a cargo de entidades religiosas que, em teoria, deveria ser dever do Estado. É nessas fissuras abertas pela irresponsabilidade do poder público em relação aos problemas sociais que surgem personagens que ficaram marcados no imaginário da cidade. Estamos falando de José Gonzaga de Freitas, espírita de família proeminente de empresários, médicos e profissionais liberais, que abraçando a causa espírita, tornou-se autor de ações beneméritas em Uberlândia. Como partícipe do centro espírita Fé, Esperança e Caridade arrecadava com toda a sociedade, comércio, indústria, famílias e quem mais atravessasse seu caminho auxílio financeiro, remédio, comida, roupas, entre outras coisas para o asilo. Onde chegasse com seu caderno, era certo o auxílio conseguido, por isso, talvez, mesmo não tendo sido diretor geral, era o rosto que identificava a obra social. E esta imagem certamente foi reafirmada por seus programas de rádio e de televisão, em que atuou por mais de 30 anos. Vejamos o depoimento de sua filha:

E era sustentado porque o papai andava nas ruas pedindo, nas casas, nunca foi sustentado pelo poder público, nunca ganhamos nada. Foi a população uberlandense que sempre sustentou. Nunca faltou Maria Clara a carne, a verdura, os ovos, nunca faltou, remédios.<sup>102</sup>

A aceitação que muitos espíritas obtiveram perante a sociedade uberlandense neste período da implementação do Sanatório Espírita pode ser vista pelo número de doações. As feitorias dos seus adeptos alcançariam uma magnitude extraordinária, assumindo uma estratégia eficiente de divulgação dos seus preceitos. Nas entrevistas

<sup>101</sup> O PROBLEMA da assistência. O Repórter, Uberlândia, 15 mai. 1959.

<sup>102</sup> FREITAS, Nicelídea. Depoimentos. Uberlândia, 17 jun. 2005

realizadas para este trabalho, foi unânime a resposta de que o sanatório não recebia subvenções da prefeitura. Segundo Gladstone Rodrigues da Cunha, diretor do Sanatório Espírita na década 60

[...] Com referência a manutenção financeira do nosso Sanatório Espírita, se existia algum amparo oficial, ou por parte da prefeitura, ou por parte do Estado, durante a minha gestão, eu não tive conhecimento disso. Nunca perguntei, nunca indaguei. O que era do meu conhecimento é que o nosso irmão, muito admirado por mim como um grande trabalhador da seara espírita, José Gonzaga de Freitas, esse irmão dava o seu tempo integral em busca de recursos muito, das empresas, das máquinas de arroz, naquele tempo tínhamos dezenas, centenas de máquinas de arroz em Uberlândia, ele vivia diariamente batendo na porta de quem tinha condições de dar algum apoio financeiro, angariando recursos para a manutenção dos irmãos que viviam no Sanatório. E com isto, pelo menos durante os oito anos que nós lá estivemos, graças a Deus nunca faltou nada para amparar aqueles irmãos.<sup>103</sup>

Na fala de Dona Marta, filha de uma ex-diretora, Florisbela, segunda esposa de José Gonzaga de Freitas, sua mãe relatara a dificuldade de manter a instituição, uma vez que não era subsidiada pelo poder público.

Não nós tínhamos SUS não. Não tínhamos SUS, não tínhamos nem convênio com nada. A única, o único órgão que nos dá ajuda até hoje é a CEMIG, ela nos dá oitenta por cento da luz. Só. É o único, a CEMIG. A prefeitura nunca nos isentou, nem de IPTU, nem de água. Nunca nos isentou. Lá nós pagamos, o IPTU de lá é muito, é muito grande, que a área é muito grande. Eu quero dizer, era uma casa de utilidade pública, né? Nós temos isenção federal, estadual, não paga imposto é tudo isento, mas não tinha, desde essa época o seu José, sempre o seu José que trabalhou nas ruas. Ganhava um não aqui, um sim ali.<sup>104</sup>

Apesar de serem escassas as doações do poder público, existia uma subvenção da Prefeitura Municipal, não só para o sanatório, mas também para outras obras assistenciais espíritas como o Dispensário dos Pobres, o Lar Alfredo Julio, o Educandário Emmanuel, como podemos atestar na publicação do orçamento para aquele ano:

---

<sup>103</sup> CUNHA, Gladstone Rodrigues da. Depoimentos. Uberlândia, abr. 2002.

<sup>104</sup> DEUS, Marta Maria Terra de. Depoimentos. Uberlândia, dez. 2002.

TABELA 2

Subvenções, Contribuições e Auxílios - Despesas diversas

Ao Dispensário S. Vicente de Paulo	Cr \$ 36.000,00
Ao Asilo S. Vicente de Paulo	Cr. 1.200,00
Ao Delegado de Polícia	Cr. 3.600,00
A Sociedade Mineira de Proteção aos Lázarus e Defesa com a Lepra	Cr \$ 500,00
A Associação de Tuberculosos Proletários	Cr \$ 1.000,00
Ao Serv. Anti-Rabico de Uberaba	Cr \$ 500,00
Ao Sanat. Espírita de Uberlândia	Cr \$ 6.000,00

Fonte: CORREIO DE UBERLÂNDIA, 21 jan. 1943.

A partir de um intenso trabalho de pesquisa nos jornais, notamos que não há nenhuma nota negando a importância do sanatório para a cidade, ao contrário, percebe-se o enaltecimento das obras espíritas pelos meios de comunicação. Na Câmara Municipal, o vereador João Pedro Gustin faz uma intervenção na assembléia para engrandecer os feitos espíritas, dizendo que:

Reconhece que em nosso município o desempenho da igreja do Espiritismo e do Protestantismo, tem dado o melhor atendimento aos necessitados. Não nega o trabalho realizado pela Santa Casa, Lar Alfredo Julio e igrejas evangélicas que dão escolas aos nossos filhos [...] (Verador João Pedro Gustin).<sup>105</sup>

O Sanatório utilizava-se também da imprensa, mais especificamente o jornal O Correio de Uberlândia, para prestar contas das doações recebidas. São inúmeras as publicações como esta:

<sup>105</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. Ata da nona sessão da terceira reunião ordinária realizada no dia 22 abr. 1968, Uberlândia, 1968.

TABELA 3

Contribuições Recebidas em Benefício do Sanatório Espírita de Uberlândia – 1959	
Instituições	Doação
Bernardi e Capistrano LTDA	10.000,00
Intermáquinas LTDA	10.000,00
Walter Rodrigues Neto	10.000,00
Autobrás LTDA	10.000,00
Renovadora de Pneus OK LTDA	10.000,00
Jayme Tannús e CIA LTDA	10.000,00
Joaquim Fonseca e Silva e CIA	5.000,00
Lindolfo Pinto e CIA LTDA	5.000,00
Irmãos Garcia e CIA LTDA	5.000,00
Tyresoles do Triângulo LTDA	5.000,00
Wilson Silveira	5.000,00
Aziz Badue	5.000,00
Teixeira Resende LTDA	5.000,00
Irmãos Freitas LTDA	5.000,00
Horman Engel-Armazem do Comércio	5.000,00
Teixeira LTDA	5.000,00
Salim Tannus	5.000,00
Osvaldo de Oliveira	5.000,00
Messias Pedreiro	5.000,00
Fabio Pereira de Andrade	5.000,00
Galeno de Andrade Santos	5.000,00
Oliveira Indústria e Comércio LTDA	5.000,00
Elias Simão	5.000,00
Cardoso Rodrigues e Cia LTDA	3.000,00
Mário Rezende Ribeiro	3.000,00
Móveis Ipiranga LTDA	1.000,00
Jorge Tannus	1.000,00
Imobiliária Tibery LTDA	2.000,00
Arnaldo Ribeiro Guimarães	2.000,00
Eduardo José Bernardes	2.000,00
Pedro Amâncio Dias	2.000,00
Manoel Serralha Filho e Cia	2.000,00
Irmãos Rodrigues e Cia LTDA	2.000,00
Irmãos Mendes	2.000,00
Auto Retificadora Progresso LTDA	2.000,00
Produtos Erlan LTDA	4.000,00
Hotel Zardo	2.000,00
Artur Rodrigues	2.000,00
Oscar Mendes de Lima	1.000,00
Romulo Vilela da Silva	2.000,00
Comercial Triângulo LTDA	2.000,00
J. Batista e Cia	2.000,00

Juvelina Ferreira Arantes	2.000,00
Jayme Tannús	2.000,00
Jorge Labeca	2.000,00
Auto Minas Goiás LTDA	2.000,00
Ramiro Pedrosa	1.000,00
Ilegível	1.000,00
Fernandez e Horbilon	1.000,00
Luiz Fleury Curado	1.000,00
Total	196.000,00

Fonte: O CORREIO DE UBERLÂNDIA, 14 jun. 1959.

Nas falas dos militantes espíritas, todos reiteram as dificuldades enfrentadas na manutenção material da instituição, mas afirmam que nunca faltou nada para os internos. Havia comida farta, roupas, remédios, conseguidos por meio das doações, porém, no depoimento de Lázaro Sallum, o maior motivo de sua saída, em 1982, foi por não agüentar a falta de alimentos, a escassez de medicamentos. Em várias oportunidades, chegava no sanatório, não havendo comida, ele doava um montante em dinheiro para que se fizesse uma compra:

Bem, então larguei a escola de medicina e aí continuei só com o consultório. E nessa época o Sanatório começou a passar por uma situação tremenda, com dificuldades financeiras e de repente eu acordei, pode parecer absurdo isto, acordei tirando dinheiro do bolso.

De chegar e não, não tem arroz, mandava comprar um saco de arroz do meu bolso. Depois cheguei um ponto, eu falei não, chega, eu, né.

Nós tínhamos, por exemplo, tínhamos pessoas, o Dr. Salim também, outro que cê (sic) conheceu. O Dr. Salim também, por exemplo, que sistematicamente, certo, sistematicamente, ele e o Dr. Kasan dava dez salários mínimos pro Sanatório. Todo mês! Quer dizer, acontece que pra manter cem doentes. Era um saco de arroz de sessenta quilo dava pra três refeições. Era vinte quilo de arroz por dia. Quer dizer, e foi chegando um ponto em que a situação foi ficando precária, precária, não tinha como comprar medicamentos, não tinha como comprar mantimentos e aí eu deixei o Sanatório. Não adianta querer dar murro em ponta de faca. Aí eu saí, na época, eu consegui convencer um garoto que tinha chegado aqui em Uberlândia, recém formado, era psiquiatra, ficar lá no Sanatório no meu lugar, e ele ficou, mas ele ficou me parece que uns quatro ou cinco meses, eles mataram ele lá na escola.<sup>106</sup>

Os benefícios conseguidos dependiam de acordos e conchavos. Lázaro nos contou que, em um certo período, o chefe do Serviço Nacional de Doenças Mentais

<sup>106</sup> SALLUM, Lázaro. Op. cit.

simpatizou com a maneira como os diagnósticos eram aplicados, passando a garantir, todo o mês, o suprimento da medicação utilizada. Quando mudava o chefe interrompia-se a remessa. Faziam acordo com determinado sargento do Exército para que fossem doados alimentos e, quando este oficial mudava de cidade, o fornecimento era cortado. Ainda,

O município dava quando o Renato de Freitas assumiu a prefeitura de Uberlândia, o Renato de Freitas teve o descaramento de votar uma verba de mil Cruzeiros pro Sanatório. Mil Cruzeiros naquela época equivaleriam a cinco salários mínimos anual.

Não dava pra comprar o arroz. Mas eu tinha um aluno, da Faculdade de Medicina, que era major do Exército aqui, quando o Exército aqui não era batalhão, era regimento. Então era o major que dirigia. Eu esqueci o nome dele.

Foi um dos primeiros que teve aqui. Eu conversando com ele, que a situação, que eu levava, na hora de aula na Faculdade de Medicina, eu ia pro Sanatório, enchia o carro de doente, levava pro Sanatório, dava aula naquele doente, voltava com isto pro Sanatório, cê entende como é que é? Porque eles não aceitavam levar estudante lá. A cabeça deles era aberta que era uma maravilha.

Nossa Senhora! Chegava uma tonelada de peixe, eles mandavam duzentos quilos pro Sanatório, cê entendeu como é que é? Chegava, por exemplo, um caminhão de arroz, ele mandava dez sacos pro Sanatório. Ele ajudou tremendamente. Mas aí tiraram o major, passou pra batalhão e veio um coronel. O coronel, primeira coisa que ele fez foi cortar essas ajudas que eles davam. O Sanatório passou a viver...<sup>107</sup>

Havia inúmeras reclamações por parte dos militantes espíritas acerca do descaso dos governantes municipais e estaduais em gerir recursos às obras assistenciais, uma vez que esta era função daqueles. Porém, estas lacunas deixadas pelas administrações públicas possibilitaram a ascensão do espiritismo. Para além disto, os espíritas não só se fizeram e se fazem presentes em setores estratégicos da sociedade, tendo representantes na política, no meio intelectual e na imprensa, como também conseguiram, em grande medida, uma convivência harmônica com segmentos não espíritas, compondo os quadros conservadores da época. Isto não equivale a dizer que todos os espíritas eram reacionários, o que equivale também para os médicos e políticos. É preciso ficar clara a grande distância existente entre a doutrina religiosa professada e as práticas sociais e isto vale para todas as religiões. Sem entrar no mérito da essência que move as religiões, nem tampouco classificar se são produtos de revelações divinas ou criações humanas, podemos asseverar, contudo, que as pessoas reelaboram aquilo que sentem, que

---

<sup>107</sup> Ibidem

vivenciam, incorporando valores pertencentes à sua cultura. Não há conteúdo puro, pois alguém já o transformou e o readaptou de acordo com as suas próprias necessidades.

A investigação da trajetória do Sanatório Espírita de Uberlândia permite pensar uma cidade em constante movimento, em sua cultura e nos modos de vida destas pessoas que se organizam e criam seus próprios significados. Mais ainda, é necessário enxergarmos a confluência das vertentes de pensamentos no Brasil, relacionando-os com as representações do universo simbólico dos adeptos kardecistas, associados às práticas do tratamento da loucura, a fim de aludir ao processo histórico, delineados por grupos sociais, causadores de tantas injustiças e desmandos com os portadores de transtornos mentais.

No arrolamento da documentação para esta pesquisa, percebíamos a maneira como os interesses das elites empresariais e políticas foram se casando com o projeto assistencialista dos espíritas, sendo freqüentes as homenagens de políticos rendidas aos fiéis espíritas engajados em atividades caritativas. Estas alianças costuradas dependiam do jogo político em questão, não necessariamente das perspectivas ideológicas partidárias. Por outro lado, é forçoso aceitar que estes grupos viviam em harmonia e que as contradições geradas por interesses às vezes díspares não conduzia ao conflito.

## 2. ESPIRITISMO: ATUAÇÃO POLÍTICA E LEGITIMAÇÃO SOCIAL

## 2.1 O espiritismo no Brasil: trajetória e legitimação

A construção do Sanatório Espírita em Uberlândia, legitimando práticas do tratamento psiquiátrico, está fortemente associada à própria ascensão da religião espírita na cidade, entidade religiosa que controlava tanto o tratamento ministrado aos doentes mentais como também a parte administrativa. Sendo assim, é importante discorrermos acerca dessa trajetória delineada por adeptos do espiritismo em busca de reconhecimento, condição esta marcada pela tensão existente entre católicos e espíritas.

Segundo o IBGE, o espiritismo no Brasil cresceu aproximadamente 40% nos dois últimos censos, somando-se cerca de 20 milhões de espíritas, não contabilizando as pessoas que, mesmo não se considerando adeptas, de uma maneira ou de outra, se aproximaram das práticas espiritualistas, tanto no que se refere às curas espirituais - muito difundidas por esta religião -, quanto pela busca por fenômenos paranormais. Segundo revela a pesquisa, os seus adeptos se encontram em uma situação financeira mais confortável comparativamente à outros fiéis, possuem uma renda 150% maior que a média do país e uma taxa maior de escolaridade entre os praticantes de outras religiões.

Como podemos observar no Quadro 4, o número de espíritas comparado às religiões pentecostais é pequeno, por outro lado, o crescimento do número de adeptos tem aumentado significativamente nestes últimos cinco anos. Como pode ser visto, até o ano 2000, a porcentagem ficava em torno de 2% da população, aumentando, em 2006, para 9%, segundo aponta a revista *Época*. É imprescindível buscarmos neste trabalho, além de outras coisas, desvelar em que medida a cultura brasileira esteve mais propícia a aceitar as concepções espíritas? Como compreender o destaque alcançado por esta doutrina religiosa?

TABELA 4

Distribuição dos Números da População, segundo a Religião no Brasil em 2000				
Religião / Doutrina	Total	Homens	Mulheres	%
Católica Apostólica Romana	124.976.912	61.806.740	63.170.173	73,60

Evangélicas	26.166.930	11.497.751	14.669.179	15,41
Espírita	2.337.432	954.350	1.383.082	1,38
Espiritualista	39.840	8.550	31.290	0,02
Umbanda	432.001	210.019	221.981	0,25
Candomblé	139.328	68.126	71.202	0,08
Judaíca	101.062	48.978	52.084	0,06
Budismo	245.870	120.246	125.625	0,14
Outras Religiões Orientais	181.579	69.556	112.022	0,11
Islâmica	18.592	12.011	6.581	0,01
Hinduísta	2.979	1.757	1.222	0,00
Tradições Esotéricas	67.288	30.498	36.790	0,04
Tradições Indígenas	10.723	4.991	5.732	0,01
Outras religiosidades	1.978.633	900.437	1.078.196	1,17
Sem religião	12.330.101	7.442.834	4.887.267	7,26
Não determinada	382.489	185.436	197.053	0,23
Total Geral	169.799.170	83.576.015	86.223.155	

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

TABELA 5

Distribuição dos Números da População, segundo a Religião no Brasil em 1940 e 1950				
Religião / Doutrina	Total em 1940	% em 1940	Total em 1950	% em 1950
Católicos	39.177.880	95,2	48.558.854	93,7
Protestantes	1.074.857	2,6	1.741.430	3,4
Espíritas	463.400	1,1	824.553	1,6
Budistas	123.353	0,3	152.572	0,3
Israelitas	55.666	0,1	69.957	0,1
Ortodoxos	37.953	0,1	41.156	0,1
Maometanos	3.053	---	3.454	---
Outras Religiões	110.849	0,3	140.379	0,3
Sem Religião	87.330	0,3	274.236	0,5
Total	41.134.341		51.806.591	

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1940 e 1950.

A resposta à questão acima talvez esteja relacionada à idéia de um país que se urbanizava, em busca da tão propalada modernização que se assentaria no ideal de desenvolvimentismo de J.K., de uma industrialização cujo suporte estaria nas suas cinco metas, tão discutidas. O fato é que o perfil da sociedade brasileira se transforma de maneira irreversível desde 1960 e compreendendo a cultura como parte inerente dessa mudança, o catolicismo tradicional, arcaico, não respondia mais com a mesma intensidade às crises experimentadas no novo cenário social. Assim, é que, tomando de empréstimo a conceituação de Camargo, as religiões internalizadas, entre elas a pentecostal, a espírita e a carismática, oferecem respostas mais consistentes àqueles que se vêem envolvidos neste processo. É nesse sentido que Pierucci e Prandi afirmam:

Quando a umbanda, o espiritismo, o pentecostalismo, o candomblé, curam, suprimindo o mal físico ou a loucura, aplainando a crise existencial, repondo a certeza na ação, ainda que a ciência passa constatar a mudança operada, podendo até comprovar ou não a eficácia terapêutica, não pode interromper o sentido da experiência religiosa da cura. [...] Estas modalidades religiosas são capazes, cada qual a seu modo, de dar forma e impregnar de sentido um estilo de vida relativamente adequado ao setor que se moderniza na sociedade brasileira.<sup>108</sup>

A estatística, mesmo que indique situações gerais, pode mascarar pontos relevantes para a análise deste trabalho. Algumas bandeiras fundamentais do espiritismo, como reencarnação, comunicações e curas espirituais estão disseminadas na sociedade brasileira e também no mundo, em diversas linguagens e representações artísticas, embora não seja tão expressiva. Na literatura, na produção cinematográfica, em programas de televisão, entre outros, a discussão sobre reencarnação, comunicação espiritual, curas mediúnicas e outros dogmas adotados pelo espiritismo são bem recorrentes, despertando a curiosidade de inúmeros adeptos de outras religiões. Em 1994, apenas para citar um exemplo, a novela de Ivany Ribeiro, chamada *A Viagem*, exibida pela Rede Globo, obteve considerável número de audiência, abordando, entre outros temas, fenômenos paranormais e a vida após a morte. A mesma trilha percorreu o folhetim *Alma Gêmea*, da Rede Globo, apresentada em 2005, que obteve o melhor índice de audiência no horário das seis na última década. Em 2006 entrará no ar *O Profeta*, versão de Ivany Ribeiro dos anos de 1970, da TV Tupi. No programa *Linha Direta*, também da emissora Globo, os que tiveram maior repercussão estão

<sup>108</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política. São Paulo: Hucitec, 1996. 296 p.

relacionados à mediunidade, entre eles a história sobre cartas psicografadas de treze mortos do edifício Joelma, que pegou fogo em 1974. Além disso, filmes como *Ghost*, *Os Outros*<sup>109</sup>, *Sexto Sentido*,<sup>110</sup> entre tantos outros também abordam as temáticas que envolvem o espiritismo.

O mercado editorial referente às obras espíritas constitui-se em um tópico à parte. Várias obras atingiram o status de best-sellers, muitos deles há dez anos não saem da lista dos dez mais vendidos, como Zibia Gasparetto; Chico Xavier já vendeu mais de 25 milhões dos seus 400 títulos psicografados; Waldemar Falcão, autor de *Encontro com Médiuns Notáveis* é um dos mais vendidos nas maiores livrarias; e a biografia *As Vidas de Chico Xavier*, de Marcel Souto Maior, chegou à casa dos 300 mil exemplares vendidos.<sup>111</sup>

Tais recordes aguçam a curiosidade de qualquer pesquisador e a questão que paira no ar é a de como explicar tal repercussão. Flávio Pierucci, sociólogo da USP, explica o porquê da crescente adesão da classe média ao espiritismo:

O espiritismo é uma religião confortável. Ela suaviza o drama da morte e dá respostas lógicas ao que acontece de bom ou ruim. Sem falar que podemos levar créditos ou débitos para outras vidas. Por isso, há três grandes razões para esta atração das classes médias:

- 1) A doutrina espírita se baseia num conjunto de idéias bem sistematizadas e, portanto, possível de aceitação racional;
- 2) Ela é flexível e acolhe gente de todas as religiões;
- 3) A forma original da religião fundada por Kardec de lidar com a questão da morte.<sup>112</sup>

Identificado com algumas correntes de pensamento europeu, o espiritismo é trazido para o Brasil por imigrantes europeus letrados. Apoiado na idéia da reencarnação e da evolução, o espiritismo surgiu com Hippolyte Leon Denizard Rivail, conhecido por Allan Kardec, pedagogo, nascido em 1804, fortemente influenciado pelas idéias liberais, inspirado nas doutrinas de Rousseau. Na década de 1850, trava forte contato com fenômenos paranormais, principalmente com as sessões de “mesas girantes”, passando, a partir disso, a estudar tais ocorrências. Kardec, convicto da existência de comunicação com espíritos lança, em 1857, a obra intitulada *O Livro dos*

<sup>109</sup> OS OUTROS. Direção: Alejandro Amenábar. EUA: Miramax Films / Dimension Films, 2001. 1 filme (114 min.), son., color.

<sup>110</sup> O SEXTO SENTIDO. Direção: M. Night Shyamalan. EUA: Buena Vista International, 1999. 1 filme (106 min.), son., color.

<sup>111</sup> MENDONÇA, Martha. O novo espiritismo. Revista Época. São Paulo: Editora Globo, 3 jul. 2006.

<sup>112</sup> Ibidem, p. 70.

*Espíritos*, em forma de perguntas e respostas, supostamente respondidas pelos espíritos. As perguntas eram direcionadas aos médiuns, uma vez que Kardec se dizia não possuidor de dons mediúnicos. Entre outras abordagens, o livro realça a existência do mundo espiritual, a natureza e a pluralidade das vidas passadas e as leis morais. Segundo defendem os seus seguidores, esta doutrina propõe uma comunhão da religião com a ciência, em que trata as revelações divinas por meio da manifestação dos espíritos, e que podem ser explicadas racionalmente, dentro dos parâmetros adotados pela ciência.<sup>113</sup>

Kardec viria a publicar outras obras, entre as mais importantes, *O Evangelho segundo o espiritismo*, *A gênese*, *O céu e o inferno*, *O livro dos médiuns*, além de ser responsável pela organização de um periódico denominado *Revista Espírita*, que tinha como objetivo a divulgação da religião que se iniciava. Alan Kardec morre em 1869, deixando vários seguidores, entre eles: Leon Denis, Pierre Leymarie, Cammille Flammarion, Charles Richet, William Crookes, entre outros.

A partir daí, houve intensa divulgação dos preceitos espíritas por diversas partes da Europa e, em 1869, após a morte de Allan Kardec, esta religião havia alcançado mais de quinhentos adeptos na Europa. Segundo Laplantine e Aubrée,<sup>114</sup> a Europa possuía, no final do século XIX, uma verdadeira cultura espírita, dada a curiosidade despertada pela suposta possibilidade de comunicação espiritual, difundida por meio de inúmeras obras literárias e por seus militantes espíritas. Havia na França 13 periódicos em circulação; na Espanha era possível localizar 36 revistas. Na última década do século XIX, contava-se, aproximadamente, 90 periódicos em toda a Europa, tamanho era o movimento espírita que, em 1889, propiciou que a França sediasse o I Congresso Internacional Espírita e Espiritualista.<sup>115</sup>

---

<sup>113</sup> Para um aprofundamento sobre o processo de aceitação do espiritismo no Brasil e sua construção ideológica e religiosa no país e também na Europa, conferir entre outros: GIUMBELLI, Emerson. Op. cit.; SILVA, Raquel Marta da. Chico Xavier: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais - Uberaba, 1959-2001. 2003. 269 f. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003; DAMÁZIO, Sylvania, F. Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994; JURKEVICS, Vera Irene. Crenças e vivências espíritas na cidade de Franca (1904-1980). 1998. 137 f. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Unesp, Franca, 1998.; STOLL, Sandra Jacqueline. Entre dois mundos: o espiritismo da França e no Brasil. 1999. 255 f. Tese (Doutorado em Antropologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

<sup>114</sup> LAPLANTINE, François; AUBRÉE., Marion. La table, le livre et les esprits. Paris: J.C. Lattès, 1990. apud: GIUMBELLI, Emerson. Op. cit.

<sup>115</sup> GIUMBELLI, Emerson, Op. cit.

Num depoimento, Kardec ressalta:

Por toda parte a idéia espírita começa a ser difundida partindo das classes mais esclarecidas ou de mediana cultura. Em nenhum lugar ascende das classes mais incultas. Da classe média ela se estende às mais altas e mais baixas da escala social. Em muitas cidades os grupos de estudo são constituídos quase que exclusivamente por membros dos tribunais, pela magistratura e o funcionalismo. A aristocracia fornece também seu contingente de adeptos mas até o presente eles têm se contentado em ser simpatizantes e, na França pelo menos, pouco se reúnem. Grupos desse tipo são mais comuns na Espanha, Rússia, Áustria e Polônia [...].<sup>116</sup>

O autor Artur Isaia<sup>117</sup> faz um estudo dos discursos produzidos pelo espiritismo à luz do século XIX, na Europa, momento em que emergem as teorias positivistas de Auguste Comte e evolucionistas com Charles Darwin. Para este autor, tal doutrina religiosa surge num período conturbado, momento de intensa miséria na França, quando a classe operária vivia em péssimas condições, e culminava o risco de uma revolta, culminando, talvez, uma revolução. A nova doutrina religiosa em questão serviria para acalmar os ânimos dos trabalhadores, aspecto evidenciado tanto no que se refere às práticas de assistência aos pobres e desvalidos, quanto à parte doutrinária, que prega um sentimento de conformidade com a realidade social vivida que justificava o sofrimento que muitos sujeitos enfrentavam naquele momento. Deveriam se resignar, pois mereciam a situação de miserabilidade, expiavam erros de reencarnações passadas. Assim, a legitimação do espiritismo se explicaria, em parte, dada a postura dos espíritas de aceitação do *status quo*, e, por conseguinte, agirem em consonância com os interesses da elite européia.

No Brasil, em meados dos anos 70 do século XIX, o espiritismo teria seguidores identificados com o ideal republicano, com a bandeira abolicionista e com as teorias positivistas e evolucionistas. Em 1875 e 1876 são traduzidas, para o Brasil, quatro das cinco obras mais importantes de Kardec. Em 1884 é criada a Federação Espírita Brasileira, instituição importante para promover um trabalho de propaganda da religião.<sup>118</sup>

<sup>116</sup> KARDEC, Allan. Viagem espírita em 1862. São Paulo: O Clarim, s/d, p. 21-22.

<sup>117</sup> ISAIA, Artur Cesar. Allan Kardec e João do Rio: os jogos do discurso. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosângela. Histórias & Historiografia. Uberlândia: Edufu, 2003.

<sup>118</sup> GIUMBELLI, Emerson. Op. cit.

Reportando à cidade de Uberlândia, nas palavras de Vitusso,<sup>119</sup> o surto espírita no Triângulo Mineiro teve como justificativa a atuação de importantes nomes para a religião, indivíduos que, segundo a autora, mostraram-se como ícones da divulgação doutrinária, multiplicado ainda mais pela popularidade de Chico Xavier, médium espírita residente em Uberaba até 2002, ano de sua morte. Remontar a história da legitimação do espiritismo em Uberlândia ajudará a compreender melhor as práticas vivenciadas na cidade.

O espiritismo encontrou forte disseminação no Brasil e a recepção desta doutrina foi bem diferente à de outros países europeus. Para Sylvia Damazio, a doutrina de Kardec é apreciada, principalmente na França, pelo seu caráter científico, diferentemente do Brasil que adquirira uma característica mais religiosa, facilmente percebida nas práticas assistenciais e na ênfase pela caridade e moral propalada.<sup>120</sup> As características culturais brasileiras, entre elas, em destaque o sincretismo religioso e as condições sócio-econômicas aqui engendradas ao espiritismo, se envereda pela perspectiva religiosa, explicando assim, sua aceitação e o respeito à sua doutrina. Isto está fortemente evidenciado no respeito que a figura de Chico Xavier conquistou, mesmo por parte de não espíritas.<sup>121</sup>

Como o Islamismo na Indonésia, o Espiritismo é uma religião importada, que se difunde no país confrontando-se com uma cultura religiosa já consolidada, hegemônica e, portanto, conformadora do ethos nacional. Sua difusão, como postulam certos autores, foi em parte favorecida pelo fato das práticas mediúnicas já estarem socialmente disseminadas, de longa data, no âmbito das religiões de tradição afro. No entanto, em contraposição a estas o Espiritismo define sua identidade, elegendo sinais diacríticos elementos do universo católico. [...] O Espiritismo brasileiro assume um “matiz perceptivelmente católico” na medida em que se incorpora à sua prática um dos valores centrais da cultura religiosa ocidental: a noção cristã de santidade.<sup>122</sup>

No final do século XIX, três vertentes de pensamentos se evidenciam no Brasil: uma visão cientificista, influenciada pelo positivismo e pelo darwinismo; outra liberal, empenhada na instauração da República e o fim da escravidão; e, finalmente, a vertente

<sup>119</sup> VITUSSO, Isabel R. Terra fértil semente lançada. A história do espiritismo em Uberlândia. Uberlândia: Aliança Espírita Municipal, 2000.

<sup>120</sup> DAMÁZIO, Sylvia, F. Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

<sup>121</sup> STOLL, Sandra Jacqueline. Entre dois mundos: o espiritismo na França e no Brasil. São Paulo: USP, 1999.

<sup>122</sup> Ibidem, p. 48.

conservadora, marcada pela religião católica. Os espíritas mantiveram relações com estas três vertentes. Aproximaram-se dos maçons, defenderam os ideais republicanos e abolicionistas, tanto quanto as teorias científicas e, mesmo se contrapondo ao catolicismo, incorporaram práticas desta religião.

Para Fábio Luiz da Silva,<sup>123</sup> a sedimentação do espiritismo no Brasil aconteceu em meio à imagem do paraíso, do fantástico, presentes nos discursos dos europeus. Na obra psicografada por Chico Xavier, *Brasil coração do mundo e pátria do evangelho*,<sup>124</sup> bastante lida na década de 1940, está presente o ideário da responsabilidade que cabia ao cristão em relação ao Brasil. A repercussão desta obra, supostamente escrita por Humberto de Campos, mobilizará inúmeras atividades dos espíritas. Neste momento de enorme receptividade da obra pelos kardecistas, a Federação Espírita, instituição importante na legitimação do espiritismo, já se encontra forte, detentora de uma editora com larga distribuição no Brasil, além de inúmeros jornais, reafirmando o valor científico da doutrina lançada por Allan Kardec.<sup>125</sup>

Em relação a importância de Chico Xavier para a ascensão do espiritismo no Brasil, Bernardo Lewgoy<sup>126</sup> discute o imaginário que envolve a religião e os seus adeptos, mostrando, na figura deste médium, a elaboração de símbolos e significados em torno da mediunidade, da reencarnação, da vida após a morte e, fundamentalmente, a forma como esta doutrina se organiza para se expandir. É relevante mencionar a importância de Chico Xavier para a doutrina espírita na medida em que a sua extensa produção literária, além da imagem de santidade que o circunda, influenciou na construção de um ideário de conduta espírita, norteando, de maneira significativa, um vasto campo de atuação dos espíritas.<sup>127</sup>

Acrescido a isto, é importante destacar o caráter assistencial adotado pelo espiritismo. Entendemos que este aspecto, acima das questões envolvendo a

---

<sup>123</sup> SILVA, Fábio Luiz da. *Espiritismo: história e poder (1938-1949)*. Londrina: Eduel, 2005.

<sup>124</sup> XAVIER, F. C. *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*. Rio de Janeiro: FEB, 1977. Nesta obra psicografada por Chico Xavier é evidente uma representação cronológica da história do Brasil que pactua e explica as injustiças sociais, a ditadura Vargas, em que os desmandos políticos tem um caráter conservador justificando e propagandeando o ideário burguês das elites brasileiras.

<sup>125</sup> A Federação Espírita Brasileira (FEB) foi fundada em 1884 no Rio de Janeiro. Para melhor aprofundamento da influência desta entidade na legitimação do espiritismo neste período cf. GIUMBELLI, Emerson. Op. cit.

<sup>126</sup> LEWGOY, Bernardo. *Chico Xavier, o grande mediador – Chico Xavier e a cultura brasileira*. Bauru: Edusc, 2004.

<sup>127</sup> Sobre a construção da idéia de santidade envolvendo Chico Xavier, cf. SILVA, Raquel Marta da; MACHADO, Maria Clara Tomaz. O jeito católico de ser espírita nas terras brasilis. *Revista História & Perspectivas*, Uberlândia: UFU, n. 31, jul./dez., 2004.

paranormalidade, os fenômenos espirituais, foi crucial para a sua legitimação no Brasil. Assim, a caridade e a reencarnação estão intrinsecamente ligados, porém, se destacarmos o respeito que seus adeptos adquiriram de outros setores privilegiados da sociedade, concluímos que as práticas de assistência social empunhadas pelo espiritismo foram fundamentais para que se construísse um ideal humanitário que, enquanto rótulo, garantiu sua aceitação.

Partindo do pressuposto de que a religião deve ser compreendida à luz do processo histórico, produto de um conjunto de práticas sociais, observa-se que não há diferenças significativas na atuação dos espíritas em Uberlândia, se comparada às outras regiões do país. Embora haja intensos conflitos internos na maneira de conduzir a religião, basicamente as práticas kardecistas são as mesmas para todos os grupos kardecistas, como por exemplo: a utilização do passe; a defesa pela prática da caridade; a comunicação mediúnic; a crença na vida após a morte e a reencarnação. As análises do processo de legitimação e a compreensão das representações do campo simbólico dos adeptos nos darão elementos para avançarmos no entendimento da cultura uberlandense e nacional, investigando em que medida tais práticas forjaram projetos políticos/sociais e o resultado disso para a população de maneira geral.

O esforço dos espíritas em atuarem no tratamento da loucura foi um traço marcante em várias localidades do país. A justificativa para tamanho empreendimento está na fundamentação central da doutrina religiosa: a relação do mundo espiritual com a reencarnação. Para esta religião, a loucura, na maioria dos casos, não é um aspecto patológico como assevera a psiquiatria, mas são vistos como problemas psíquicos causados pelas dívidas adquiridas supostamente de outras reencarnações. Segundo esta teoria, a insanidade seria motivada por dois fatores, sendo o primeiro deles o sentimento de culpa originado nos erros de outras reencarnações, sentimentos que emergem do inconsciente; e o outro fator preponderante, como reitera o kardecismo, é a obsessão, ou seja, a perturbação mental ocasionada pela influência direta de um espírito sobre outro. Segundo Kardec:

[...] Os Espíritos exercem incessante ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até então inexplicados ou mal explicados e que não encontram explicação senão no Espiritismo. As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons

espíritos nos atraem para o bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-la com coragem e resignação. Os maus nos impelem para o mal: é-lhes um gozo ver-nos sucumbir e assemelhar-nos a eles.<sup>128</sup>

A terapêutica que os adeptos do espiritismo dizem promover tem por base a realização de preces, o passe, a água energizada, além das sessões de doutrinação do “espírito obsessivo”, instigando-o a perdoar seu inimigo de outras reencarnações, evitando, dessa forma, a sua manifestação maléfica sobre o louco. Há vários níveis de entendimento da obsessão para a religião kardecistas. Segundo defendem os seus seguidores, considera-se a mais grave a subjugação, que é a completa dominação de uma mente pela outra. Estudiosos do espiritismo apontam a subjugação como um problema de difícil solução, em que a cura é praticamente impossível de ser obtida. Os casos mais comuns, evidenciados inclusive nos prontuários do Sanatório Espírita de Uberlândia, seriam em virtude do “louco” ser médium e não conseguir controlar a comunicação espiritual. Vejamos nesta ficha, retirada dos prontuários do Sanatório Espírita de Uberlândia, a mensagem psicografada por Eurípedes Barsanulpho:

Para a Irmã Aurora Araújo – 20 anos Rua Machado de Assis. Obsedada por ser médium descontrolada, sim convém depois fazer a sua educação mediúnica, tendo por base os evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Convém internar-se para o tratamento. Paz em Deus.<sup>129</sup>

O campo de atuação espírita estava definido e era preciso cuidar da alma deste povo tão sofrido. A militância desses religiosos esteve quase sempre ligada à cura de doenças com as quais a medicina não obtinha êxitos, e o cuidado com a loucura passa a ser a sua maior preocupação. Até a década de 1960, os kardecistas conseguiram fundar várias casas por todo o país, com o intuito de atenderem portadores de transtornos mentais. Em Uberlândia, a fachada do manicômio é rigorosamente idêntica ao de Uberaba, o que nos faz crer numa rede que se constituía na região e desta com outras cidades do país. Os exemplos encontrados na Enciclopédia Ilustrada das obras espíritas permitem pensar em um novo paradigma arquitetônico asilar, tendo como referência os parâmetros do Panóptico de Jeremy Bentham<sup>130</sup>. Todos eles ocupam uma área vasta, cuja entrada principal se abre em um pórtico que triangula duas, abrigando de imediato o

<sup>128</sup> KARDEC, Allan, O livro dos espíritos. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1996, p. 25.

<sup>129</sup> PRONTUÁRIOS do Sanatório Espírita de Uberlândia, ficha 117, 1944.

<sup>130</sup> Em relação aos edifícios prisionais e toda a sua estrutura pensada para dinamizar a vigilância e disciplina, conferir: BENTHAM, Jeremy. O Panóptico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

setor administrativo, que do lugar onde se estabelece, tem pleno domínio do interior do prédio, cuja estrutura lembra o corpo de um avião, distribuído por alas/alojamentos/refeitórios/lavanderias, intercaladas por pátios internos que separam homens e mulheres, e os enfermos mais perigosos dos mais pacíficos.

IMAGEM 1



Sanatório Espírita de Uberaba.

Disponível em: <<http://www.uberaba.com.br/uberaba/uberaba.cgi?flagweb=mostrafoto&codigo=14>>.

Acesso em: 05/04/2004.

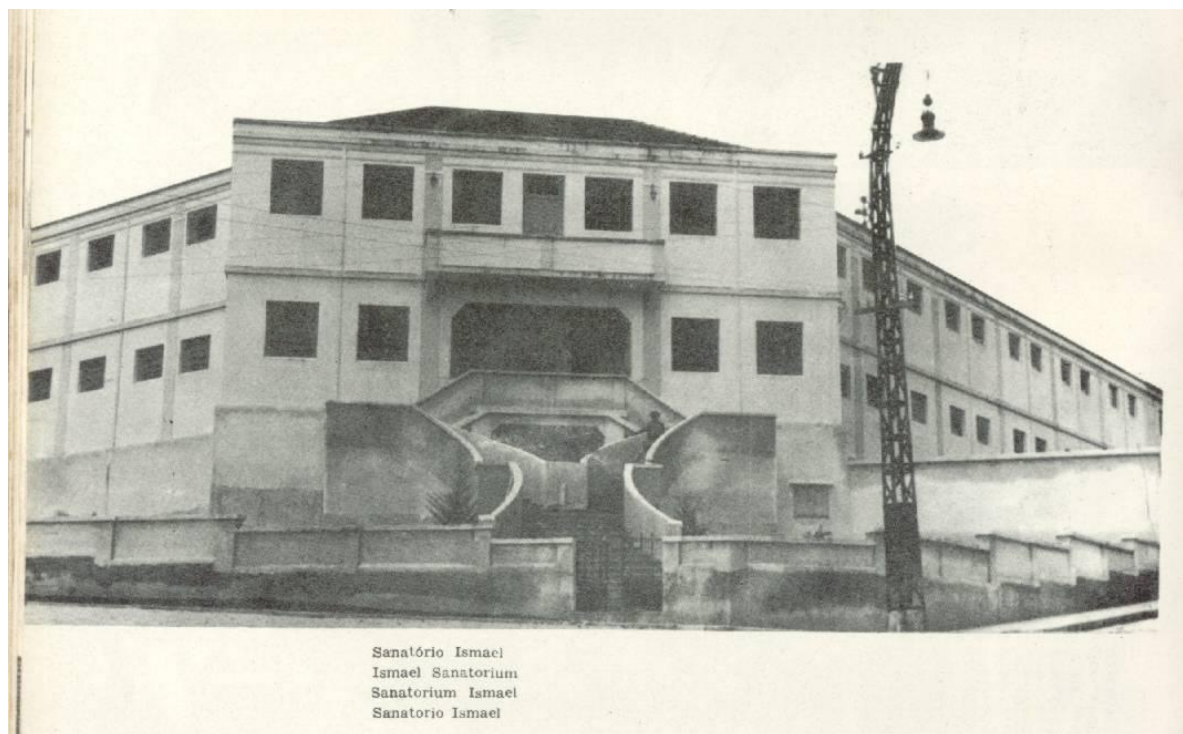
Este modelo de construção não condiz com os modelos de hospícios do século XIX e XX tradicionais, casas pensadas de modo a isolar completamente o louco da sociedade. Os muros dos manicômios de Uberlândia e Uberaba são baixos e com grades de ferro, possibilitando aos internos o contato com pessoas de fora, situação que não ocorre em outros asilos.

IMAGEM 2



Sanatório Espírita de Uberlândia. In: ORLANDI, Vittorio. Enciclopédia Ilustrada das Obras Espíritas v. 1. São Paulo: Editora Urânia, 1961

IMAGEM 3



Sanatório Ismael. In: ORLANDI, Vittorio. Enciclopédia Ilustrada das Obras Espíritas vol. 1. São Paulo: Editora Urânia, 1961

Por sua vez, a instituição Sanatório Ismael (Amparo-SP) assemelha-se também ao prédio construído em Uberlândia, mas mais ampla e situada, da mesma forma, em uma esquina, com quartos voltados para as ruas. Estas instituições não passam a funcionar por acaso. Havia todo um planejamento com representantes de diversas regiões com objetivos de difusão da doutrina religiosa, deixando claro, mais uma vez, o nível de organização que muitos adeptos tinham, confirmando que o processo e legitimação do espiritismo tem relação direta com a influência de seus seguidores frente a outros segmentos da sociedade. No artigo a seguir, o diretor do Sanatório de Ismael, apresentava aos fiéis kardecistas a possibilidade de se construir um hospício, tendo como referência a instituição paulista.

A nossa redação recebeu ontem, a visita do distinto médico patricio, dr. Lauro de Sampaio Viana, diretor-presidente do “Sanatório Ismael”, para dementes.

O Sanatório Ismael, foi fundado em 1935, por Henrique Castejon, também fundador do Sanatório Espírita de Uberaba.

O dr. Lauro Sampaio Viana, após três anos de estacionamento, assumia sua presidência e é justamente a serviço dessa instituição meritória, que se encontra entre nós, aproveitando essa visita para conhecer ao nosso Sanatório local, obra que está sendo erguida graças aos enfoques e tenacidade do snr. Alcindo.

O dr. Lauro de Sampaio Viana, teve oportunidade de nos mostrar várias fotografias do seu Sanatório, pelas quais constatamos a obra gigantesca que está sendo levado a efeito.

Iniciativa essencialmente humanitária, necessita ela encontrar o apoio da nossa sociedade afim de que todos aqueles que se viram privados da memória, possam encontrar um recanto adequado ao seu estado.<sup>131</sup>

O Sanatório Espírita de Uberaba, fundado em 1933, teve, desde o início de suas atividades, um psiquiatra espírita. Nesta instituição, ainda em atividade, a presença do médico Inácio Ferreira,<sup>132</sup> que defendia a terapêutica espiritual, foi uma espécie de referência para os diversos locais do país. Diversos outros sanatórios foram criados espelhados nesta instituição, inclusive a de Uberlândia. Este médico não podia ser processado por prática de medicina ilegal, uma vez que tinha o registro de médico. Nenhum sanatório espírita pôde funcionar se não atendesse as exigências mínimas, tais

<sup>131</sup> CORREIO de Uberlândia. Sanatório Ismael. n. 618, ano III, 03/01/1941.

<sup>132</sup> Formado na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, no estado do Rio de Janeiro, este psiquiatra editou importantes livros para a difusão da realização do tratamento da loucura. Cf. FERREIRA, Inácio. Novos rumos à medicina. v. I . São Paulo: Edições FEESP, 1993, 212 p.; Idem. Novos rumos à medicina. v. II . São Paulo: Edições FEESP, 1993, 210 p.; Idem. Psiquiatria em face da reencarnação. São Paulo: Edições FEESP, 2001, 128 p.

como: a presença de médicos, enfermeiros, além, obviamente, das condições materiais de sobrevivência dos internos (roupas, remédios, comida, entre outros). A figura do psiquiatra Inácio Ferreira atuou no imaginário não apenas dos adeptos do espiritismo como de toda a sociedade, legitimando as práticas espíritas de cura, como também contribuiu para validar a cientificidade das teorias de Kardec. Nesta nota jornalística, afirma-se que:

O Dr. Inácio Ferreira, um estudioso da grande ciência de Alan Kardec, acaba de fazer publicar o magnífico livro de sua autoria “ESPIRITISMO E MEDICINA”. É uma obra maravilhosa, só não pela facilidade de linguagem, como também, ela é escrita por um estudioso que alia aos seus conhecimentos, uma grande e sólida cultura.<sup>133</sup>

Antes de Inácio Ferreira, outro médico já defendia o tratamento psiquiátrico pelo espiritismo. Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900), presidente da FEB em 1895 e um dos articuladores do periódico *O Reformador*, escreveu um livro intitulado *A loucura sob um novo prisma*, defendendo a matriz das doenças e da insânia advindos da espiritualidade e de traumas vividos supostamente em outras reencarnações. Na literatura espírita, este personagem foi figura central para a difusão da religião espírita, sendo alguém recorrentemente evocado pelos fiéis kardecistas.

O fato de alguns kardecistas estarem ligados à intelectualidade, mesmo que não seja um número significativo, reordenou a maneira de atuação dos crentes espíritas. O discurso destes militantes encontrou ressonância em camadas diferenciadas, se não como força hábil para a conversão religiosa, ao menos como garantia de serem respeitados. Isto é essencial para compreendermos o campo de atuação dos espíritas. Prestemos atenção nas falas publicadas destes intelectuais, na tentativa de legitimarem suas práticas religiosas:

Não ha Idea nova que não soffra (sic) o ataque impiedoso dos homens. Esse ataque se estende a tudo, ás innovações materiaes e ás espirituas, como se o progresso devesse abrir caminho atravez das maiores difficuldades. [...]  
Ora, o Espiritismo, veio agitar o mundo das idéas, e quando é a razão que se põe em marcha, as luctas são extraordinárias.  
As novas doutrinas espiritualistas estenderam sua acção a disciplinas várias e, ao mesmo tempo, invadem os domínios da philosophia, da

<sup>133</sup> LIVROS Novos. “Espiritismo e Medicina” – Inácio Ferreira, Livraria da Federação Espírita Brasileira. Correio de Uberlândia, Uberlândia, p. 5, 18 mar. 1941.

sciencia e da religião. Eis, por consequência, os conservadores de pé atrás. É o homem velho que se levanta espantado, atemorizado, irritado.

Não são apenas “princípios” o que a doutrina espírita vem abalar; é o commodismo, é o jogo dos interesse. Ha mais ainda: os privilégios se sentem ameaçados.

O Espiritismo foi, pois, o espantalho que surgiu no século passado e contra elle e contra sua these formou-se uma colligação geral. Todos os corpos doutrinários, todas as instituições, até então conflagradas pelas mais profundas divergências, se arduaram como as cidades gregas diante da alude persa.

Sciencia e religião, que viviam em divorcio, irmanaram-se para combater o “inimigo”, como irmanadas ficaram as igrejas, até então umas com as outras em perpetua guerra. É que o Espiritismo vinha alterar os processos que a sciencia tinha estabelecido sobre a matéria e a vida, e perturbar os meios que a religião firmara para a salvação das almas. [...].<sup>134</sup>

É comum a utilização de membros letrados para a divulgação do espiritismo, facilmente constatado nas crônicas editadas nos jornais locais, nos quais os “desbravadores e espíritos empreendedores” da difusão kardecista, expressão utilizada por Vitusso, são intelectuais. Agora, um engenheiro escreve para atestar o caráter racionalista-científico do espiritismo:

[...] O espiritismo, de acordo com as teorias kardecianas, demonstra cientificamente a existência da alma humana e do perispírito. Este, é inseparável do principio pensante. Há uma demonstração desta verdade, pelo estudo feito das manifestações da alma, não só durante a vida do homem, como depois de sua morte. [...].<sup>135</sup>

O caráter de cientificidade defendido pelos espíritas mostra a busca pela legitimação religiosa e o reconhecimento de suas práticas, aliás, característica vivenciada em todo o Ocidente. Não queriam ser confundidos como supersticiosos, fanáticos, e faziam sempre a alusão dos fenômenos espirituais como atividade que pode ser comprovada até em laboratórios. Não admitiam ser comparados a feiticeiros, charlatões ou macumbeiros. A umbanda e o candomblé eram, para eles, práticas primitivas e degradantes, ainda mais quando afirmam que o espiritismo e

[...] Seus ditames, já foram amplamente divulgados por sábios e psicólogos de renome mundialmente conhecidos e não se confundem

<sup>134</sup> BARBOSA, Augusto. Espiritualismo. Jornal de Uberlândia. Uberlândia, p. 2, 24 jan. 1937.

<sup>135</sup> MENDES, J. Franklin. A alma dentro da ciência espírita. O Repórter. Uberlândia, p. 3, 19 fev. 1952.

com o linguajar inferior desses que querem passar como espíritas, ou profetas.<sup>136</sup>

No campo simbólico dos adeptos desta doutrina religiosa existe uma hierarquia de espíritos, em que os espíritos mais evoluídos ficariam responsáveis pela difusão do espiritismo. Este imaginário explica, por parte dos fiéis, a veneração de importantes personagens kardecistas como Bezerra de Menezes, Eurípedes Barsanulfo, Chico Xavier, entre outros, assemelhando com a concepção católica de santidade.<sup>137</sup> O fato de Chico Xavier não ter tido escolaridade poderia representar, de certa forma, uma contradição nos preceitos hierárquicos desta doutrina religiosa, respaldados no espírito iluminista. Esta contradição é apenas aparente, pois para seus praticantes Chico Xavier já teria vivido outras reencarnações nas quais conseguiu desempenhar avanço intelectual. Algumas obras psicografadas asseveram que ele teria sido a reencarnação de Allan Kardec.

Para esta doutrina espiritual, como para tantos outros segmentos religiosos, há uma verdade universal, que é anterior à existência humana e que são reveladas gradativamente. As descobertas científicas que tanto influenciaram o Iluminismo foram conseqüências diretas da vontade divina, portanto, missões que os crédulos deveriam seguir e lutar para abraçá-las, não cabendo questionamentos.

O que seria para o historiador um anacronismo, para os kardecistas é a sua própria maneira de entender a vida. A relação destes fiéis com a temporalidade transforma a idéia de realidade, cujos acontecimentos se repetem na medida em que consideram a existência de vida em outros planetas, anterior à vida terrena. Os acontecimentos vividos por nós teriam sido experimentados por outros espíritos que se encontram, segundo defende a doutrina religiosa, em estágios evolutivos mais avançados. Situações como a guerra, a corrupção, a desigualdade, a miséria, o sofrimento, a ganância, os crimes de modo geral, teriam acontecido em tempos idos, em outras moradas, em outros planetas. Diante disso, para os kardecistas, estes espíritos evoluídos conheceriam as nossas dificuldades terrenas e saberiam dispor de mecanismos para que buscássemos a felicidade, eliminando gradativamente tudo que gera o sofrimento humano. Ao mesmo tempo entendem que a dor é essencial para a evolução

---

<sup>136</sup> SILVA, Gustavo José da. Fúria de Deus? Correio de Uberlândia

<sup>137</sup> Nesta abordagem destacam-se as obras de: SILVA, Raquel Marta. Op. cit.; LEWGOY, Bernardo. Op. cit.; STOLL, Sandra Jacqueline. Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do espiritismo no Brasil. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2002, v. 45, n. 2. p. 361-402.

espiritual, pois limita as ações dos criminosos, uma vez que sentiriam as dores que outrora impuseram aos outros. Esta concepção de que “o que se fez, aqui se paga”, se justificaria pelo próprio axioma adotado pela ciência, e, ainda segundo seus preceitos, de que para toda ação, há uma reação.

Entre outras obras, um livro em especial, editado na década de 1940 e por nós comentado, chamado *Brasil coração do mundo pátria do Evangelho*,<sup>138</sup> psicografado por Chico Xavier, norteou inúmeras cabeças do movimento espírita na maneira de conduzir a sua militância do dia-a-dia. Desse ponto de vista, a história do Brasil, desde a sua gênese, foi consequência dos desígnios divinos, incluindo nestes o sistema colonial, a vinda dos negros e a exaltação do cruzamento racial. A escravidão dos negros não foi apoiada pelos espíritas, mas foi justificada como resgate de erros de reencarnações passadas.

A compreensão do sofrimento humano como advindas de “karmas” adquiridos em reencarnações anteriores, de certa forma, propiciaria, sob o aspecto religioso, um abrandamento das penas do espírito. Assim, o espírito que antes teria o sofrimento eterno, passa agora a ter o alívio e oportunidade para se recuperar. Talvez, por isso, a religião kardecista ganhara novos adeptos. O sofrimento humano passa a ser explicado não como erros de Deus, mas como falhas do próprio indivíduo, que precisa ser resgatado para que evolua espiritualmente.

---

<sup>138</sup> XAVIER, Francisco Cândido. Op. cit.

## 2.2 Representações espíritas da loucura

O tratamento da loucura em Uberlândia e o processo de implantação dos mecanismos de cura, uma vez fundamentados na concepção espírita, precisam ser aprofundados, permitindo a compreensão da sua associação ao tratamento psiquiátrico. A relevância de se estudar algumas práticas espíritas neste trabalho justifica-se pela busca de compreensão do sentido de mundo para estas pessoas, o que possibilitou a esses religiosos decisões significativas sobre a vida de inúmeros portadores de transtornos mentais. Diante da realidade dada, que é a importância do espiritismo no tratamento da loucura, alguns dos seus pressupostos doutrinários precisam ser apontados para o entendimento das próprias práticas de seus militantes.

Ainda que houvesse uma tentativa de diferenciação em se olhar os transtornos mentais pelo viés da espiritualidade, o que se percebe é uma estreita relação com o poder público, a comunidade e os poucos médicos existentes na cidade. É muito instigante pensar a maneira como o assistencialismo das religiões casou com os interesses de governantes, empresários e a sociedade civil. O Sanatório Espírita de Uberlândia “beneficiou” diversas camadas sociais, partindo do pressuposto de que o internamento significava um alívio às famílias pela difícil convivência com seus entes “problemáticos”, além de promover um alento quando se tinha a esperança de cura. Talvez, por isso também, foi possível uma maioria católica tolerar que uma instituição espírita se responsabilizasse por este tipo de tratamento.

O centro espírita Fé, Esperança e Caridade, responsável pela criação do Sanatório Espírita de Uberlândia, foi fundado em 1913. É nesta casa espírita que se concentraram pessoas influentes, alguma delas com poder para a realização de obras tais como a construção de um hospício. Em 1921, é criado o primeiro jornal sobre o espiritismo, denominado Esperança, veiculado pelo mesmo centro, fortalecendo o movimento espírita da cidade. Neste jornal, além de debates sobre questões filosóficas pertinentes à religião, havia informações sobre os trabalhos assistenciais promovidos pelos kardecistas como, por exemplo: “[...] visitas fraternas, distribuição de sopas, assistência às gestantes, atendimento médico, distribuição de remédios e alimentos e assistência social: com passes, orientações e tratamentos espirituais”.<sup>139</sup>

---

<sup>139</sup> VITUSSO, Izabel. Op. cit., p. 93.

Em 1931, surge o segundo periódico mais antigo da cidade, chamado “A Flama”, ainda em circulação. Neste mesmo ano tal jornal anunciaria o primeiro encontro municipal espírita com a participação de 1500 espíritas. Em 1957 Clóvis César lançaria a revista ilustrada “Elite Magazine”,<sup>140</sup> contribuindo com a difusão doutrinária kardecista. No ano de 1960, é criada a AME (Aliança Espírita Municipal) de suma importância para a unificação do movimento espírita, funcionando como um órgão eficaz para a divulgação das realizações espíritas. A sua sede própria foi construída apenas em 1994, na avenida Getúlio Vargas.<sup>141</sup>

Diversas crônicas espíritas foram publicadas no jornal local de grande circulação diária, o “Correio de Uberlândia”, evidenciando a sua forte atuação na cidade. As publicações são freqüentes, abordando temas de conduta moral, além de feitos patrocinados pelo espiritismo. São temas que reiteram as intenções da manutenção de uma cidade ordeira, pacífica e trabalhadora:

Nosso planeta tem sido teatro de crimes e vícios os mais horripilantes, por um simples motivo que perdura influenciando as mentes humanas, do selvagem ao homem dito civilizado: a ignorância.

Essa noite sinistra, causa fundamental da maldade humana, é a fonte produtora de todos os crimes e vícios que nos degradam, dessa falta de educação nos nivela, muitas vezes aos brutos, contribuindo poderosamente para a permanência da vaidade, do orgulho e do egoísmo entre nós, como forças diretrizes da nossa vida.

Essa trindade maldita domina de tal modo os nossos pensamentos e atos, que nos reduz à condição de escravos desta situação calamitosa, em que nos encontramos nestes dias tormentosas da nossa vida. A humanidade inteira sofre as conseqüências da ignorância de si mesma, trabalhada como vive pelos dirigentes astutos e maus que, por culpa dela mesma tomaram as rédeas da direção política econômica, educacional e até religiosa de sempre ter havido homens inspirados no bem que nos oferecem valiosas lições capazes de dar ao nosso mundo uma visão mais consentânea com a dignidade; poucos entretanto, tem querido aproveitar tais ensinamentos a seu próprio benefício de todos [...].

Conheçamos e apreciamos para nosso bem, a maravilhosa coleção psicografada pelo maior médium do mundo – Francisco Cândido Xavier e seu companheiro Dr. Waldo Vieira. Quando a mente humana, estiver iluminada por essa grande luz, os crimes e os vícios desaparecerão da face da terra, porque nós todos saberemos que, além da precaríssima justiça dos homens, paira sobre nós a justiça divina, infinitamente perfeita.<sup>142</sup>

<sup>140</sup> A revista “Elite Magazine” foi importante informativo da cidade e região, lido pelas elites locais, veiculava o ideário do progresso, a moralidade burguesa, colocando os leitores a par não só dos conquistas locais mas, também, dos efeitos e notícias nacionais.

<sup>141</sup> Ibidem

<sup>142</sup> FERREIRA, José Odilon. Crimes e vícios. Correio de Uberlândia, Uberlândia, p. 4, 29 fev. 1964.

Nesta outra nota, percebe-se a alusão à loucura por meio ou provocada pela obsessão, com discursos inibidores dos vícios e da má conduta. Tem-se como pressuposto outro a conversão religiosa. Estes escritos editados semanalmente apresentam quase sempre a mesma característica, referindo-se aos preceitos evangélicos interpretados pela religião:

Leitor amigo! Queixas de uma grande tristeza que se apoderou de tua alma; que te sentes apreensivo, taciturno com uma situação que não podes resolver; parece faltar-te alguma coisa que não podes procurar, nem sabes o que é.

Tens fortuna! Por isso não te faltam recursos para cercares tua família, de todo conforto que se pode gozar aqui na Terra.

Em casa, te sentes tão isolado somente com tua família pois, os amigos de outrora, não te visitam mais, deixando-te entregue às tuas próprias cogitações.

Na rua, ninguém te procura para dar uma prosa contigo.

Quando entras nos bares não encontra quem queira fazer-te companhia.

Realmente, tens muita razão para te queixares da situação em que vives e fazes bem em expandir as tuas mágoas comunicando-as a outros, pois, assim fazendo é possível receberes algumas sugestões que possam dar bom resultado em teu caso. Dentro do acanhado limite das minhas concepções, vou indicar um caminho pelo qual poderás livrar-te dessas tristezas.

Não deves te isolar, pois assim fazendo as tuas mágoas aumentarão ainda mais.

É preferível que entres em contacto direto com a sociedade, afim de ficares conhecendo bem de perto as suas mizérias [sic] e necessidades, e onde verás outras pessoas que sofrem mais e que podes ampará-las com os recursos que és possuidor.

Dirás que a humanidade está muito corrompida, perversa e má, que os homens conspiram contra ti, porque se tornaram teus inimigos e desse modo nada de útil poderão dar-te; que nesse ambiente irás corromper tua alma e ficarás tão bom como eles.

Sim, tudo isso pode acontecer. Muitas vezes dá-se o fato de sermos dominados por influências inferiores e invisíveis, que quase sempre dominaram nesses lugares onde a força moral está em minoria, diante das forças contrárias, que atuam para perverter a humanidade.

É bem possível que já estejas sofrendo a ação de alguma entidade invisível e tua inimiga, atuando sobre ti. Esses modos esquisitos que tens demonstrado e seguido de maus pensamentos, julgando temerariamente que os homens estão contra ti; que são teus inimigos, indicam bem claramente ser tudo isso, efeito de uma obsessão [sic] bem caracterizada [...].<sup>143</sup>

A Aliança Municipal Espírita, fundada em 1960, foi fundamental na organização do movimento espírita na cidade. Essa é uma conclusão válida na medida em que

<sup>143</sup> COLUNA Espírita. Considerações. Correio de Uberlândia. Uberlândia, p. 5, 22 nov. 1941.

conseguimos visualizar os inúmeros tentáculos lançados por esta associação e o seu poder de atuação. Entendendo que houve uma aliança destes militantes com as forças conservadoras da época, no sentido de coadunarem práticas e pensamentos, é extremamente aceitável reconhecer que um imenso campo se abriu para o espiritismo, justificando aí a sua legitimação. Observemos neste espaço reservado à AME no Correio de Uberlândia, o jogo de doutrinação:

É pela benção do trabalho que podemos esquecer os pensamentos que nos perturbam. Olvidar os assuntos amargos, servindo ao próximo, ao enriquecimento de nós mesmos. Com o trabalho melhoramos nossa casa e engrandecemos o trecho de terra onde a Providência Divina nos sitiou. Ocupando a mente, o coração e os braços nas tarefas do bem, exemplificamos a verdadeira fraternidade, adquirimos o tesouro da simpatia, com o qual angariamos o respeito e a cooperação dos outros. Quem não sabe ser útil não corresponde à bondade de céu, não atende aos seus justos deveres para com a humanidade e nem retribuir a dignidade da pátria amorosa que lhes serve de mãos. O trabalho é uma instituição de Deus. (Página extraída do livro “Pai Nosso” ditado a Francisco Xavier pelo Espírito de Meimei.)<sup>144</sup>

A exaltação ao trabalho está presente nas crônicas dos jornais, não importando a religião professada. O espiritismo defende a manutenção da ordem instituída e a sua conformação, obtendo, com isso, um amistoso relacionamento com setores das elites, inclusive a participação nos meios de comunicação, fato que se tornaria fundamental na sua divulgação doutrinária. Os adeptos do espiritismo tiveram acesso à mídia foram os mesmos que combateram o comunismo, defenderam as elites como homens de bem. Outros espíritas que mantiveram uma postura mais radical não foram reconhecidos, não possuíam regalias que outros desfrutavam. Neste trecho é clara a deferência com o governo brasileiro Getúlio Vargas:

Coluna Espírita  
Irmãos alerta- Cumpra seu dever  
Coopere na Campanha Censitária pela grandeza do Brasil! Pátria do Evangelho-Coração do Mundo.  
**BRASILEIROS!!**  
Unamos nossos esforços e apoio incondicionais ao Grande Espírito e Eminentíssimo Chefe da Nação. Dr. Getúlio Vargas. Que Jesus vos ilumine cada vez mais para a Glória da Nação e felicidade geral de todos.  
Pela emancipação e igualdade de direitos religiosos espirituais.

<sup>144</sup> VIDA Espírita – a benção do trabalho. Correio de Uberlândia, Uberlândia, p. 4, 11 dez. 1958.

Pela confraternização Universal Espiritual. Todos por uma e um por todos – irradiados pela Luz da Verdade: Deus!!!<sup>145</sup>

Talvez esteja nestes discursos explicação para complacência às práticas espíritas, aliada à falta de ortodoxia religiosa da população brasileira. Não é raro encontrarmos, por exemplo, pessoas que dizem professar o catolicismo, e utilizam de elementos culturais africanos ou mesmo freqüentam o centro espírita para tomar passe. Uma outra análise possível para se pensar a autonomia dos espíritas no tratamento da loucura, é a situação de desconforto da família em ter em casa alguém que causa medo, transtornos, vergonha, que necessita de cuidados - em casos do sujeito apresentar quadros de extrema violência.

O espiritismo conseguia atuar nas diversas camadas sociais, expondo suas reflexões religiosas nos jornais, mesmo que fosse para um pequeno grupo de leitores. O apoio recebido das classes pobres tinha como base as práticas assistencialistas, tais como doações de cestas básicas, sopa, remédios, sem contar as práticas de curas realizadas por estas entidades.

É difícil estabelecer o número de assistidos na cidade de Uberlândia, mas se considerarmos que são mais de oitenta e três grupos espíritas, quase todos eles mantendo atividades assistenciais em outros bairros, a estimativa é de um elevado número de atendidos todo ano. Mesmo tendo poucos adeptos em comparação aos católicos e pentecostais, em Uberlândia as casas espíritas espalham-se por toda a cidade, atingindo 48 bairros diferentes, dos pouco mais de sessenta existentes, sendo que em muitos bairros, há mais de duas instituições, como podemos notar no quadro abaixo:

TABELA 6

Centros Espíritas de Uberlândia		
Nº	Bairros	Qtde
1	Alvorada	1
2	Aparecida	2
3	Aurora	1
4	Brasil	4
5	Canaã	3
6	Cazeca	2

<sup>145</sup> GUANABARA, Alcindo. Coluna Espírita. Irmãos alerta - Cumpra seu dever. Correio de Uberlândia, Uberlândia, p. 5, 11 out. 1940.

7	Centro	2
8	Cidade Jardim	2
9	Copacabana	2
10	Daniel Fonseca	2
11	Erlan	1
12	Fundinho	1
13	Granada	1
14	Guarani	1
15	Jaraguá	1
16	Jardim Brasília	1
17	Jardim das Palmeiras	1
18	Jardim Ozanan	1
19	Jardim Patrícia	1
20	Lagoinha	1
21	Liberdade	1
22	Luizote de Freitas	3
23	Mansour	1
24	Maracanã	1
25	Maravilha	1
26	Marta Helena	4
27	Martins	7
28	Morada Nova	1
29	Morumbi	1
30	Nossa Senhora das Graças	1
31	Oswaldo	1
32	Pacaembu	1
33	Pampulha	1
34	Planalto	4
35	Residencial Gramado	1
36	Roosevelt	4
37	Santa Mônica	2
38	Santo Inácio	1
39	São Jorge	1
40	Saraiva	2
41	Segismundo Pereira	2
42	Tabajaras	1
43	Tancredo Neves	1
44	Tibery	2
45	Tocantins	1
46	Tubalina	4
47	Valleé	1
48	Virgilato Pereira	1
	Total	83 grupos

Fonte: VITUSSO, Izabel R. Terra fértil, semente lançada: a história do espiritismo em Uberlândia. Uberlândia: Gráfica Brasil, 2000. p. 128-129.

Um traço interessante destas casas é que quase todas elas mantêm trabalhos assistenciais em bairros pobres, mesmo quando estão localizadas em setores de classe média ou alta, como é o caso do bairro Martins, Brasil, Centro, Virgilato Pereira, Santa Mônica, Fundinho, Cidade Jardim e Saraiva. Como a necessidade de alimentos é pequena nestes bairros, pois a maioria dos moradores conseguem realizar suas refeições regularmente, eles acabam transformando-se em doadores para uma parcela significativa de pessoas de bairros periféricos, adjacentes a esses. Existe uma prática antiga de arrecadação de alimentos vivenciada pelos seguidores da doutrina e que já é tradição em todo o Brasil. A campanha, conhecida como “do quilo”, ocorrida semanalmente, consiste na visitação de residências por parte dos caravaneiros com o objetivo de arrecadação de alimentos, oferecendo logo em seguida, mensagens espíritas. Eu tive a oportunidade de acompanhar, algumas vezes, este trabalho, e pude constatar que houve um número considerável de alimentos arrecadados, doações realizadas por pessoas que professam outros credulos religiosos. Estes alimentos são separados, posteriormente, em cestas básicas, ou utilizados nas sopas distribuídas em bairros pobres. Foi possível verificar também a quantidade expressiva de pessoas que doam alimentos, mesmo não simpatizantes do espiritismo. Este traço assistencialista redimensionou o kardecismo no Brasil, diferenciando-o do praticado na França, com poucos adeptos e voltados aos fenômenos espirituais.

#### IMAGEM 4



Distribuição de cestas básicas de Natal às famílias pobres. In: VITUSSO, Isabel R. Terra Fértil Semente Lançada. A história do espiritismo em Uberlândia. Uberlândia: Aliança Espírita Municipal, 2000, p. 115

IMAGEM 5



Dispensário dos Pobres. In: VITUSSO, Isabel R. Terra Fértil Semente Lançada. A história do espiritismo em Uberlândia. Uberlândia: Aliança Espírita Municipal, 2000, p. 89.

IMAGEM 6



Dispensário dos Pobres. In: VITUSSO, Isabel R. Terra Fértil Semente Lançada. A história do espiritismo em Uberlândia. Uberlândia: Aliança Espírita Municipal, 2000, p. 90

Sendo a caridade o preceito de maior importância para o espiritismo, fundamentado na defesa de Allan Kardec de que, “Fora da caridade não há salvação”, é

mister tecermos a maneira como este dogma será a ponta de lança da legitimação do espiritismo em Uberlândia e em todo o Brasil. A intenção da criação de uma instituição que pudesse assistir aos portadores de transtornos mentais representava para a doutrina um gesto altruísta elevado, porque não só amparava o físico, como também o espiritual, esse o de maior relevância para esta religião.

A caridade possui uma forte conotação da prática da humildade, que é uma maneira de quem a pratica ser aceito pelo outro que, muitas vezes, o despreza ou não reconhece a ação. Mesmo que não haja esse sentimento de repulsa, a caridade funciona para aquele que quer ser salvo, como um mecanismo de aproximação com Deus, daí uma justificativa instigante da qual se deduz como os espíritas vão, aos poucos, consolidando seu espaço na sociedade. Aliado a tudo isso a constante prática da caridade representa a ascensão espiritual, objetivo máximo de um encarnado. É, nesta premissa, que um dos diretores do Sanatório, aproximadamente no período de 1959 a 1967, destaca:

Então eu dizia sempre, depois que eu assumi a direção, dizia sempre para os nossos irmãos que ali trabalhavam que eu considerava aquela casa uma escada de Jacó, que se nós nos dedicássemos, nós dêssemos carinho aqueles nossos irmãos, nós poderíamos através dos anos galgar algum degrau na escada de Jacó. Mas que se nós desprezássemos aqueles irmãos, deixar eles passarem fome, sede, frio, que nós estaríamos contraindo débitos que talvez nos custariam séculos para ser resgatados. Então nós precisávamos trabalhar naquela casa com muito amor, com muita dedicação para nós termos um crédito na vida futura, que é a vida que nos deverá preocupar realmente. É a vida verdadeira, é a vida eterna.<sup>146</sup>

Trabalhar nesta empreitada significava também um resgate de débitos, dedicação nos trabalhos da casa, abnegação em benefício dos loucos que rendia créditos na vida eterna. O apelo à prática da caridade não era só aos militantes kardecistas, mas à população da cidade, como podemos observar:

Acredito que só a caridade pode salvar o mundo, entretanto, não se demore na posição de comentarista. Não nos diga que é pobre e incapaz de contribuir na campanha renovadora da sublime virtude. Senão vejamos.  
Se você destinar a quantia correspondente a um refrigerante ou um aperitivo em cada cinco doses, segundo os seus hábitos, aos serviços

<sup>146</sup> CUNHA, Gladstone Rodrigues. Op. cit.

de qualquer hospital, no fim de um mês haverá mais decisiva medicação para certo doente.

Se você renunciar ao cinema, uma vez em cada cinco, endereçando o dinheiro respectivo a uma creche, ao término de duas ou três semanas, a instituição contará com mais leite, em favor das crianças necessitadas.

Se você reprimir um maço de cigarros, em cada cinco de seu uso particular, dedicando o fruto desta renúncia a uma casa erguida para os irmãos distanciados do conforto doméstico, em breve tempo, o agasalho devido a eles será mais rico.

Se você economizar as peças do vestuário, guardando a importância equivalente a uma delas em cada cinco, para socorro ao próximo menos feliz, no fim de um ano, disporá você mesmo de recursos suficientes para vestir alguém que a nudez ameaça.

Não espere a bondade dos outros.

É possível que você nos responda que o supérfluo é seu próprio suor, que não nos cabe opinar em movimentos a sua custa.

Você, naturalmente, certo na afirmativa e não seremos nós quem lhes contestará semelhante direito.

A vontade é sagrado tributo do espírito, dádiva de Deus a nós outros que decidamos por nós quanto à direção do próprio destino.

Todavia, nosso lembrete é apenas uma sugestão aos companheiros que acreditam na força da caridade, e só ganhará realmente algum valor, se houver algum laço entre a caridade e você. (André Luiz – página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier).<sup>147</sup>

Esta fala está carregada de significados que não representam apenas a tentativa das pessoas de compadecerem com a miséria alheia. Há um forte discurso que incide na moral e no comportamento ideal apregoado para a sociedade burguesa. O sentido de realidade, para essas pessoas, é a conformação com a miséria, que associada ao sofrimento, refletem a vontade transcendente, divina.

É bem verdade que o ser humano é mais complexo do que possa parecer. Algumas pessoas, ainda que ajudassem a manter o regime de exclusão em que vivemos, se sensibilizaram com a dor dos que as rodeiam. No trabalho de busca de fontes para esta pesquisa, percebi que alguns militantes espíritas sacrificavam a sua própria vida para ajudar aos outros. Uma cena que me emocionou muito foi ver, em uma espécie de abrigo espírita, inúmeras crianças com deficiências físicas, muitas delas em estado vegetativo, serem ajudadas em tempo integral por alguns espíritas.<sup>148</sup> Dessa forma, tentei relacionar a minha própria emoção com o processo de legitimação espírita na cidade e no país. A utilização da prática da caridade deslocou o espiritismo da condição de marginalizados a pessoas altruístas. O médico Lázaro Sallum, que atuou dezoito anos

<sup>147</sup> VIDA Espírita: caridade e você. Correio de Uberlândia. Uberlândia, p. 7, 5 set. 1959.

<sup>148</sup> Núcleo Maria de Nazaré, dirigido por Shirlene Campos, situa-se no Bairro Cidade Jardim, Uberlândia.

no sanatório e não simpatizante de religião alguma, descreve o seus sentimentos à José Gonzaga de Freitas, o maior responsável na manutenção deste manicômio destinados aos loucos:

Não, olha, se você disser pra mim assim, qual a queixa que você tem, eu digo absolutamente nenhuma. Seu Gladstone é uma criatura que... é uma criatura que se eu pudesse dar nota como pessoa humana eu daria dez pra ele. Seu João Dorneles dos Santos Júnior, era outro diretor, se eu pudesse dar nota, não tem jeito de dar onze, eu dava dez, certo. O Seu Gonzaga era uma pessoa boníssima, cê entendeu. Jamais criaram o menor tipo de caso comigo, absolutamente nenhum tipo de caso comigo.<sup>149</sup>

Lázaro Sallum quase não aceitou conceder seu depoimento para esta pesquisa, por imaginar que se tratava de uma tese de exaltação espírita. Segundo relato dele, mesmo sendo bem cético, revela que as figuras de José Gonzaga de Freitas, Gladstone Rodrigues da Cunha, João Dorneles, entre outros, lhes causaram boa impressão pela dedicação pessoal ao projeto assistencial. A convivência era amistosa desde que um não interferisse nos interesses e atuação do outro e isto só foi possível porque as práticas de exclusão e asilamento se coadunavam.

Se os esforços de alguns militantes kardecistas à manutenção desta e de outras instituições transformaram positivamente o seu relacionamento com outros segmentos da sociedade, outro aspecto de maior relevância foi também crucial. Ainda que as práticas espíritas se aproximassem dos interesses das elites governamentais, o não acirramento de disputas com médicos e outros intelectuais contrários ao objetivo espírita, foi fundamental para a boa convivência e o destaque que os personagens kardecistas obtiveram no cenário uberlandense. Neste momento, a sociedade médica estava razoavelmente sólida, forte para o porte da cidade, podendo intervir e mesmo reivindicar a exclusividade para o tratamento da loucura. Tanto é assim que esta mesma instituição médica mobilizou-se com sucesso na construção da Universidade Federa de Uberlândia e do próprio Hospital de Clínicas. Por isso, é tácito acreditar que também reconheceram o manicômio como importante para os interesses da população. Nas memórias do médico Longino Teixeira sobre a trajetória da Sociedade Médica em Uberlândia, esta sociedade reconhece o Sanatório Espírita enquanto hospital psiquiátrico, ainda mais tendo como médicos responsáveis, os respeitados Moysés de

---

<sup>149</sup> SALLUM, Lázaro. Op. cit.

Freitas e depois Lázaro Sallum, sendo que o primeiro participou da segunda diretoria desta associação, em 1948.<sup>150</sup> Além disso, alguns pacientes eram atendidos gratuitamente no hospital particular Santa Genoveva, quando apresentavam diagnósticos de doenças físicas além dos transtornos mentais. Interessante observar a convivência dos espíritas e médicos nesta instituição:

[...] quando eu assumi a direção do sanatório, nós fizemos um trato. O paciente que eu não aceitar ser retirado do quarto pra tomar passe, ele não vai ser retirado do quarto pra tomar passe. E eles pegaram e exigiram de mim: “olha, nós não queremos que faça eletrochoque aqui”.<sup>151</sup>

Segundo Giumbelli<sup>152</sup>, o espiritismo enfrentou perseguições, principalmente de médicos, no final do século XIX até a metade do XX, por praticarem curas sem o registro de médico. A Federação Espírita Brasileira esteve algumas vezes no banco dos réus, tendo que se justificar por diversas curas. Tamanha foi a pressão que os kardecistas passaram ao limitarem o tratamento no sanatório à utilização de “passes” e “água fluidificada”, ou seja, da parte religiosa, abstendo-se, ao menos publicamente, por um determinado período, das cirurgias e da homeopatia. Em Uberlândia, diante do arrolamento da documentação, esta convivência foi bem mais amigável do que no restante do país; o próprio fato de José Gonzaga de Freitas ser irmão de Moysés de Freitas e ter parentesco com outros médicos, como é o caso de Euclides Gonzaga de Freitas e Fausto Gonzaga de Freitas, médicos que, inclusive, deram assistência ao Sanatório Espírita de Uberlândia, em alguns momentos, nos dá um bom exemplo desta convivência harmônica quando convinham aos interesses destes cidadãos.

Alguns médicos davam assistência no manicômio, como foi o caso de Fausto Gonzaga de Freitas e Euclides Gonzaga de Freitas, todos familiares de Moysés de Freitas. O próprio fato de Moysés ser irmão de José Gonzaga pode ter influenciado de maneira significativa para o não acirramento das disputas pela arte de curar.

Nicelídia, uma das entrevistadas para esta pesquisa, filha de José Gonzaga, nos contou da dificuldade de seu pai a princípio ser aceito na família por ser espírita. O seu avô, empresário proeminente, chegou a deserdar o seu pai pela sua escolha, “voltando

<sup>150</sup> TEIXEIRA, Longino. Apontamentos para a história da medicina e da farmácia em Uberlândia 1846-1968. Uberlândia: s/e., 1968. 163 p.

<sup>151</sup> SALLUM, Lázaro. Op. cit.

<sup>152</sup> GIUMBELLI, Emerson. Op. cit.

atrás” na decisão devido à intervenção dos irmãos que o estimavam bastante.<sup>153</sup> A imagem negativa da realidade experimentada no cotidiano asilar foi muitas vezes justificada pelos seus diretores. É o caso de Francalance:

A loucura é uma realidade muito difícil, representando para nós obreiros do Ideal espírita, uma lição de vida, uma renovação de valores. Quando comecei a trabalhar no Sanatório Espírita comecei a ter uma maior compreensão do meu próximo me ensinando a me reformar intimamente. As pessoas viviam como animais: se machucavam, não tinham preocupações com a higiênica básica, viviam defecadas. Acabávamos de dar banho no doente, ele evacuava novamente na roupa, sujava o quarto. Batiam com a cabeça na parede, se cortavam. Aí quando um fiscal chegava no sanatório entendia que os doentes eram mal cuidados e já queriam nos multar.<sup>154</sup>

Uma de nossas entrevistadas, Shirlene Campos, espírita e médium renomada na cidade de Uberlândia, relata a sua compreensão sobre a loucura:

Em alguns casos, pessoas que chegam totalmente loucas, loucas mesmo, através da vidência eu percebo as entidades que estão atuando sobre ela. Então a gente relata não só as características fisionômicas como o nome da pessoa e eles localizam, às vezes, até como parente, isto no caso principalmente de droga, de bebida. É muito comum ocorrer a influência de uma entidade, inimiga às vezes da família querendo destruir a família inteira, então se tornam alcoólatras [...]. Então há muitas pessoas que chegam aqui totalmente loucas e que depois vão recuperando aos poucos, por quê? Porque os espíritos lesam os neurônios, os medicamentos lesam os neurônios, as pessoas vão ficando apáticas, quanto mais calmante dão para o obsediado, o louco, mais ele se torna vulnerável, porque não reage. Ele não tem capacidade de reagir, então nesse processo, cada vez mais, vai se tornando incurável, e então depois fica a seqüela, invariavelmente ficam as seqüelas. Então no caso da loucura que nós chamamos de possessão. A obsessão, uma pessoa pode ser vítima da possessão, da inteligência intrusa, ela agir como uma pessoa normal e no entanto ela está sendo manipulada por uma entidade perturbadora. E como que ocorre isso? O comportamento dela; às vezes ciúmes doentios que levam até ao assassinato; às psicoses; síndromes de pânico; a depressão nos seus mais variados graus; tudo isso é manifestação espiritual de obsessão. Possessão é quando a pessoa já é manipulada totalmente a sua vontade pelo daquele perseguidor. Em geral a possessão ocorre quando o inimigo é de vidas passadas.<sup>155</sup>

<sup>153</sup> FREITAS, Nicelídia. Op. cit.

<sup>154</sup> FRANCALANCE, Rubens. Op cit.

<sup>155</sup> CAMPOS, Shirlene. Depoimentos. Uberlândia, 2003.

Se em determinados momentos percebemos a contradição entre os adeptos do espiritismo, tal como no caso de Shirlene, que criticou abertamente o sanatório espírita, por outro lado temos a convergência de práticas e crenças a partir da forma como essas pessoas enxergam o mundo. O que dá sentido à vida a essas pessoas é a certeza de uma vida após a morte e de um retorno à carne, por isso sendo importante as ações praticadas no presente. O sacrifício empenhado é o que dá concretude ao mundo material, é a sua própria razão de viver, de se relacionar com os outros. E o tratamento ou apoio à loucura, entendida como obsessão, continua sendo um dos caminhos a ser trilhado.

As doutrinas espíritas propõem uma não intervenção nos movimentos políticos e econômicos, organizando-se apenas em torno da transformação moral. Esta pretensa imparcialidade acaba não ocorrendo. O posicionamento político dos fiéis, tanto para apoiar ou fazer oposição a programas de governo, é recorrente. A sua mais recente luta foi a participação ativa na discussão acerca do projeto de lei que legaliza o aborto.

Historicamente, as religiões sempre adotaram uma postura de não intervenção no campo da política, apesar disso ter ficado só na intenção. O que se percebe, ao contrário do que supõem os dogmas religiosos, é que na maior parte das vezes a religião atuou em consonância com o poder instituído. A Igreja Católica, antes do século XIX, no Brasil, mesmo sendo solidária com o sofrimento dos negros, não defendiam abertamente seu fim. O espiritismo demonstrou a adesão aos intentos abolicionistas quando os movimentos republicanos já eram fortes em todo mundo, não demonstrando assim, qualquer inovação. É evidente que nenhum grupo religioso é homogêneo, mas os fiéis que destoam da estimativa referida são considerados até desertores. Um exemplo claro disso é a Teoria da Libertação, construída dentro do catolicismo, que objetiva atuar na política e transformar a injusta realidade social.

Vários representantes no Congresso Nacional são, atualmente, membros de distintos segmentos religiosos, defendendo políticas de seus interesses. Refletir o que aconteceu em Uberlândia, a realização de obras assistencialistas que serviram para eleger esse ou aquele vereador, nos dá um forte elemento para compreendermos a atuação destes fiéis religiosos. Só para ilustrar, recentemente tivemos, em Uberlândia, a eleição de João Bittar, espírita que administra entidades assistenciais (creches, asilos, entre outros), amparados financeiramente pelo poder público daquele que, depois de ter sido eleito vereador, repetiu a sua popularidade assumindo a Câmara Estadual. Mesmo

não atuando diretamente na política, muitos dos fiéis acabam corroborando com as práticas assistenciais que mantêm as injustiças sociais.

Tal situação não ocorre apenas na cultura judaico-cristã, mas é percebida em diversas outras religiões orientais. Quando este panorama se transforma, como é o caso dos conflitos no Oriente Médio e as lutas travadas por muçumanos e a cultura imperialista, tida como cristã, percebemos o despreparo das religiões na medida em que não intervêm para transformar a política que promove a miséria e a exploração do homem. Ou seja, não seguem o preceito máximo de seus próprios dogmas ou doutrinas.

Não é meu interesse contrapor qualquer um que opte por esta ou aquela religião, ao contrário, as considero como parte da riqueza dos povos, importantes para se compreender qualquer cultura, uma vez que a ciência não consegue dar respostas aos diversos anseios humanos. Por isso, historicamente, nunca tivemos uma sociedade sequer que não possuísse religião. O rito ao sobrenatural é algo presente em qualquer cultura. O que precisa ficar registrado, e isso não é nenhuma novidade, é o conformismo que impera nas religiões, em uma complicada relação com o tempo. O futuro é ascensão de todos, é onde se encontra a felicidade. O presente significa sofrimento, o sentimento de culpa remanescente dos erros do passado. Por este viés, há uma entidade maior que todos, um ser perfeito criador do mundo e de seres imperfeitos que pune os que cometerem erros.

Pode parecer, nesta defesa, que os caminhos a serem tomados são o derramamento de sangue, o combate da tirania pela tirania. Não há uma resposta pronta, haja vista que a história é contraditória e ninguém possui a dimensão do seu *devoir*, ainda que projete o tempo todo o futuro. Alguns religiosos, mesmo que fossem exceções, promoveram profundas transformações na maneira de entender o outro que o cerca. O nosso grande problema está em pensar a questão da alteridade. Na Índia, um homem franzino conseguiu, a partir da desobediência civil, aliada à não violência,<sup>156</sup> propor uma diferente visão do homem em busca da sua liberdade, e de não aceitar a exploração. O próprio Jesus de Nazaré, personagem central do cristianismo, foi um contestador, na medida em que defendeu que as misérias humanas são frutos das relações de interesse que as pessoas estabelecem entre si. Não há uma resposta única de como mudar o mundo, um lugar onde não mais exista fome, miséria, explorados, enfim,

---

<sup>156</sup> Evidentemente estou me referindo à violência física, já que podemos considerar a desobediência civil como um ato de violência às forças conservadoras.

qualquer prática que rebaixe a condição de humano. Todavia, sabemos qual caminho não seguir: o da conformidade desta cultura opressora e excludente.

Quando se trata da loucura ou de outras deficiências, é necessário considerar as pessoas jogadas à própria sorte, em uma condição inferior aos desempregados e miseráveis, que não podem sequer conviver com a sociedade a que pertencem. É latente uma quase obrigação das pessoas de excluir do convívio social aquelas que não são consideradas normais. Sabemos que é difícil julgar alguém que dedica parte de sua vida tentando aliviar os sofrimentos dos outros. Mas temos a convicção também de que esse assistencialismo não promove transformações profundas, e dessa crítica não podemos abrir mão.

### 3. O COTIDIANO NO SANATÓRIO ESPÍRITA DE UBERLÂNDIA

### 3.1 Concretos do esquecimento: a casa da dor

A arquitetura planejada, as paredes frias parecem querer contar sobre um tempo sombrio, testemunhas de um passado que nos trazem um certo sado-masiquismo lembrá-la, mas que também não devem ser caladas para que tantas injustiças e desmandos voltem a acontecer. Pode até parecer ilusão, mas a humanização ocorrida nos manicômios foi fruto de intensas reivindicações e denúncias empenhadas por segmentos da sociedade, dentre eles os médicos. Há muito ainda por se fazer para construirmos um novo tempo, no qual relações de solidariedade e alteridade estejam presentes.

Tentemos, inicialmente, mapear as relações construídas dentro do Sanatório Espírita de Uberlândia, enxergar o tratamento ali aplicado, como viviam estes segregados sociais, os conflitos internos, entre outros. Precisamos compreender o cotidiano da instituição, desvelar sentidos apagados pela memória e que agora precisam emergir, sair do esquecimento. E isto se torna ainda mais difícil quando deparamo-nos com a escassez da documentação produzida pelos internos. Logo, só resta remontar a sua história a partir dos dirigentes, dos responsáveis pelo aprisionamento daqueles. Peço, então, permissão para entrar na vida dessas pessoas que ali estiveram internadas.

Qual o sentido da loucura para as pessoas que ali viviam. Sabemos que são variados, mas parece existir um fio condutor que leva o indivíduo à insanidade. Para os espíritas, seria a obsessão, mas antes, para a sociedade, estaria na própria conduta do indivíduo, que se aproximava dos preceitos defendidos pelos médicos, ou seja, a fuga dos padrões “normais” de comportamento. O objetivo de ambos é fazer com que o louco abandone o estado de alienação, que é a cura, mudando de conduta. A idéia de reabilitação é um elemento forte para começarmos a nossa análise.

Erving Goffman demonstrou num belo trabalho a estrutura de instituições asilares e as relações sociais ali construídas. A instituição funciona por meio das práticas internalizadas pelas tecnologias de poder, pelos dispositivos de controle que compõem os regimes de funcionamento das instituições totais. Estes mecanismos disciplinares determinam, na maioria dos casos, para os que ali estão em regime de internato, um sentimento de fragilidade e impotência diante das normas institucionais. Uma recusa destas regras significaria uma imediata repressão. A questão, para o autor,

nem é considerar possíveis recusas, fato, aliás, sempre perceptível em diversas prisões, seja por fugas, rebeliões, acerto de contas e até mesmo pelo controle e comando do crime de dentro da instituição. É relevante ressaltar as técnicas de dominação e disciplinarização – repressão, prêmios, delações, mutilações do eu, a arquitetura da casa, entre outros – como eficientes mecanismos de isolamento do restante da sociedade.

Os internos são rebaixados, humilhados, não possuem autonomia nem mesmo para as atividades mais elementares como tomar banho, fazer as necessidades fisiológicas. Todos estes aspectos compõem a relação de força existente na instituição, estratégias de poder bem definidas na qual o indivíduo não só assume uma posição de submissão, mas tem a noção de que todas às suas ações estão sob o olhar dos responsáveis em manter a ordem, fazendo-o renunciar as suas próprias vontades. É notória a relação de culpa do interno diante de qualquer atitude sua realizada, mesmo em situações mais banais. A isso associa-se a sua mutilação, a castração da sua personalidade. Isolado do mundo externo, é invadido e compelido a exteriorizar sua culpa diante dos companheiros, expondo as suas fraquezas aos dirigentes.

[...] Numa instituição total, no entanto, os menores segmentos da atividade de uma pessoa podem estar sujeitos a regulamentos e julgamentos da equipe diretora; a vida do internado é constantemente penetrada pela interação de sanção vinda de cima, sobretudo durante o período inicial de estada, antes de o internado aceitar os regulamentos sem pensar no assunto. Cada especificação tira do indivíduo uma oportunidade para equilibrar suas necessidades e seus objetivos de maneira pessoalmente eficiente, e coloca suas ações à mercê de sanções. Violenta-se a autonomia do ato.<sup>157</sup>

Ainda que consideremos a existência da loucura enquanto patologia e a sua possível cura, como alcançá-la se o indivíduo é permanentemente humilhado, fragilizado, e se fazendo crer, de acordo com o regime do internato, que é incapaz de exercer mesmo as tarefas mais simples do cotidiano? Estas contradições não puderam ser mascaradas por muito tempo e novos caminhos começaram a surgir, na busca de melhores condições aos portadores de transtornos mentais.

O que é estar internado? Dividir um espaço com tantas pessoas das mais diversas índoles e sofrimento possíveis? Ser submetido a uma grande quantidade de remédios, de choques elétricos, estar, enfim, rebaixado de sua condição humana e se sentir feliz quando sentirem compaixão do seu estado? Historiar o espaço manicomial é também

---

<sup>157</sup> GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 42.

remontar um tempo de lágrimas e muito sofrimento, momentos que se parecem com quem foi torturado: é a negação de uma memória que parece a todo instante querer vir à tona. Poucos se dispõem a relatar o que viveu, como é o caso de Autregésilo Carrano Bueno,<sup>158</sup> que conseguiu transformar os ressentimentos em luta pela humanização dos hospícios.

É preciso contar outras histórias que foram abafadas, desprezadas, que estão impregnadas nas paredes, nos corredores, nos quartos, nas celas. Muitas delas foram contadas e denunciadas pelo movimento de antipsiquiatria desde a década de 1960. No Brasil, na década de 1940, Nise da Silveira daria ênfase à arte como terapia, estimulando a criatividade entre os internos de hospitais psiquiátricos. Na historiografia, os trabalhos sobre loucura tomaram ímpeto, influenciados pela publicação *História da loucura na Idade Clássica*, de Michel Foucault. Ainda hoje tal temática parece nortear muitos pesquisadores, insatisfeitos com as práticas de tratamento aplicados.

A grande dificuldade de se estudar a loucura é a falta de documentação, e aí há vários aspectos a se abordar. Primeiramente, existe um entrave por parte da medicina em disponibilizar o acervo dos hospícios, entre eles, fotografias, prontuários, prescrições médicas, entre outros. Outra dificuldade encontrada quando se consegue pesquisar as fichas médicas é a ausência de documentação referente ao louco. Muitos dos escritos produzidos pelos internos se perderam. Recentemente, a autora Yonissa Wadi<sup>159</sup> produziu um trabalho a partir de cartas escritas por uma interna. A pessoa escolhida por Wadi, internada depois de ter matado sua filha de quase dois anos de idade, relata as suas experiências vividas no hospício São Pedro em Porto Alegre/RS.

As entrevistas e os depoimentos seriam um recurso eficiente para adentrar nos enredos da memória destes excluídos socialmente, mas o grande entrave é que muitos se recusam a falar, justamente por isso lhes trazer lembranças tristes e humilhantes. Atualmente, os pacientes psiquiátricos estão mais acessíveis para expor o que pensam, relatar o tratamento que lhes aplicam, fato que se deve à humanização nos hospícios, decorrente da Lei Paulo Delgado.<sup>160</sup>

Neste trabalho busca-se um constante diálogo com a documentação do Sanatório Espírita de Uberlândia e a bibliografia sobre a loucura. O que não está presente nos

---

<sup>158</sup> BUENO, Autregésilo Carrano. O Canto dos malditos. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

<sup>159</sup> WADI, Yonissa Marmitt. Louca pela vida: historia de Pierina. 2002. 342 f. Tese (Dourado em História), Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

<sup>160</sup> CÂMARA DOS DEPUTADOS. Lei nº 10.216. Brasília: 06/04/2001.

prontuários, e nos relatos sobre o cotidiano manicomial, tento preencher a partir de elementos comuns em diversas obras. Depoimentos significativos, que escancaram os abusos e descasos ocorridos em diversos hospitais psiquiátricos por todo o Brasil, ajudam a recompor um cenário que ficou esquecido.

Austregésilo Carrano, em seu livro *O canto dos malditos*,<sup>161</sup> editado pela primeira vez em 1990 pela editora Rocco, relata a sua experiência vivida quando esteve internado no Hospital Psiquiátrico Espírita Bom Retiro. Aos 17 anos seu pai o internou por ser usuário de maconha. Carrano conta que o psiquiatra Alô Ticolaut Guimarães, já falecido, era o diretor da instituição e o responsável pela aplicação dos seus 21 eletrochoques sofridos, com voltagens que variavam entre 180 e 460 volts, fazendo-o defecar em si mesmo. Numa entrevista à ISTO É, em 20 de Junho de 2001, relata as seqüelas deixadas em seu corpo - a perda de dez dentes, devido aos fortes medicamentos, e uma fissura na base craniana, conseqüência da eletroconvulsoterapia - e conclui:

[...] Visito hospício toda hora e estou cansado de ver pavilhões com pátios de 20 metros quadrados cheio de gente defecada. Isto me revolta. Gasta-se R\$ 450 milhões por ano, terceira maior despesa do SUS, para estas pessoas viverem como mendigos.<sup>162</sup>

Este autor é de fundamental importância para esta temática, pois é um olhar de quem já esteve preso e passando por situações deploráveis. A importância ainda é maior justamente pelo fato de que Carrano esteve internado em uma instituição espírita em Curitiba, chamada Bom Retiro, similar à proposta neste trabalho. Em seu relato ele desabafa: “Era uma visão triste: aquelas pessoas reduzidas àquilo. Eram pessoas sim, seres humanos, mas pareciam feras torturadas, agoniadas, com alguma coisa mordendo seus corpos e rasgando-lhes também a alma”.<sup>163</sup>

No filme *Um estranho no Ninho*, Jack Nicholson interpreta a difícil situação de um interno num hospital psiquiátrico, sofrendo inúmeras torturas. Tal película desmascara a eficácia do tratamento defendido pelos médicos, além do que, muitas práticas empregadas estariam associadas não à cura do paciente, mas a um corretivo,

---

<sup>161</sup> BUENO, Austregésilo Carrano. Op. cit.

<sup>162</sup> ESTACÃO para o inferno. Isto é. São Paulo, 20 jun. 2001. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe>>. Acesso em: 20 mai. 2004.

<sup>163</sup> BUENO, Austregésilo Carrano. Op. cit. p. 54.

castigo, estabelecendo uma forte relação de poder com estes internos.<sup>164</sup> Ainda como exemplo, podemos citar o *Alienista*, de Machado de Assis, que numa sátira contundente à sociedade da *Bella Époque* do Rio de Janeiro, descreve a institucionalização da loucura em Itaguaí, cujo fim aponta para o reconhecimento da loucura do próprio médico, haja vista que, para ele, todos os cidadãos são loucos e ele o único normal. O jogo de ironia torna-se fecundo quando, no final da trama, tal alienista remonta a teoria de que somente ele, sendo normal, era anormal e, por isso, deveria estar internado.<sup>165</sup>

Numa descrição da parte física do Sanatório Espírita de Uberlândia, percebemos que sua estrutura não destoa das características de outros espalhados pelo Brasil. Os quartos, como podem ser visto na planta arquitetônica, não são espaçosos, cabendo apenas uma cama. Este sanatório tinha a capacidade de abrigar em média 110 pacientes, incluindo as celas onde ficavam os mais agressivos. O corpo arquitetônico do sanatório lembra o formato de um avião, os corredores onde ficavam os quartos eram divididos em duas alas: a feminina e a masculina. Em cada um delas observa-se um pátio interno, onde os internos tomavam sol, separados por gêneros. Logo na entrada, no corpo deste avião imaginário, ficava o consultório médico e, mais adiante, o salão de refeições, complementado pela cozinha. Contígua a essa havia lugar para a dispensa, a lavanderia e, por fim, o quintal, com uma horta cuidada por pacientes, voluntários e enfermeiros. Bem ao fundo do terreno ficava o que chamavam de “isolado”, local destinado aos internos agressivos. Neste lugar eles ficavam trancafiados e não tinham permissão para sair.

---

<sup>164</sup> Cf.: *GAROTA Interrompida*. Direção: James Mangold. EUA: Columbia Pictures Corporation, 1999. 1 filme (127min.), son., color.

*TEMPO de Despertar*. Direção: Penny Marshall. EUA: Columbia Pictures, 1990. 1 filme (121 min.), son., color.

*UM ESTRANHO no Ninho*. Direção: Milos Forman. EUA: United Artists, 1995. 1 filme (129 min.), son. Color.

*O MELHOR da Juventude*. Direção: Marco Túllio Giordana. Itália: Miramax Films. 2 filmes (366 min.), son., Color.

*LOUCURAS do Rei George*. Direção: Nicholas Hytner. Inglaterra: Samuel Goldwyn Company, 1994. 1 filme (110 min), son., color.

*BICHO de Sete Cabeças*. Direção: Laís Bodanzky. Brasil: Riofilme, 2000. 1 filme (80 min.), son., color.

<sup>165</sup> ASSIS, Machado. *O Alienista*. 22ªed. São Paulo: Ática, 1992. Conferir também outras obras literárias cujo enredo tem como tema a loucura. ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*, Rio de Janeiro, José Olympo, 1972; LISPECTOR, Clarice. *Imitação da Vida*. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1973; TELLES, Lígia Fagundes. *A Noite Escura e Mais Eu*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995; PENA, Cornélio. *Dois Romances de Nico Horta*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1939.





Trancados à própria sorte, filhos do degredo, sentindo o frio da incompreensão, da indiferença, de não poderem se reconhecer como humano; sentiam fome, quando entendiam que o sofrimento não teria trégua, no momento em que queriam se saciar da transformação; sentiam-se sujos, querendo se lavar, como se todo o ressentimento e humilhação pudesse sair com o banho. Como ter vontade de viver, quando eram mortos pouco a pouco.

Na fala de Gladstone, diretor da instituição em meados de 1959 a 1967, fica evidente a situação destes desolados:

É, nós tivemos alguns enfermos muito perigosos dominados por espíritos, parece que muito agressivos. Nós precisávamos cuidar com eles com muito cuidado e eles não aceitavam qualquer assistência. Tínhamos que dar comida num prato de papelão, por baixo de uma grade, deixar eles comer com a mão, porque se nós déssemos um garfo ou uma colher seria perigoso eles até atingir a gente, ou então quebrar tudo, e coisa e tal. E assim acontecia com colchões, com cobertores, tudo eles destruíam. Então esses irmão para nós darmos uma assistência sobre higiene, sobre cortar cabelo, nós precisávamos às vezes de ajuntar alguns irmãos com cobertores para entrar neles assim, com muito cuidado e amarrá-los para que eles deixassem pra que a gente conseguisse dar um banho neles e cortar mal e mal seus cabelos, porque eram realmente perigosos. Depois de um certos anos, a medicação que os médicos, que o doutor Lázaro aplicava e coisa e tal, começou a influenciar no sistema nervoso e eles tornaram-se mais pacatos. Parece que a medicação inibia a atuação agressiva dos espíritos. Eles tornavam-se menos perigosos, mas no início nos davam muito trabalho e muita pena, porque lamentavelmente era como se fosse um animal agressivo.<sup>166</sup>

Imaginemos como era o dia-a-dia destes habitantes, morando em um cubículo, tendo que fazer suas necessidades fisiológicas em qualquer lugar, em um quarto com três metros por dois de comprimento. Marta, filha da última diretora da instituição destaca:

Muito triste, muito triste. Faziam tudo na cela, tudo na cela. Eles tiravam, tinha três enfermeiros, dois homens e tinha..., a maioria era mulher, que a maioria que internava eram mulheres. Então tiravam elas da cela, dava um banho, lavava a cela, tinha que tirar ela da cela pra lavar a cela com a mangueira.  
(Lavavam as celas) [...] todo dia, porque eles cagavam, eles fazem cocô e passavam na parede todinha, eles passavam nas parede.<sup>167</sup>

<sup>166</sup> CUNHA, Gladstone Rodrigues da. Depoimentos. Uberlândia, 2 abr. 2002.

<sup>167</sup> DEUS, Marta Maria Terra de. Depoimentos. Uberlândia, dez. 2002.

Rubens Francalance<sup>168</sup>, que assumiu a direção após Gladstone, confirmou a dificuldade de assistir aos mais violentos, pois quase sempre estavam sujos de fezes, rasgavam o próprio colchão e se machucavam. Tanto Gladstone quanto Rubens afirmaram que ficavam admirados pelo fato dos mais agressivos não sentirem frio e nem dor, possuidores, segundo reiteram, de uma força descomunal, tendo assim que ficar isolados para que não machucassem os outros internos.

Realmente fica vazio o discurso que se nega a reconhecer que há pessoas com distúrbios psíquicos e precisam de uma atenção especial. Porém, sabe-se também a dificuldade em considerar onde, como e quando começam os delírios da razão, em se descrever o conceito de anormalidade, além de se avaliar os mecanismos de cura inventados e os próprios padrões que se quer impor enquanto a própria realidade. O que não dá para aceitar é a negligência do poder público, a falta de projetos para se estudar toda a problemática envolvendo a loucura, preferindo isolar pessoas que representam ameaça à ordem pública.

Na manicômio havia três enfermeiros, sendo uma mulher, chamada Marolina<sup>169</sup> e dois homens, Bitencourt e Rosalvo, ambos já falecidos, além de uma cozinheira, uma lavadeira, um barbeiro (esses dois últimos eram voluntários). As tarefas de Marolina, conhecida por dona Nega, eram as mesmas concernentes à atividade de qualquer enfermeiro, tarefa desempenhada sem formação acadêmica. Diariamente ela tinha que dar os medicamentos – que eram comprados ou doados –, aplicar injeções, dar banho nos internos e, além disso tudo, auxiliar na cozinha e na lavanderia, porque as pessoas que ali trabalhavam não conseguiam realizar todas as tarefas por serem, em quase todos os casos, voluntários. Os três enfermeiros moravam em casas separadas construídas no fundo do sanatório, em frente à avenida Belo Horizonte.

---

<sup>168</sup> FRANCALANCE, Rubens. Depoimentos. Uberlândia, 25 jul. 2002.

<sup>169</sup> CASTRO, Marolina. Depoimentos. Uberlândia, 19 dez. 2000. Enfermeira entrevistada por Rodrigo Moraes Dias, trabalhadora no sanatório, com 96 anos de idade. Ela não se lembra o ano em que iniciou as atividades nesta casa. As dificuldades financeiras da instituição a fizeram trabalhar como enfermeira na ala feminina sem qualquer formação acadêmica. No início ela trabalhava como voluntária e posteriormente começou a receber um salário pago pela instituição. No momento da realização da entrevista, ela tinha mais de 90 anos e não se lembrava ao certo o período em que trabalhou no hospício. A sua permanência no sanatório, segundo relatam outros entrevistados, durou décadas.

## IMAGEM 7



Trabalhadores do Sanatório Espírita de Uberlândia. Nas duas extremidades os dois enfermeiros; trajando terno está Gonzaga de Freitas; a mulher de menor estatura é Marolina Castro. No centro não conseguimos encontrar qualquer identificação.

Após a sua inauguração, em dois anos de funcionamento, a instituição utilizou sua capacidade máxima. Em 1947, cinco anos após sua fundação, a situação era caótica, havendo projetos para a sua ampliação. Após a tentativa de internamento de uma paciente neste mesmo ano, foi relatado: “Não é possível no momento, não há vagas.”<sup>170</sup> A preocupação maior se instaura: não conseguiram atender a demanda. E de fato isso viria a acontecer e, nem mesmo o fato da construção do hospital psiquiátrico da Universidade Federal de Uberlândia, na década de 1970, conseguiria retirar os portadores de transtornos mentais por completo das ruas. Esta paciente que viera do estado de Goiás, da cidade de Ipameri, quase duzentos quilômetros de Uberlândia, acabou conseguindo vaga em outra oportunidade. O sanatório local não realizou apenas os interesses de Uberlândia, mas das cidades vizinhas, ainda que não houvesse tantas vagas. Esta realidade mostrou ainda mais a importância de tal instituição para a comunidade, méritos que desfrutaram os militantes espíritas, exaltados enquanto pessoas altruístas, abdicando em prol de uma causa tão nobre. Estes e outros relatos deixados nos prontuários nos mostram a extensão dos trabalhos prestados:

<sup>170</sup> SANATÓRIO ESPÍRITA DE UBERLÂNDIA. Prontuário n. 151, catalogação 217, 1947.

Comunicado: Atesto que Garcino Simão é pobre e está sofrendo das faculdades mentais, devendo, por sim, em estabelecimento adequado, para tratar-se convenientemente. Pontalina, 20 de Julho de 1947. (Prefeitura Municipal de Pontalina e Delegacia de Polícia de Pontalina).<sup>171</sup>

De todos os prontuários pesquisados entre 1942 e 1959, 875 fichas no total, apenas 96 internos nasceram na própria cidade e 130 moravam aqui. É bem verdade que muitas fichas estão em branco, daí não podendo ter uma noção do todo. Mas de qualquer forma esta estimativa ilustra bem a importância do manicômio para a região, abordado no gráfico abaixo.

TABELA 7

Procedência da Internação	
Uberlândia	15%
Outras cidades	33%
Sem informação	52%

Fonte: Prontuários de Enfermos. Sanatório Espírita de Uberlândia.

No sanatório espírita existia um salão destinado às sessões mediúnicas, com leituras de obras espíritas, preces e trabalhos de desobsessão (terapia, segundo os espíritas, que visa romper a influência do espírito sobre o louco, causa da loucura). Os médiuns da casa, segundo Dona Marolina,<sup>172</sup> nunca mantinham contato com os doentes internados; entravam no sanatório, iam direto para o salão e, depois de terminado o culto, saíam do hospício. As informações obtidas sobre o estado espiritual dos pacientes eram descritas pelos espíritos em psicografias.

<sup>171</sup> Idem. Prontuário n. 239, catalogação 240, 1948.

<sup>172</sup> CASTRO, Marolina. Op. cit.

IMAGEM 8

Para a Sra. Maria Tereza Tereza  
 Lavadora Espirita -

Obscurecida por espíritos maus  
 entenebrecida, por isso mesmo  
 contou que continuava inter-  
 nado por longo tempo -  
 E' aqui provada a cura da  
 mesma Sra. Maria.

Faz em Deus  
 Recupera-se Paralelo

Extraído do prontuário médico do  
 Sanatório Espírita de Uberlândia, ficha  
 639, ano 1955.

IMAGEM 9

Orientação. Para  
 Dirc. Rosa. Ferreira. 18. anos  
 Hó. Enterrada. Uberlândia  
 - 11-1-1951 -

Influenciada por es-  
 píritos maus, com ten-  
 dência a completa obs-  
 cur - Contou parma-  
 nente internada por cer-  
 to tempo - Fez depois  
 um curso espírita  
 bem orientada um es-  
 tágio, estudando os evan-  
 gelhos de Nosso Senhor Jesus  
 Cristo - Faz em Deus  
 Recupera-se Paralelo

Extraído do prontuário médico do  
 Sanatório Espírita de Uberlândia, ficha  
 363, ano 1951.

Segundo relata Nicelídea,<sup>173</sup> filha de José Gonzaga de Freitas, mais tarde confirmado por Sônia<sup>174</sup>, filha do enfermeiro Bitencourt, os médiuns nunca tinham contato com os internos, sendo as sessões realizadas em cômodos isolados. Peguemos alguns exemplos destas prescrições feitas pelos espíritas que, segundo consta nos folhetos anexados à ficha do paciente, o diagnóstico era dado pelo espírito de Eurípedes Barsanulpho:

Mensagem psicografia: Para a Irmã Fulana de Tal – 20 anos Rua Machado de Assis. Obsedada por ser médium descontrolada. (Pedido de alta) Sim convem depois fazer a sua educação mediunica, tendo por base os evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Convem internar-se para o tratamento. Paz em Deus. Eurípedes Barsanulpho.<sup>175</sup>

Mensagem psicografada: Esta irmã é uma médium que se encontra obsediada de quando em vez, vítima de espíritos maus, por ser pouco vigilante. Convem permanecer internada.<sup>176</sup>

Mensagem psicografada: Sim, um caso de obsessão por espíritos alcoolatras - Sim, espíritos que ainda conservam o vício da embriaguês na erraticidade. Paz em Deus. Eurípedes Barsanulpho.<sup>177</sup>

A primeira psicografia citada mostra que houve mais de uma internação. Além deste tipo de tratamento com ervas, “passes”, orações, havia uma preocupação com o que os internos faziam. Trabalhavam durante o dia no próprio local, no plantio de verduras, hortaliças e batatas e a colheita era revertida para o consumo interno.<sup>178</sup> Os internos, aqueles mais sóbrios, ajudavam em diversas outras atividades, atuando onde havia carência de funcionários: lavagem de roupa, limpeza do ambiente. Havia até um interno que saía recolhendo mantimentos para a instituição, função também desempenhada por José Gonzaga. Abandonados pela família, continuavam morando no hospício por não terem para onde ir.<sup>179</sup>

O caso desse interno é *sui generis*, pois era conhecido na cidade, conversava com os vizinhos, com os filhos do administrador e com os funcionários do frigorífico onde buscava carne em latões, carregando-os no ombro pela cidade. Este interno era:

<sup>173</sup> FREITAS, Nicelídea de. Op. cit.

<sup>174</sup> SILVA, Sônia Martins Costa e. Depoimentos. 2 set. 2005.

<sup>175</sup> SANATÓRIO ESPÍRITA DE UBERLÂNDIA. Prontuário n. 117, catalogação 95, 1944.

<sup>176</sup> Idem. Prontuário n. 150, catalogação 126, 1945

<sup>177</sup> Idem. Prontuário n. 145, catalogação 864, sem data.

<sup>178</sup> CASTRO, Marolina. Op. cit.

<sup>179</sup> FREITAS, Nicelídea de. Op. cit.

A figura mais importante do sanatório. Era o seu Joaquim. Ele foi pra lá desde o tempo do penates, ninguém sabe de onde veio, pra onde ninguém sabe. E ele trabalhava muito, ele andava descalço, ele ia na charqueada. Ele era interno, doido. O povo tudo [sic] de Uberlândia conhecia o Joaquim, ninguém tinha medo dele. Ele saía do sanatório com a lata de querosene no ombro, ia na charqueada, papai punha as carnes toda, por dia, e ele voltava. Se alguém de carro passava perto do Joaquim e falava: “Joaquim, eu vou te levar no sanatório”; “Eu ando mais depressa”. Ele chegava, às vezes, o papai quieto, ou às vezes deitado, ele chegava pelo fundo: “Zé, Zé, levanta Zé. Ele era uma figura da cidade.”<sup>180</sup>

A falta de mão-de-obra voluntária no manicômio fazia com que o trabalho dos outros internos fosse indispensável à manutenção da casa. A laborterapia aplicada aos “loucos” era muito utilizada pelos dirigentes espíritas, constituindo-se também em um eficiente suprimento da falta de mão-de-obra na instituição. Como podemos constatar na fala de Marta:

Uns pacientes ajudavam dar banhos nos outros. Os melhorados davam banhos nos outros paciente. Eles são muito unidos na dor, pela dor eles são muito unidos. Lá, quando morre alguém, a gente manda tirar imediatamente sabe, porque eles sofrem muito. Quando a gente sai com algum deles pra fazer consulta médica, os outros ficam lá desorientados perguntando se ele vai voltar. Eles são muito unidos mesmo, eles têm muito amor uns nos outros.<sup>181</sup>

Paralelamente ao tratamento compreendido pelos dirigentes do manicômio como espiritual, existia o tratamento médico que, em princípio, era ministrado pelo clínico geral Dr. Moysés de Freitas. Esse atuou na instituição por um longo tempo, até a chegada de um psiquiatra na cidade de Uberlândia. O seu diagnóstico era sempre o mesmo, revelando a falta de critérios para se estabelecer a internação. Mostra também a falta de diagnóstico, parecendo que o médico se preocupava muito mais com os casos de pessoas portadoras de doenças infecto-contagiosas, o que até certo ponto é compreensível em instituições com aglomerado de pessoas. Além disso, a figura do médico serviu como pretexto para legitimar a existência do sanatório, como instituição curativa. Vejamos como eram feitas as receitas:

---

<sup>180</sup> Ibidem.

<sup>181</sup> DEUS, Marta Maria Terra de. Op. cit.

Atestado do médico Moisés de Freitas: Atesto que o Snr. Saleriano natural de Pontalina, Est. De Goiaz, com 33 anos solteiro, não sofre de molestia [...], mas é um psicotico, nescessitando [sic] ser internado no Sanatório. Uberlândia, 4 de Fevereço de 1944.<sup>182</sup>

Assim também pode ser observado em outro diagnóstico feito bastante tempo depois.

Parecer do médico Moysés de Freitas: Atesto que o Sr. Joaquim Caetano Silva, com 23 anos de idade, solteiro, é um psicótico e não sofre de moléstia infecto-contagiosa. Uberlândia, 08 de Dezembro de 1946.<sup>183</sup>

Atesto que Raimunda Carneiro, com 18 anos de idade, é uma psicótica e não sofre de moléstia infecto-contagiosa. Uberlândia, 29 de dezembro 1959. Moisés de Freitas.<sup>184</sup>

Após a década de 1960, a cidade passa a ter seus primeiros psiquiatras, indo trabalhar no Sanatório Espírita de Uberlândia: Nivaldo Gonçalves, Lázaro Sallum, Osvaldo Nascimento, tendo os dois últimos servido à instituição por um longo período. No ano de 1982, após ter ficado dezoito anos trabalhando no sanatório, Lázaro se demite sendo substituído pelo Osvaldo Nascimento. O trabalho de todos os médicos que atendiam eram pagos pelo centro espírita Fé, Esperança e Caridade, entidade responsável pela manutenção do hospício.

O psiquiatra Lázaro Sallum que saíra de Uberlândia para estudar medicina no Rio de Janeiro, volta à cidade, monta seu consultório e logo em seguida é aprovado em um concurso do Estado, sendo transferido para atuar no sanatório. No começo ele trabalhava:

Como médico perito, fazia perícia na parte neurológica e psiquiátrica para trabalho e médico do posto de saúde. Foi aí que entrou a diretoria do Sanatório, através do deputado Homero Santos que, foram lá e conversaram na época, era o governador de minas, era o [...] Magalhães Pinto e eles conseguiram que o Magalhães Pinto determinasse que invés de eu prestar serviço no Posto de Saúde, que eu prestasse serviço no Sanatório, que era em frente o Posto de Saúde. [...] então eu comecei a trabalhar como médico do Sanatório e fui como médico do Sanatório até 1982. Trabalhei lá até 1982.<sup>185</sup>

<sup>182</sup> SANATÓRIO ESPÍRITA DE UBERLÂNDIA. Prontuário n. 102, catalogação 85, 1944.

<sup>183</sup> Idem. Prontuário n. 13, catalogação 200, 1947

<sup>184</sup> Idem, Prontuário (sem informação), catalogação 819, 1959.

<sup>185</sup> SALLUM, Lázaro. Depoimentos. Uberlândia, 20 mai. 2005.

Segundo os depoimentos colhidos, nenhum médico que trabalhou na instituição era espírita. Não era espírita nem mesmo Moysés de Freitas, irmão de José Gonzaga de Freitas, o maior responsável por angariar fundos para a instituição, segundo nos conta Nicelídea.<sup>186</sup> Antes da inauguração, José Gonzaga teria chamado o irmão para atuar no sanatório, mas sendo ele clínico geral, precisaria se especializar em psiquiatria. A nossa entrevistada conta também que seu avô, Luizote de Freitas, homem influente na cidade, teria deserdado o filho, seu pai, por professar a doutrina kardecista. Ela relata ainda, que mesmo com esta desavença na família, seu pai tinha um bom relacionamento com seus irmãos, dois deles médicos. Segundo Nicelídea, era:

Uma convivência maravilhosa. Os médicos respeitava o papai e o papai respeitava os médicos. Nunca houve atrito. Quando foi o tio Moysés era maravilhoso, quando resolveram acabar com os choques, foi de acordo com os médicos, foi a nova psiquiatria, foram de acordo. Depois foi o seu Sallum, depois foi o seu Osvaldo que foi uma convivência maravilhosa, nunca houve nada. Eles davam os remédios, eles tomavam os remédios, até hoje toma.<sup>187</sup>

O olhar atento à planta arquitetônica da instituição em questão evidencia o óbvio: os modelos de concretos pensados de maneira a comportar os inúmeros presos com a melhor eficiência possível. As tecnologias do saber capazes de afugentar, impor suas normas de controle e disciplinarização podem ser identificadas na estrutura desta importante fonte histórica. Outro fator a destacar são as sensações que tal documentação pode despertar naqueles que vivenciaram o dia-a-dia manicomial. O retorno de um tempo que se foi, ver o planejamento de uma estrutura que serviu para o aprisionamento, a imaginação do arquiteto se transformando em quartos, paredes, compondo a realidade daqueles que ali estiveram. Pensar que os traços materializados no papel representam uma história triste, de sofrimentos que o inconsciente luta para apagar, fingir que não existiu, mas que pode ser o motivo de reavivar, despertar, uma lembrança esquecida. Estar enclausurado é vencer um desafio todos os dias, criar um sentido para viver, satisfazer um desejo frívolo e, ao mesmo tempo, encantar-se pela oportunidade que não foi dada. Gostaríamos de contar outra história e quem sabe ver um sorriso como um sinal de mudança.

---

<sup>186</sup> FREITAS. Nicelídea. Op. cit.

<sup>187</sup> Ibidem.

### 3.2 Da caridade ao aprisionamento: a destituição do manicômio

Como funcionava o Sanatório Espírita de Uberlândia, no que se refere ao tratamento dispensado concretamente aos doentes, contraposto ao ideal defendido por médicos e espíritas? A grande crítica que diversos espíritas estabelecem em relação ao tratamento dispensado aos psicóticos é justamente o seu teor materialista, a falta de sensibilidade dos homens da ciência em conduzir diversos casos quando, na verdade, precisariam atuar espiritualmente. Outros tantos médicos assumem que tais práticas religiosas não passam de superstições, não têm nenhum caráter científico, sendo pois sem relevância objetiva.

Ao analisarmos a quantidade de hospícios que as entidades espíritas fundam em todo o país, perceberemos o quanto este tema é caro para estes militantes religiosos. Ao intervirem, em muitas das oportunidades, para além da busca de espaço, aceitação e hegemonia na sociedade, buscaram também contrapor suas práticas ao discurso médico. Ao mesmo tempo, procurando harmonizar fé e razão, assumiram a defesa da ciência médica. Esta mediação permitiu que alguns cientistas se tornassem simpatizantes da nova religião e, consciente ou inconscientemente contribuíram para a legitimação do espiritismo.

A partir dos depoimentos dos dirigentes espíritas e médicos foi possível interpretar a autonomia que os espíritas tinham em ditar o que queriam. Esta relação era harmônica na medida em que, principalmente o médico, não rompia um contrato estabelecido. Isto fica claro no depoimento de Lázaro Sallum:

[...] Eu ia falar isso. [...] quando eu assumi a direção do sanatório, nós fizemos um trato. O paciente que eu não aceitar ser retirado do quarto pra tomar passe, ele não vai ser retirado do quarto pra tomar passe. E eles pegaram e exigiram de mim: “olha, nós não queremos que faça eletrochoque aqui”. Cê entendeu?

Foi uma combinação. Então eu não fazia eletrochoque, eles não davam passe, certo? A hora que eu parasse com meu tratamento, aí

eles podiam dar passe o quanto que quisessem. Mas enquanto eu tava tratando, eu não aceitava dar passe.<sup>188</sup>

Na época em que atuou esse médico, dois foram os dirigentes do manicômio: Gladstone Rodrigues da Cunha e, posteriormente, Rubens Francalance. Na fala de Gladstone, ele ratifica a lembrança do médico acima citado:

[...] o Dr. Lázaro Sallum não intervinha, não opinava sobre o tratamento espiritual dentro daquela casa. Mas a direção da casa, tanto o nosso irmão José Gonzaga, como eu e os demais companheiros também não dávamos opinião sobre os tratamentos que ele determinava de acordo com os seus conhecimentos. Então nós vivemos um período de muita paz.<sup>189</sup>

O médico Oswaldo Nascimento,<sup>190</sup> psiquiatra na instituição por aproximadamente vinte anos, nos relata o excelente relacionamento que tinha com os espíritas da casa. Para ele, não havia interferência do médico em relação ao tratamento dado aos espíritas e o contrário também não acontecia. Toda a administração do Sanatório ficava a cargo dos espíritas:

O tratamento espírita, no caso do sanatório aqui, o estatuto rezava que cerca de 80% seria na esfera espiritual e 20% na esfera médica. Eu fazia os 20% do tratamento na esfera médica. A esfera espiritual eu nunca entrei porque eu não sou espírita e não faço tratamento espírita.<sup>191</sup>

Ainda neste viés, novamente na informação de Marta, percebe-se o pacto estabelecido entre os trabalhadores da casa asilar, apontando para a realização das indicações dos dirigentes espíritas:

[...] o Dr. Oswaldo, minha mãe conversava com ele, ele nunca deu carga pesada pros pacientes, porque minha mãe não admitia e ele aceitava a opinião da mamãe e minha mãe era, mamãe não aceitava, porque não adianta, não resolve o problema da obsessão a carga. Coloca é o paciente completamente mais alienado ainda, fica bobo,

---

<sup>188</sup> SALLUM, Lázaro. Op. cit.

<sup>189</sup> CUNHA, Gladstone Rodrigues. Depoimentos. Uberlândia, abril de 2002.

<sup>190</sup> NASCIMENTO, Oswaldo José. Depoimentos. Uberlândia, 08/10/2002.

<sup>191</sup> Ibidem.

parado, só dormindo. Não tem como você trabalhar com o paciente dormindo.<sup>192</sup>

Quando assumiu a direção do sanatório, no final da década de 1960, Rubens Francalance<sup>193</sup> não permitiu mais o eletrochoque, obrigando qualquer médico a cumprir a medida, sob a pena de ser demitido. Os prontuários analisados até 1959 revelam que a prática do eletrochoque acontecia de maneira intensa, apontando para uma forte contradição da concepção espírita que, segundo defendem, os maiores problemas concernentes à loucura advém do campo espiritual. Das fichas catalogadas, observa-se o uso freqüente de eletrochoques:

Quando eu comecei no Sanatório vi certa vez uma doente receber eletrochoque, desmaiando em seguida. Logo que acordou a primeira coisa que fez foi sair correndo, para fugir daquele lugar. Com o tempo constatei que o eletrochoque não trazia melhoras e foi assim que não aceitamos mais esse tipo de tratamento. Certa vez um médico que tinha acabado de ser admitido queria aplicar o eletrochoque e não deixamos, e ele pegou e foi embora.<sup>194</sup>

O uso da convulsoterapia foi freqüente e constante em quase todo o período pesquisado. Em 1942, encontramos nos prontuários eventos em relação à terapêutica que estimulava a convulsão, realizada por cardiazol, sendo substituída pela prática do eletrochoque a partir de 1951. Destaquemos o caso de uma paciente, internada num período de quarenta e um dias, no ano de 1951, recebendo doze aplicações de eletrochoques, em uma média de dois eletrochoques por semana. Este não é um caso isolado, muito pelo contrário, é a média de quase todos os internos, pelo menos na década de 50. Raro eram os casos que não se usava tal expediente, apenas quando as pessoas que ficavam por uma semana – período curto que lhes possibilitava escapar desta terapia. Mesmo que teoricamente houvesse a distinção do tratamento do médico com o do espírita, era perceptível a consonâncias destes poderes.

A convulsoterapia pelo cardiazol foi difundida no mundo em 1936, pelo médico Von Medina, começando a ser usada no Brasil no mesmo ano. Dois anos após, os médicos Cerletti e Bini passaram a utilizar o choque elétrico como meio mais rápido

---

<sup>192</sup> DEUS, Marta Maria Terra de. Op. cit.

<sup>193</sup> FRANCALANCE, Rubens. Depoimentos. Uberlândia, 25 jul. 2002.

<sup>194</sup> Ibidem.

para se atingir a convulsão, substituindo a injeção cardiazólica. Tal terapêutica inicia-se no Brasil a partir de 1942, no Juquery, oferecendo custo praticamente nulo. Em 1943, no Brasil, este tipo de tratamento chega a alcançar, aproximadamente, 4000 aplicações.<sup>195</sup>

No sanatório de Uberlândia, seguindo os registros deixados nos prontuários, a aplicação da convulsoterapia pelo cardiazol foi utilizada desde 1943, um ano após a sua inauguração. O uso do eletrochoque data de 1951, quase dez anos após a sua criação, apontando que o médico Moysés de Freitas não estava muito bem inteirado das transformações no campo da psiquiatria, uma vez que os tratamentos dados estavam obsoletos para a época. Isto pode ser verificado na utilização da convulsoterapia quando o eletrochoque era a técnica revolucionária para o momento; os exames físicos realizados acontecem no período da grande insatisfação das teorias eugênicas. Segue abaixo alguns exemplos do tratamento ministrado:

Uso de Convulsoterapia pelo cardiazol: 1º choque em 24/02/1943; 2º choque em 02/03/1943; 3º choque em 05/03/1943; 4º choque em 09/03/1943; 5º choque em 13/03/1943; 6º choque em 17/03/1943; 7º choque em 22/03/1943.<sup>196</sup>

Cardiazol: tomou mais de vinte, choques; Eletrochoques: mais de vinte aplicações.<sup>197</sup>

Uso de: Gynocalcimi; Convulsoterapia pelo Cardiazol: 1º choque em 19/01/1943 - 2º choque em 24/01/1943 - 3º choque em 31/01/1943; A doente tornou-se logo após o 1º choque calma e as alucinações terminaram-se após o 2º choque.<sup>198</sup>

Partindo desta premissa, há duas situações para analisar: a primeira é uma suposta divergência entre os espíritas e o médico, um querendo intervir no campo de atuação do outro. A segunda, e mais provável, é de que havia uma convivência harmoniosa, sinal disto foi a permanência destes dirigentes e médicos por um longo

<sup>195</sup> PEREIRA, Lygia Maria de França. Os Primeiros sessenta anos da terapêutica psiquiátrica no estado de São Paulo. In: ANTUNES, Eleonora Haddad; e outros (org.). *Psiquiatria, Loucura e Arte*. São Paulo: Edusp, 2002.

<sup>196</sup> SANATÓRIO ESPÍRITA DE UBERLÂNDIA. Prontuário n. 50, catalogação 58, 1953.

<sup>197</sup> Idem. Prontuário n. (sem registro), catalogação 354, 1951.

<sup>198</sup> Idem. Prontuário n. 48, catalogação 19, 1943

tempo no sanatório. Pelo relato dos entrevistados fica evidente que os espíritas não só conviviam amigavelmente com os médicos, como também acreditavam nas terapias médicas existentes. Quando a relação se tornava conflitante, o médico imediatamente saía, mas é preciso ressaltar que tal acontecimento foi quase inexistente. Esta contradição fica mais clara quando tomamos como exemplo o Sanatório Espírita de Uberaba, onde o psiquiatra lá residente, espírita, recusava a aplicação, em sua totalidade, do que a medicina convencional defendia. Em Uberlândia, sob o consentimento dos médicos, a diretoria tinha autoridade para discutir o modo do tratamento:

Mas só que eles não podiam com ela não porque ela era muito brava, sabe? [risadas] Eles respeitavam muito [sic] ela porque ela era muito brava. Inclusive teve uma equipe lá de enfermeiros padrões, fez uma tentativa, uma equipe de enfermeiros, porque a saúde queria assim: pra cada corredor, uma equipe de enfermeiros e um médico, um psiquiatra. Quer dizer, seu José, nós não tínhamos, seu José não tinha onde tirar esse dinheiro pra pagar, né, os médicos e os enfermeiros que são caros e é o direito deles né, de receber, mas nós, ele não tinha verba pra isso, pra pagar os enfermeiros padrões, os enfermeiros técnicos que ficavam lá e nem mais de um psiquiatra. Aí a Universidade na época emprestou uma equipe de enfermeiros pra lá sob a direção do Dr. Oswaldo. Quando eles chegaram, minha mãe já avisou pra equipe, não quero que dope os paciente, não quero que meus pacientes seja impregnado. Um dia ela veio aqui, voltou, chegou lá, tinha um paciente impregnado. Aí ela mandou eles tudo voltar embora pra medicina. Ela não aceitou.<sup>199</sup>

Esta referência fecha a hipótese de que os espíritas poderiam ser reféns da vontade médica. Fica evidente que a maior autoridade no manicômio eram os espíritas. Em nenhuma outra instituição psiquiátrica conhecida o médico abriu mão de seus procedimentos terapêuticos para atender a um conselho advindo de leigos. Desse ponto de vista, os militantes espíritas também têm responsabilidade sobre o que acontecia no Sanatório Espírita de Uberlândia.

Entrevistamos para a pesquisa uma importante militante espírita, Shirlene Campos<sup>200</sup>, e seu marido, o médico José de Oliveira Campos, que contaram alguns casos de autoritarismo e maus tratos direcionados aos internos por parte dos dirigentes

<sup>199</sup> DEUS, Marta Maria Terra de. Op. cit.

<sup>200</sup> CAMPOS, Shirlene. Depoimentos. Uberlândia, 2003.

da instituição. Quando Shirlene chegou em Uberlândia, em 1977, conheceu José Gonzaga em meados de 1980, e se dispôs a colaborar com a administração do asilo, sendo previamente descartada. Segundo nos revela, estava inconformada com as péssimas condições de higiene do local, seja na alimentação, nas roupas e nos quartos e pediu para auxiliar na mudança destes quadros desoladores. Uma cena que a marcou muito foi quando presenciou uma das internas feliz, ouvindo seu rádio a pilha, e surpreendendo-se com a reação da dirigente da instituição que se aproximou e quebrou este rádio, justificando que ouvir rádio aproximava os espíritos maus, obsessores.

A sensação destes dois depoentes em relação ao Sanatório Espírita de Uberlândia não é das melhores. O médico Campos<sup>201</sup> relata que este manicômio se parecia com uma casa medieval, considerando-o atrasado em todos os sentidos. Por este viés, Campos parece não conhecer muito a realidade dos hospícios, onde lamentavelmente estes enclausurados vivem em condições lastimáveis, sofrendo agressões físicas, métodos sedativos fortes, quando não esquecidos por completo, ignorados nestas prisões que, diferentes de outras prisões, não sabem quando serão libertados.

Sônia,<sup>202</sup> que passou parte de sua infância e adolescência na instituição, revela algo estarrecedor, que deixa ainda mais evidente o descaso com os internos. Houve um dia em que chegou à instituição para ser internada uma mulher muito agressiva, sendo conduzida de imediato às celas destinadas às pessoas violentas. Após quinze dias, o seu pai surpreendeu-se com um ruído vindo das celas que, em um primeiro momento, parecia um gato. Quando se aproximou, deparou-se com a “enferma” amamentando uma criança, ainda com o cordão umbilical. A mulher que, há quinze dias chegara para a internação, fez todo o trabalho de parto sozinha, o que nos mostra a quantidade de gente que era despejada nesta prisão, sem se realizar exames, ver as suas condições até mesmo físicas. Segundo nos revelaram Sônia e Celina, a mulher gestante era muito gorda e não foi possível perceber a gravidez. Por que os espíritos, por intermédio da mediunidade, não comunicaram que havia uma mulher prestes a ganhar um bebê? Onde estava o médico que, em quinze dias, não realizou nenhum exame que pudesse constatar que a mulher estava grávida?

---

<sup>201</sup> CAMPOS, José de Oliveira. Depoimentos. Uberlândia, 2003.

<sup>202</sup> SILVA, Sônia Martins Costa e. Depoimentos. 2 nov. 2005.

É doloroso relatar tantos casos de sofrimento, seres humanos viverem em um repleto estado de penúria, isolados não só do mundo lá fora, mas também de qualquer pessoa. Esta infeliz gestante, após a sua gravidez, não perdeu somente a liberdade, mas também o seu filho, conduzido à adoção. Qualquer um que já teve a oportunidade de visitar os manicômios, nas áreas destinadas aos portadores de transtornos mentais agressivos, certamente deparou-se com quadros indescritíveis no seu aspecto mais tenebroso. Tudo parece uma obra de ficção.

Em verdade, os conflitos que poderiam ter ocorrido nesta época não foram entre os médicos da instituição e os espíritas. A partir dos relatos dados, após a inauguração do hospital da Universidade Federal de Uberlândia e a subsequente implementação da sua ala de psiquiatria, descentralizou-se o tratamento da loucura, e depois da década de 1970, alguns setores da sociedade começaram a exercer forte pressão para melhorar as condições de tratamento exercidas pelo manicômio administrado pelos espíritas. O Centro Regional de Saúde da cidade, situado há cem metros do Sanatório Espírita de Uberlândia, passou a fiscalizar o asilo e exigir mais médicos, enfermeiros com curso superior, psicólogos, visando estabelecer um tratamento mais humano.

Rubens lembra-se da dificuldade da instituição em pagar os poucos funcionários que a casa tinha, pois essa sobrevivia de doações, não recebendo praticamente nada de governos municipais, estaduais ou federais. Ainda, segundo suas palavras, recorda os momentos de visitas dos fiscais do Centro Regional de Saúde, e tendo que se explicar pelo fato dos internos estarem defecados, sangrando, além da imundice em que se encontravam suas roupas e quartos. No depoimento de Marta também fica evidente que o maior transtorno que a instituição teve foi a Vigilância Sanitária, impondo medidas, ameaçando até o seu fechamento:

Eles fizeram na época, inclusive a minha mãe, a minha mãe falou assim: é muito fácil, porque minha mãe enfrentava esse pessoal, a diretora, eu não vou mencionar o nome dela, mas ela na época lá, diretora da “regional”, ela quis, minha mãe falou assim: bom, é muito fácil, eu vou lá entregar, vou colocar eles todinho pro cê lá, aí cê toma conta. Aí ela parou de atentar, porque minha mãe ameaçou de levar os paciente e colocar tudo lá na porta da “regional”.<sup>203</sup>

---

<sup>203</sup> DEUS, Marta Maria Terra de. Op. cit.

De acordo com as falas dos dois médicos da instituição, o Sanatório Espírita de Uberlândia tinha uma estrutura ainda melhor que a da ala de psiquiatria da Universidade Federal de Uberlândia, diferentemente do que encontraram os funcionários da Vigilância Sanitária. Multas eram aplicadas no intento de humanizar o tratamento e as condições de higiene, mas alegavam os espíritas que havia a falta de recursos, uma vez que tal casa era sustentada por doações da população.

Os medicamento comprava pra seis meses. O seu Osvaldo fazia, né, o pedido e comprava. Isto do bolso do comércio da cidade, da população uberlandense, da sociedade uberlandense. Então, aí eles queriam que tivessem esses médicos, mais médicos, mais psicólogos, todos esses enfermeiros, todos eles queriam lá, mas eles mesmo, o Estado nunca colaborou com uma agulha. O município também não. Então eles nunca colaboraram. Nunca falaram: não, nós vamos sentar, mas vamos sentar, vamos ver o que nós podemos fazer.<sup>204</sup>

Lázaro Sallum reitera:

Então, novamente eu digo pra você, guarda bem isto, não foi nenhum tipo de atrito que me fez deixar o sanatório. O que me fez deixar o sanatório foi questão, é porque o sanatório não tinha mais condições de se manter [...].

Contribuíam e muito. Aquele sanatório, se você chegasse na época em que eu estava no sanatório, se você chegasse no sanatório você ficava impressionada. Era um clima ali! Roupa de cama era trocada todo dia, certo? A comida era boa. Lá tinha todo dia o arroz, o feijão, a carne, o legume, certo? Tinha uma horta no fundo do sanatório que os próprios doentes plantavam, que eu e ela [dona Nega], eu e o Bitencourt que olhava aquilo lá, cê entendeu? Era maravilhoso. Então, a gente, olha, o sanatório era olha não como uma fonte de renda, nem tampouco pra se ganhar prestígio, porque realmente se eu for pensar em dinheiro, o sanatório não me deu o que me é justo, o que é nada. Aquilo foi uma coisa que eu decidi. A hora que eu sai do sanatório eu comecei a ganhar dinheiro.<sup>205</sup>

A situação financeira da instituição dependia do momento e das articulações empreendidas: o Dr. Lázaro realizava exames mais baratos por conhecer os donos de laboratórios da cidade; o asilo recebia comida do exército quando algum militar importante se afinizava com o ideal espírita; recebiam subvenções do Estado, dependendo do grupo político que se instalava no poder.

---

<sup>204</sup> Ibidem.

<sup>205</sup> SALLUM, Lázaro. Op. cit.

E nessa época o Sanatório começou a passar por uma situação tremenda com dificuldades financeiras e de repente eu acordei, pode parecer absurdo isto, acordei tirando dinheiro do bolso. [...] De chegar e não, não tem arroz, mandava comprar um saco de arroz do meu bolso. Depois cheguei um ponto, eu falei não, chega, eu, né?<sup>206</sup>

Após a década de 1980, o sanatório teria passado por situações financeiras ainda mais graves, tendo que fechar no final desta década. Neste período, a Lei Paulo Delgado já começava a despontar, estabelecendo uma série de medidas, entre elas o aumento no número de funcionários - psicólogos, enfermeiros, fisioterapeutas -, além de proibir a internação do paciente, exceto quando se tratava de pessoas violentas. A instituição fecha em 1989, entregando os internos aos familiares. Muitos deles, não tendo para onde ir, acabam indo para o hospital de psiquiatria da Universidade Federal de Uberlândia. Outros ficam morando no sanatório mesmo. Até hoje encontra-se quatro pessoas que lá residem; pessoas que não somente a família abandonou, mas a sociedade e que o centro espírita Fé, Esperança e Caridade decidiu manter até sua morte.

---

<sup>206</sup> Ibidem.

### 3.3 Intervenções médicas e tratamento espírita: sentidos para uma história

Na parte destinada ao histórico da doença contido nos prontuários encontramos diversas informações que permitem pensar os significados da loucura construídos pela população, nesta época. Estes campos foram preenchidos pelos familiares ou pelos responsáveis pela internação do paciente. As informações referentes aos antecedentes dos enfermos tinham como pressuposto básico verificar a causa da doença: como este indivíduo comportava-se no seu dia-a-dia; se era alguém desregrado moralmente; se possuía antecedentes da doença na família; qual o tipo de alimentação seguia, enfim seu comportamento e conduta. Esta técnica de esquadrihar a vida dos loucos foi muito conhecida por *anamínésis*, sendo muito utilizada pela medicina até a década de cinquenta do século XX.

Antes de adentrarmos às especificidades que justificavam o encarceramento voltemos à ficha médica, que continha detalhes interessantes:<sup>207</sup> em primeiro lugar quase sempre havia uma foto, que se deduz tirada na instituição Ladeando a imagem, os dados pessoais que permitem visualizar idade, origem, raça, estado civil, religião, filiação, data de entrada e saída, prognóstico, entre outros. No verso, um exame físico contundente, arremedo de Lombroso, descrevendo o personagem. No exame mental, o médico, à primeira vista, deduz a partir de perguntas ao paciente, algumas delas óbvias, o grau de comportamento. O histórico da doença é a parte mais rica por enunciar o que aqueles que conviviam com o louco ajuizavam dele e o que deveria ser a anormalidade. O tipo de doença era sempre uma sentença de enclausuramento, sucinta, uma ou duas palavras; o diagnóstico muitas vezes confundia com o tratamento – aí se percebe as medicações e os eletrochoques como medidas correntes. Como parte integrante desta ficha existia o termo de responsabilidade assinado por quem procedeu a internação e a psicografia, quase sempre de Eurípedes Barsanulpho; esta descrição pode ser apreciada à seguir, nas fichas 38 e 32.

---

<sup>207</sup> Todas as fichas foram transcritas dos livros do sanatório, para preservar esta documentação como memória. A intenção é transformar este material num inventário da loucura em Uberlândia.

Tabela 8

Ficha de enfermos do Sanatório Espírita de Uberlândia - 1942 a 1959		
Dados pessoais	Exame físico	Exame mental
Nome: Leontina Rodrigues Gonçalves	Ouvido: De tamanho regular e bem implantados são os pavilhões auriculares. Audibilidade normal. Nariz: regular e bem conformado.	Boa orientação de espaço, logar e tempo. Durante os primeiros tempos, subia á janela e se a gente lhe perguntava a razão disso, respondia que precisava velar pelos filhos de Deus. Conversa muito procurando imitar os portugueses. Nunca agrediu e é obediente. Conhece os seus. Afetividade comprometida.
Ano: 1943		
Ficha: 32		
Catologação: 18		
Estado civil: Casada		
Idade: 22 anos		
Cor: Morena		
Naturalidade: Uberlândia - MG		
Filiação: Avelino Rodrigues Gomes e Levinda Cerelina Gonçalves		
Religião: Sem informação		
Procedência: Uberlândia - MG		
Entrada: 17 / 08 / 1942 - Saída: 15 / 01 / 1943		
Prognóstico: Bom		
Motivo da saída: Curada		
Histórico da doença		Diagnóstico e tratamento
<p>A doença teve seu início 30 dias após um parto a termo e normal. Durante estes 30 dias os de sua família nada observaram de anormal com relação a seu juízo (sic). Daí em diante começou a se irritar por pouca coisa, tornando-se inimiga de sua cunhada com a qual mantinha estreitas relações de amizade. Enfim, dentro de 10 dias chegou a odiar o proprio pai, a agredir os que lhe cercavam, falando cousas sem nexo, em parentes já falecidos, sendo por isso internada quando inteirava justamente 40 dias de puerpério. Nasceu a termo, teve infancia sadia e seus antecedentes são bons.</p>		<p>Psicose autotoxica</p> <p>Uso de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sulfato de estriçnina</li> <li>• Arsenal</li> <li>• Glicerofosfato de sódio</li> <li>• Potássio e magrenio</li> <li>• (Glicerofosfato) Ferro animiacal</li> <li>• Vith de Kola</li> <li>• Anemiz (1 injeção semanal intramuscular - 2 caixas)</li> <li>• Leite de Magori Filips</li> <li>• Profimou B Oleoso (2 injeções semanais)</li> </ul>

Tabela 9

Ficha de enfermos do Sanatório Espírita de Uberlândia - 1942 a 1959		
Dados pessoais ( Reinternado )	Exame físico	Exame mental
Nome: Sr. Carlos Finoti	Estado Psíquico: perfeita orientação de espaço, lugar e tempo. Contituição: mediolíneo, robusto, paniculo adiposo bem desenvolvido e distribuído. Pele: mucosas acessíveis à vista, coradas. folículos pilosos normalmente desenvolvidos e distribuídos. Ganglios Linfáticos: impalpáveis. Nariz: médio e bem proporcionado. Ouvido: Pavilhões auriculares relativamente pequenos porém bem inflamados. Garganta: dentes em regular estado de conservação; boca regular; dificuldade na dicção. Abdomen: normal. Aparelho Circulatório: pulso cheio e freqüente 90 p.p.m. e coração normal. Aparelho Genito Urinário: normal	A princípio, procurava bater nos velhos e fracos companheiros, mas nunca agredia os fortes. Passeia pelo pátio mesmo que o sol esteja quente. É desinquieto. Assenta-se para prontamente se levar. Não se dirige a pessoa alguma, mas se a gente o chama ou o procura, atende pronta e benevolmente.
Ano: 1947		
Ficha: 38		
Catologação: 202		
Estado civil: Solteiro		
Idade: 22 anos		
Cor: Branca		
Naturalidade: Espírito Santo do Pinha – SP		
Filiação: César Finoti e Tereza Finoti		
Religião: Sem informação		
Procedência: Sem informação		
Entrada: 17 / 09 / 1942 - Saída: 09 / 04 / 1943		
Entrada: 26 / 10 / 1947 - Saída: 19 / 08 / 1948		
Prognóstico: Mau		
Motivo da saída: Melhorado / Curado		
Histórico da doença	Diagnóstico e tratamento	
<p>Pais vivos e sadios. Tem um irmão que sofreu um acesso epiletiforme aos seis meses que se refletiu em ritmo variável até os dois anos de idade. Este seu irmão conta hoje com quarenta anos, é mudo e é portador de uma psicose. O paciente também sofreu acesso desta mesma natureza durante uns oito meses na primeira infância mas saiu-se, pelo menos aparentemente, muito bem. Nunca conseguiu mamar. Levou sua vida mais ou menos normalmente até que há dois anos sofreu uma gripe que o enfraqueceu muito. Daí em diante começaram a notar que o seu todo distraído se acentuou, tornou-se esquecido e abobado (sic). Certa vez tendo levado um paletó a um freguês, por engano, não pode mais se lembrar a quem o havia entregue. E assim continuou até que seis dias, sem motivo algum, assombrou a porta do quarto de seu pai afim de o agredir. Um seu irmão querendo impedir também foi atacado pelo paciente e, como continuasse nessa animosidade contra seu pai, resolveram interná-lo. Dormia mal nestes últimos dias mas sempre se alimentou bem.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Parecer do médico Moysés de Freitas: Atesto que o Sr. Carlos Finoti, solteiro, brasileiro, com 27 anos de idade, é um psicótico e não sofre de moléstia infecto-contagiosa.  Uberlândia, 26 de Outubro de 1947.</li> <li>• Mensagem psicografada: Aconselhamos seja e problema deste irmão resolvida por um entendimento fraterno. Paz em Deus. Eurípedes Barsanulfo</li> </ul>	

Os dados colhidos no sanatório de Uberlândia são dos mais inusitados possíveis, remontando a causa da loucura das mais diversas maneiras. Sobre uma enferma, com o diagnóstico de “personalidade psicopática” (*PM*), segue a referência:

Ha mais ou menos 16 anos a paciente teve um acesso [sic] depois de ter ingerido manga verde e doce de leite, do qual nada sabe contar. Daí em diante até hoje, continua a sofrer tais acessos, típicos da epilepsia: com grito de fera incial, contrações clonicas e tonicas, mordedura da língua e baba sanguinolenta e a princípio, precedidos de aura.<sup>208</sup>

No caso desta interna, os outros campos da ficha dela estão sem informações, diferentemente das outras deste mesmo ano. A impressão que se tem é que foi recolhida na rua, pois nem o nome dela sabiam. Certamente foi recolhida para a instituição pelas pessoas que transitavam na rua e se incomodavam com a sua presença. Na ficha consta que tal mulher teria tido várias crises epiléticas. São inúmeros os casos de epilepsia, como se sabe, considerados passíveis de internação.

Outro indivíduo, casado, natural de Morrinhos, com “[...] perfeita orientação de espaço, lugar [sic] e tempo, [...]”<sup>209</sup> foi considerado um fanático religioso. A religiosidade para este interno tinha várias vertentes e, ao que parece, não concordava com os ditames rígidos das religiões oficiais: queria pregar como vocação na terra. O sentido de realidade para esta pessoa o fazia crer que era um missionário e que foi vítima de perseguições, todas elas advindas de poderes sobrenaturais. O enclausuramento deste discurso messiânico escancara a intolerância com o discurso que se denominou irracional, daí os espíritas e o próprio Allan Kardec defenderem que a doutrina espírita é explicada cientificamente. Vejamos o prontuário:

O paciente informa que por ser muito devoto, crente em Deus, é sempre vítima de perseguições segundo ele, espirituais [...]. Quando aqui chegou envergava uma batina verde e nos conta que, no município de Goiatuba, onde mora, fazia casamentos e batizava tudo e a torto e a direito: até as galinhas chocar não escapavam a seu batismo. Trouxe evangelhos, livros de reza e chegou a ter muito adeptos. Não corta os cabelos e nem se deixa barbear. Sua principal mania é a religião que, segundo ele, é uma mescla de catolicismo, protestantismo e espiritismo.<sup>210</sup>

<sup>208</sup> SANATÓRIO ESPÍRITA DE UBERLÂNDIA. Prontuário n. 23, catalogação 8, 1942.

<sup>209</sup> Idem. Prontuário n. 21, catalogação 12, 1942.

<sup>210</sup> Ibidem.

Múltiplos são os sentidos atribuídos à loucura. A magia, o encantado, o desconhecido, o realismo, o fantástico, a sexualidade, entrelaçam-se com o patológico. Muitos preconceitos são construídos pela população leiga e circundam o discurso médico sobre a loucura, justificado, talvez, pela incompetência dos psiquiatras em lidar com tal situação. Nesta perspectiva, a sexualidade vigiada, os desregramentos sexuais, a prostituição são causas também da degenerescência mental, da loucura.

Há 10 dias, na casa de sua mãe, vendo o padrasto ralhar com seu filho, começou a chorar e assim ficou o dia todo. Nos dias seguintes passou a falar desordenadamente, a cantar e a dizer pornografias. Adquiriu ainda o hábito de morder e o de rasgar toda a sua roupa. Não gosta do marido, a quem tinha muita estima, tendo agora excitação sexual deante de outros homens. Sempre teve muita saúde. Surtos catameniais mais ou menos regulares, alguns abundantes, outros escaços. Antigamente vinham os mesmos com perturbações nervosas e cefalea. Teve 1 filho sadio, aborto. Pai falecido de quebradura [sic], com mais de 40 anos. Mãe viva, sadia, tendo cerca de 35 anos. Oito irmãos vivos, com saúde. Não se sabe de algum caso de moléstia nervosa ou mental na família.<sup>211</sup>

Há um discurso moralizante como moderador da normalidade, funcionando como dispositivos de controle do corpo, da vontade, dos instintos. Ainda que tais questões sejam colocadas como científicas, muitas destas teorias, defendidas desde o século XIX, correspondem a um entrecruzamento com a cultura judaico-cristão. Neste ínterim, a paixão deveria ser negada, abafada e para este indivíduo permanecesse saudável era necessário educar as suas vontades. “O alienado mental seria aquele que perdeu a medida na regulação afetiva, intensificando o poder de seus afetos desmesuradamente, tornando-se um sujeito apaixonado, passional [...]”.<sup>212</sup> No imaginário popular expresso na imprensa está a convicção do que é ser bom cidadão e estas condutas são importantes para o equilíbrio moral e físico:

[...] Amor seria a cristalização ou a sublimação da paixão. A paixão é inconseqüente. É uma espécie de exaltação dos sentidos, um capricho do desejo, um frenesi, e caracteriza-se por um certo medo, ora de perder o ser amado, ora de não estar agindo com acêrto [sic]. [...] É ardente e fulgaz. Enquanto a paixão morre de saciedade o amor

<sup>211</sup> Idem. Prontuário n. 48, catalogação 19, 1943.

<sup>212</sup> BIRMAN, Joel. A psiquiatria como discurso da moralidade. Rio de Janeiro: Graal, 1978, p. 110.

continua seu crescimento próprio através das estações da vida, sempre novo, sempre diferente [...].<sup>213</sup>

O ideal de corpos dóceis também está impregnado nos prontuários:

Sadia, trabalhadora, cumpridora de seus deveres até 3 anos atrás. Sua molestia teve início por uma paixão absurda por um moço rico e branco. Dorme mal e como pior. Agitação psico-motora. Alucinações auditivas e visuais. Tem tido hemorragias durante as menstruações.<sup>214</sup>

No caso desta mulher de quarenta anos, a evidência da loucura é o fato de uma negra se apaixonar por um homem rico e branco. Depois de internada sete meses nesta instituição, é transferida para o Instituto Raul Soares, em Belo Horizonte, fato aliás comum o que possibilita inferir do insucesso dos tratamentos à falta de credibilidade que as famílias ou os responsáveis tinham em relação às instituições manicomiais existentes, levando os pacientes à internação em outras instituições. Numa busca incessante pela cura ou alívio das tensões que a doença causa no social, o interno crônico é entregue à família e tido por curado e, num círculo vicioso, acaba internado em outro hospício e assim subseqüentemente.

Os diagnósticos em relação à doença mental, quando se tratava de internação feminina, esteve por muito tempo relacionado também à menstruação. A mulher teria grandes chances de se tornar histérica nos primeiros e últimos dias de menstruação.<sup>215</sup> O discurso médico critica as tradições e crenças populares, defende métodos modernos científicos no trato com as doenças, mas incorpora muitas das práticas e tradições do povo. Consideremos o discurso vigente sobre a menstruação:

Pai deixou de ser etilista há 3 anos. Mãe sadia teve 16 gestações a termo. Atualmente são 13 e todos sadios. Até aos 20 anos foi perfeitamente sadia. Sua mãe explica sua doença como produzida por um banho da paciente no período de menstruação. Saindo do banho já não obedeceu mais a sua patrôa necessitando que sua mãe a fosse buscar. Isto num sábado.<sup>216</sup>

<sup>213</sup> Maria Tereza. O Cruzeiro, p.120, 10 dez. 1960.

<sup>214</sup> SANATÓRIO ESPÍRITA DE UBERLÂNDIA. Prontuário n. 134, catalogação 124, 1945.

<sup>215</sup> ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>216</sup> SANATÓRIO ESPÍRITA DE UBERLÂNDIA. Prontuário n. 20, catalogação 31, 1943.

Quem trouxe a doente nos contou que a doença teve seu início aos 11 anos de idade coincidindo com a primeira menstruação.<sup>217</sup>

Se a menstruação é o regulador para se atestar a normalidade, há que se considerar ainda a construção cultural intrínseca a cada sexo. No caso da mulher, ser boa mãe, dona de casa, laboriosa, enfim, um conjunto de obrigações diárias das quais ela não pode se afastar. Estar ocupada na lide doméstica é esquecer a sua própria fraqueza e sua inferioridade e não correr o risco de cair em tentação.

Ser mãe pode significar a imunização do contágio da loucura, mas o período que antecede a gravidez é extremamente perigoso para se chegar à histeria, “[...] momento extremamente propício ao aparecimento ou à manifestação de tais distúrbios”.<sup>218</sup> Após o parto, contraditoriamente ao período de gravidez, a maternidade deveria fazer bem e funcionar como uma proteção à insânia: “Mãe viva e sadia. Teve 9 gestações a termo das quais o paciente é o quarto. Pai vivo e sadio, e foi etilista durante um certo tempo. Em sua família não há epileticos e nem tarados [...]”.<sup>219</sup>

A “perda de sua grandeza moral”, anunciada na imprensa local, mostra a preocupação da sociedade em tentar manter uma cultura não só da produtividade, mas da moralidade, lugar social no qual a mulher tem o papel de educar os filhos, identificada com a imagem da Virgem Maria, meiga e cumpridora dos afazeres domésticos. Na perspectiva psiquiátrica, como afirma Vera Lúcia Puga de Souza, a sexualidade feminina sempre foi vista como perigosa, ou até mesmo suja: a contradição de gerar o filho, a causa da sua redenção, e a recusa do prazer para não cair em tentação, ou no discurso médico, tornar-se enferma. Neste imaginário, a mulher, quando não satisfaz o ideal da Maria de Nazareth, representa:

[...] o estranhamento masculino que durante séculos povoou as mentes humanas. O imaginário das mentalidades já havia criado as vaginas dentadas, as cavernas perigosas do sexo feminino que poderiam castrar. A umidade, o sangue impuro derramado mês a mês, a capacidade de gerar dentro do próprio corpo um outro ser humano fez das mulheres alvo de desejo, mas também de repulsa. O sangue menstrual impuro e diferente do que corre nas veias foi propagado como elemento constitutivo das poções mágicas, de uso freqüente

---

<sup>217</sup> Idem. Prontuário n. 34, catalogação 47, 1943.

<sup>218</sup> ENGEL, Magali. Op. cit., p. 336.

<sup>219</sup> SANATÓRIO ESPÍRITA DE UBERLÂNDIA. Prontuário n. 15, catalogação 22, 1943.

pelas feiticeiras. Daí a associação com a impureza, o desvio, a anormalidade, a loucura, a demência e a violência.<sup>220</sup>

Portanto, os caminhos que levam à insanidade estavam fortemente ligados às regras de comportamento da época. Dessa forma, a loucura impressiona menos pelo sofrimento e mais pelo sentimento de vergonha que a sociedade aspira àquele que não foi forte o suficiente para se livrar da loucura. O embaraço maior é dos familiares, que vêem seus entes queridos trancafiados, tidos como exemplo aqueles que não souberam usufruir do seu livre-arbítrio, e foram fracos o suficiente para caírem na erraticidade.

[...] Acontece que a mulher vem perdendo, dia a dia, toda a sua grandeza moral, e se ela não se concentrar verdadeiramente no seu papel, ela não será capaz de produzir filhos aptos e sustentar a queda deste mundo do século XX.

A missão da mulher aqui na terra é uma missão maternal. Não é tão importante que ela tenha ou não tenha filhos, o essencial é que ela exerça em seu seio uma ação maternal [...].<sup>221</sup>

[...] é fácil deduzir, portanto, que os papéis sexuais são definidos pela sociedade e imposto através de várias pressões. E quem se conforma com os ideais de masculinidade e feminilidade, em lugar de fugir a eles, vive com maior facilidade, evitando o risco do ridículo e da marginalização [...].<sup>222</sup>

O discurso espírita e a prevenção da loucura defendida pelos médicos estarão muito próximos, possibilitando entender a consonância das práticas de um e de outro. Toda esta comunhão entrelaça-se pela perspectiva moral, fundamento primordial para ambos.

Mãe teve 4 gestações a termo. Infância sadia. Casou-se e sua mulher teve 3 filhos. Passado venereo e boemio. Vivia nos pagodes [sic] a tocar sanfona e a beber bebidas espirituosas. O inicio de sua doença data mais ou menos de 3 anos quando começou a dizer que seu irmão o ameaçava montado em uma mula preta. Depois foi piorando até se tornar esquecido sem cuidados higienicos, alucinações, etc.<sup>223</sup>

A quantidade de mulheres na instituição é maior que a dos homens. Contudo, como se observa na ficha médica acima, os padrões de gênero definiam a transgressão como motivados pela insanidade. Boemia, alcoolismo, doenças sexuais e negação do

<sup>220</sup> SOUZA, Vera Lúcia Puga de. Útero e loucura: medicina e moralidade anos 1942-1959 – Uberlândia. In: CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco; MACHADO, Maria Clara Tomaz. História: narrativas plurais, múltiplas linguagens. Uberlândia: Edufu, 2005, p. 267.

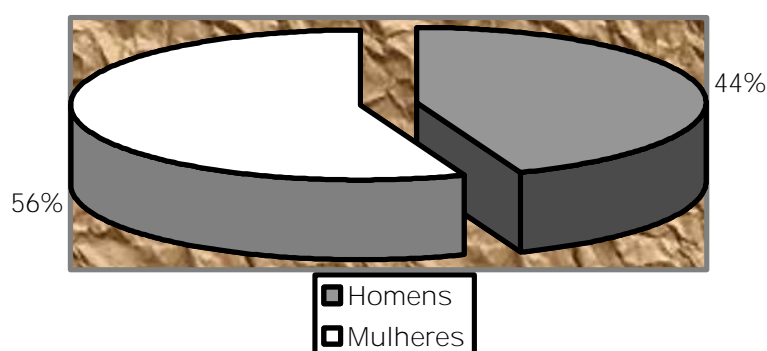
<sup>221</sup> O REPÓRTER. Uberlândia, p. 6, 6 dez. 1961.

<sup>222</sup> SEXO e Sociedade. Vida a Dois, n. 8, Ed.Três, vol. 1, 1977. S/p.

<sup>223</sup> Idem. Prontuário n. 12, catalogação 27, 1943.

mundo formal do trabalho, eram, com certeza, desta perspectiva, causas da degenerescência mental, especialmente de homens. As mulheres somam 56% do total de internos, mas, mesmo assim, é relevante destacar que tanto os homens como as mulheres têm papéis definidos, tidos como padrões e que a sua indisciplina pode significar certamente a segregação. Isto é muito comum nos casos de alcoolismo, quase a sua totalidade protagonizados por homens.

GRÁFICO 1



Contextualizar os discursos morais que circulam pela imprensa local permite perceber os dispositivos de normalização arraigados na sociedade:

Houve tempo, em que era absolutamente impossível, qualquer família transitar na cidade, tal a licenciosidade com que elas perambulavam pelas nossas ruas centrais. Muitas dessas criaturas ainda encontravam rapazes, sem a menor sombra de pudor, que as abraçavam em plena via pública.

Segundo fomos informados ontem, parece que essas infelizes vão ser admitidas nas casas de jogos do centro da cidade. A ser verdadeira essa informação, dias tortuosos estarão reservados às nossas famílias. E antes que se consuma esse atentado à nossa sociedade, fazemos um veemente apelo ao nosso digno delegado, Dr. Zaluar de Campos Henriques, para que não consinta tal cousa, pedindo ordens severíssimas que muito virão beneficiar a sociedade local.<sup>224</sup>

<sup>224</sup> AS FAMÍLAS estão impossibilitadas de transitarem altas horas da noite pelas ruas da cidade. O Correio de Uberlândia, Uberlândia, p. 2, 6 mar. 1941.

Se às mulheres cabia ser mãe zelosa, cuidar dos filhos e afazeres domésticos, aos homens era imputado o papel de provedor do lar, portanto, trabalhador, honesto, sem vício, especialmente o do alcoolismo. Várias são as fichas que apontam a preguiça, o vício e a irresponsabilidade como aspectos caracterizadores da loucura. Vejamos:

Pai deixou de ser etilista há 3 anos. Mãe sadia teve 16 gestações a termo. Atualmente são 13 e todos sadios. Até aos 20 anos foi perfeitamente sadia. Sua mãe explica sua doença como produzida por um banho da paciente no período de menstruação. Saindo do banho já não obedeceu mais a sua patrôa necessitando que sua mãe a fosse buscar. Isto num sabado; Terça-feira à noite começou a gritar dizendo que havia perdido alguma coisa e assim ficou gritando durante 10 dias sem se alimentar e sem dormir. Nestes 10 dias ficou amarrada e depois [...] se acalmou passando a se alimentar e a dormir normalmente, mas ficou incapaz de fazer quâquer cousa. Se se perguntar uma cousa responde com outra. Pela manhã, invariavelmente sai a passeio pela cidade voltando somente à noite para dormir. Conhece os seus. Depois do banho acima referido, os surto catameniais que eram mensais e sem dor, passaram a ser espassados ora de 5 em 5 menses ora mesmo anualmente e sempre com um só dia de duração.<sup>225</sup>

Esta mulher de 34 anos, negra, internada na instituição por 10 meses, foi diagnosticada como neuro-sifilítica. No seu exame físico foram observados os antecedentes familiares, além de terem registrado a característica física da interna. Estes dados são preciosos para enxergarmos como os funcionários e médicos deram relevância ao passado dos internos, mostrando ainda o pensamento da época em torno da loucura. Na visão de médicos e espíritas, estes “infelizes” se encontravam em tal situação por culpa deles mesmos, o problema maior era o moral. Até o final da década de 1950, estes dados foram relevantes aos observadores da instituição:

Nascido a termo e teve infância sadia. Casado aos 23 anos sua mulher teve 2 gestações a termo. Sua moléstia data mais ou menos de meses, quando começou a ficar esquecido e sem noção de responsabilidade. Deixava o serviço em que estava trabalhando sem razão alguma ficando pouco depois impossibilitado de trabalhar.<sup>226</sup>

Quem nos contou sua historia afirma que conhece a paciente ha uns 22 anos, e nos informa que tanto ela como seu marido já eram loucos.

<sup>225</sup> SANATÓRIO ESPÍRITA DE UBERLÂNDIA. Prontuário n. 20, catalogação 31, 1943.

<sup>226</sup> Idem. Prontuário n. 22, catalogação 07, 1942.

Depois que seu marido faleceu passou a morar na casa da informante. Daí em diante ela apresenta acessos de loucura todos os anos, com a inauguração do Sanatório Espirita de Uberaba, ela foi internada anualmente até 1941 e, mudando-se para Uberlândia, foi internada aqui pela primeira vez. Estes acessos de loucura duram de 2 a 4 meses, caracterizando-se por: não dormir, não se alimentar, rasgar suas vestes e fazer tiras das roupas de cama, arrancar plantas, agredir qualquer pessoa e se a deixar vai para a rua e caminhará toda a vida [sic]. Fala muito e sempre nos que morreram, canta, dança, dá gargalhadas e nunca a viram chorar. Estes acessos de loucura além de serem anuais, de durarem de 3 a 4 meses, apresentam ainda a particularidade interessante de se iniciarem sempre no mês de Abril.<sup>227</sup>

Deixar de fazer as obrigações diárias pode representar uma porta aberta para os distúrbios psíquicos. No primeiro caso, sexo masculino, casado, moreno, com 27 anos de idade, morreu quando ainda estava internado, questionam se houve contaminação da sua mulher e dos filhos, nada sendo constatado. Num primeiro momento, pode parecer, na perspectiva dos administradores da instituição, que o surto dos pacientes se dera por terem abandonado suas obrigações diárias, o que, aliás, acabava sendo o diferencial para reconhecer a loucura. Além disso, se fizermos uma análise da fala dos responsáveis pelo manicômio, percebemos que os espíritas atestam parcela da culpa aos próprios internos. Isto é facilmente verificado nos prontuários, atestando: “Obsessão, médium invigilante. Internar-se para o tratamento”.<sup>228</sup> Ainda, em outros momentos, é evidente a transferência da culpa da doença também ao interno: “Antes de retirar-se deve freqüentar duas aulas às sextas feiras. Esclarecido sobre os Evangelhos, pois é médium e deve cultivar com amor as lições Evangélicas”.<sup>229</sup>

Na segunda citação acima (nota 66) trata-se de uma mulher de 66 anos de idade, nada constando quanto ao tempo de internação, credenciada como preta. Pelo seu comportamento, no início, provavelmente ficava isolada dos outros internos, como consta a orientação dada no seu exame mental:

No momento do exame, perfeita orientação de espaço, tempo e lugar [sic]. À principio vivia numa alternância de agitação e calma. No primeiro caso, dansava, cantava, rasgava roupa, agredia, gritava e era levada á força ao banho. Dormia mal e se alimentava com

<sup>227</sup> Idem. Prontuário n. 115, catalogação 97, 1944.

<sup>228</sup> Idem. Prontuário n. 252, catalogação 152,

<sup>229</sup> Idem. Prontuário sem informação, catalogação 268, 1949.

dificuldades. Quando entrava em período de calma, taciturna, obedecia normalmente às ordens e aos pedidos, procedendo quasi como uma pessoa normal.<sup>230</sup>

O sentimento de culpa em relação à doença é verificado no imaginário das famílias, quando essas envergonham-se de ter em seu lar alguma pessoa portadora de transtornos mentais. Na idéia de muitos familiares, muitas vezes não se enxerga os transtornos psíquicos enquanto doença, mas muito mais como astúcias às regras e normas sociais. Sem querer fazer qualquer exaltação à loucura, aqueles que rompem com as convenções sociais revelam a hipocrisia que circunda, ainda que suas falas e ações sejam repletas de contradições, incomodam as outras pessoas tidas por normais, racionais.

Sabemos, portanto, que no imaginário da população, a falta de “princípios morais” era forte indício à insanidade. Além disso, somava-se a preocupação à degenerescência da raça, evidentemente que se referem à defesa da raça branca. Como será possível verificar a seguir, mesmo sendo menor o número de internação de negros e “mestiços”, há uma preocupação, nestes casos, com o modo de vida que levavam os negros. Tal preocupação encontra-se expressa desde o início do século na imprensa local. Vejamos:

Fui um fervoroso adepto da liberdade dos pretos, folguei immensamente com a extinção dessa mancha negra que aviltava o meu amado Brasil, achei e acho ainda boa, justa, santa, a lei de 13 de maio de 1888.

Entretanto sempre pensei que essa lei devia ter dado aos pretos uma liberdade com restrições; devia libertando-os, impor-lhes a obrigatoriedade do trabalho.

As sras morenas (chamal-as de pretas é uma grave offensa!) então são intolerantes!

Querem andar muito bem vestidas, melhor ainda do que as patroas, serem tratadas com muitas atenções, não gostam de serviços grosseiros...

Ah! Se eu fosse autoridade tiraria as cócegas a essas morenas entusiasmadas... (grifos do autor).<sup>231</sup>

<sup>230</sup> Idem. Prontuário n. 115, catalogação 97, 1944.

<sup>231</sup> PASCHINO. Estas pretas! O Progresso, p. 1, Uberabinha, 4 out. 1914.

Ainda sob os dados referentes à etnia, se considerarmos as conotações como mulato, moreno, pardo, que não se encaixam em nenhuma das duas primeiras e, se associarmos esta análise às fotografias, percebemos que muitas vezes todos esses morenos, pardos ou mulatos são na verdade negros. Muitos dos que são qualificados como brancos, visivelmente se assemelham à etnia negra. Assim, mesmo que alguns internos provenham de famílias “endinheiradas”, a maioria deles pertenciam às classes sociais desfavorecidas economicamente. É importante relatar isto pelo fato de que à época se considerava os negros inferiores e mais propensos à propagação de doenças degenerativas, segundo as leis eugênicas. É possível contestar a força da teoria eugênica, já em meados da década de 1950 e 1960, mas o preconceito racial, proibindo a convivência dos negros com os brancos, nos mostra o forte ranço que imperava na sociedade uberlandense.

TABELA 10

Etnia	Porcentagens
Brancos	60%
Negros	15%
Morenos	19%
Pardos	3%
Sem informações	3%

Fonte: Prontuários do Sanatório Espírita de Uberlândia referente aos anos de 1942 a 1959.

As abordagens historiográficas da eugenia e da higienização do espaço urbano têm sido bastante discutidas. Por isso, retomaremos aqui algumas questões pela importância que têm na constituição do tratamento psiquiátrico em Uberlândia. Sem dúvida, os códigos de posturas, elaborados no século XIX, e adotados em grande parte do Brasil, demonstram a coerência de tais abordagens. Segundo Roberto Machado,<sup>232</sup> a sociedade médica desempenhará trabalho relevante na constituição de um saber cujo propósito era elaborar projetos que pudessem evitar a disseminação de doenças; daí o empenho dos órgãos públicos e a criação da Polícia Sanitária que, atuando como órgão fiscalizador, impediria a propagação de doenças e controlaria a conduta de seus cidadãos.

No começo do século XX, muitos outros estudiosos compreenderam a

<sup>232</sup> MACHADO, Roberto. Op. cit.

degenerescência orgânica segundo idéias eurocêntricas e apontavam para a problemática do cruzamento racial; nesse sentido, as características físicas seriam analisadas como indícios de inferioridade moral e intelectual. Nas fichas médicas do Sanatório Espírita de Uberlândia, evidenciamos a importância dada à constituição física dos indivíduos: nariz: pequeno e simétrico; ouvido: pavilhões auriculares pequenos e bem implantados; audição: normal; garganta: boca regular com dentes em bom estado de conservação.<sup>233</sup> É constante a expectativa em torno das características físicas:

Facies: Cabelo encarapinhado, olhar ansioso, e o conjunto lembra o facies do alcoólatra; Constituição: Longilínea; Paniculo adiposo escasso; Edemas maleolares que ascendem sobre toda a perna; Nariz: Achatado, peculiar à raça; Garganta: Boca regular com dentes em mau estado de conservação.<sup>234</sup>

As teorias eugênicas relacionam-se, em muito, com a etnia negra quando evidenciam que muitas características físicas reprováveis estão em negros e índios. A construção da suposta superioridade branca condicionaria, certamente, outras raças como mais propícias a se contaminarem por não terem robustez.<sup>235</sup>

Devemos considerar que as análises do tipo totalizante não nos são interessantes, partindo da premissa que as estatísticas camuflam as diferenças, homogeneizando uma cultura complexa que precisa ser compreendida no plural. As fichas médicas contendo dados dos internos revelam informações gerais, do tipo: o nome de doenças, etnias, o número de curas, a faixa etária destes internos, diagnósticos, medicação, entre outros. Neste sentido, tais estimativas nos podem ser úteis, se problematizadas.

Vejamos alguns casos:

TABELA 11

Tipos de doenças	Porcentagens
Alcoolismo	4 %
Psicoses	7 %
Neuroses	3 %
P.M.D. (Personalidade Maníaco Depressiva)	4 %

<sup>233</sup> SANATÓRIO ESPÍRITA DE UBERLÂNDIA. Prontuário sem informação, catalogação 3, 1942.

<sup>234</sup> Idem. Prontuário 15, catalogação 22, 1943.

<sup>235</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit.

Epilepsia	3 %
Oligofrenia	4 %
Esquizofrenia	20 %
Sem informações	55 %

Fonte: Prontuários do Sanatório Espírita de Uberlândia referente aos anos de 1942 a 1959.

Os dados acima remetem a um fato instigante. Encontramos um número bastante elevado de fichas sem prognósticos, o que possibilita pensar que grande parte dos internos foram negligenciados. Precisamos considerar, é verdade, que em casos de fichas sem informação da doença, encontra-se, em outros campos, informações atestando uma suposta anomalia. Um outro fato interessante a acrescentar nesta discussão é que até 1944 existe uma completa ausência de diagnóstico, seja por parte do médico, seja por psicografia. Pelo quadro acima é perceptível a generalização das doenças e o uso em série para diagnóstico. Muitas vezes iguala-se as diferenças, os sofrimentos, histórias de vidas tão distantes entre si.

Neste caso, quais critérios eram levados em conta para a aplicação do tratamento, ou pior, existia tratamento, ou a instituição era um lugar apenas para “guardar doidos”? Não é a intenção estabelecer uma exaltação ao tratamento médico, mas mostrar a falta de critérios, pensando um pouco o tratamento dado ao Autregésilo Carrano,<sup>236</sup> que em uma semana de internação lhe foram aplicadas várias sessões de eletrochoques numa instituição espírita, sem ao menos ter sido examinado e medicado pelo psiquiatra da instituição Bom Retiro, em Curitiba.

Entremos no campo de curas divulgadas pela instituição. O número coletado de internos curados mostra índices invejáveis para qualquer instituição, o que representa no gráfico 3 a seguir, um total de 57% dos internos.

TABELA 12

Motivo de Saída	Porcentagens
Curas	57 %
Melhorados	9 %
Retiradas	9 %
Fugas	1 %
Falecimento	3 %
Transferência	5 %
Sem informações	15 %
Outros	1 %

<sup>236</sup> CARRANO, Autregésilo. Op. cit.

Fonte: Prontuários do Sanatório Espírita de Uberlândia referente aos anos de 1942 a 1959.

Para melhor pensar esta questão, escolhemos dois casos que, talvez, permitam entender o procedimento utilizado, em alguns casos, para decidir se houve cura. Este paciente foi considerado curado pelo parecer médico, contradizendo o que relata a psicografia. Mensagem psicografada: “É uma caso de obsessão, mas dificilmente de ser curado. Em caso de internamento deve ser para descanso. Entregamos esse caso a Deus”. (Murtinho, 30/7/53).<sup>237</sup>

De uma forma ou de outra, o médico que deu alta a esse paciente tirou a autoridade do espírito que psicografou. Mais um vez percebemos a contradição dentro da doutrina de que a verdade não é tão bem materializada como se pressupõem.

Um outro caso importante para a análise é referente a um interno (catalogação 67, no ano de 1947) que fugiu e mesmo assim foi tido como curado. A partir destes dois casos percebe-se uma certa discrepância na maneira de avaliação do enfermo, pensando-se como é complicado o processo de discernimento para saber se alguém é portador de distúrbios mentais e também se tal indivíduo já está curado ou não.

Vale a pena observar o gráfico abaixo que faz supor que mais de 50% dos pacientes foram curados. Entretanto, como existiam diversas instituições asilares congêneres na região, é de se supor, até pela admissão de muitos pacientes no Sanatório local, que muitos ficaram presos nas teias institucionais, vagando de Uberaba para Araxá, desta cidade para Uberlândia e assim, sucessivamente. Outras vezes, não é possível qualificar o termo “melhorado”, ou mesmo compreender os motivos das retiradas ou transferências. O certo é que a disciplina e o controle deveriam funcionar bem, pois apenas 1% dos internos conseguiram fugir.

Da perspectiva do espiritismo é perceptível no quadro de curas apontadas que muitas delas não poderiam acontecer de maneira tão eficaz como tem sido enfatizado nos prontuários, por se tratar justamente, para a doutrina, de casos difíceis de serem curados, uma vez que as técnicas utilizadas irão depender da atuação do obsessor e obsediado. Segundo consta na literatura espírita, a desobsessão é praticada no intuito de doutrinar o espírito obsessor, fazendo-o perdoar o seu algoz e tais processos são demorados para a concepção espírita. Uma das possibilidades de análise que cabe

---

<sup>237</sup> SANATÓRIO ESPÍRITA DE UBERLÂNDIA. Prontuário n. (sem informação), catalogação 535, 1953.

realçar talvez seja de que a cura fosse estabelecida quando o paciente estivesse dopado, sem reação. Nestes casos foram relegados o longo processo que requeria a cura espiritual. Não devemos esquecer que neste período não havia psiquiatra. Se consideramos que a ação do médico especialista já é problemática, mais difícil ainda é a atuação de quem não o é, tal como um radiologista e clínico geral que atendia esta instituição.

Uma outra descoberta possível é a de pacientes crianças e de adolescentes, em um número reduzido, mas que aponta que esta doença não é privilégio apenas dos adultos. O que assusta frente à forma como os pacientes eram tratados é pensar como isso poderia ser mais sério e violento em se tratando da infância, cujas marcas poderiam ser carregadas pela vida toda. Vejamos o gráfico a seguir:

TABELA 13

Idade	Porcentagens
Até 12 anos	1 %
De 13 a 19 anos	16 %
De 20 a 29 anos	33 %
De 30 a 39 anos	25 %
De 40 a 49 anos	15 %
Acima de 50 anos	8 %
Sem informações	2 %

Fonte: Prontuários do Sanatório Espírita de Uberlândia referente aos anos de 1942 a 1959.

Cada uma das possibilidades aqui destacadas são passíveis de investigações mais aprofundadas. O que fica evidente neste primeiro trabalho é um mosaico de situações ricas e complexas, cujas experiências vividas apenas começaram a ser delineadas. Se é correto afirmar que havia um projeto para retirar dos espaços públicos sujeitos portadores de transtornos mentais e, em boa medida, um intenso processo de higienização que se verificou no século XX, é preciso considerar, todavia, quantas pessoas habitaram as ruas como mendigos, despejados pela família, porque não podiam se juntar aos que já estavam amontoados no sanatório da cidade. A grande internação

ocorrida também no Brasil, principalmente no século XX, não conseguiu tirar da rua a insanidade. A psiquiatria não conseguiu essa cura, nem tampouco os órgãos públicos, em conluio com a sociedade, foram capazes de abrigar os seus “dementes” em hospícios.

O processo de psiquiatralização da sociedade é mais complexo do que se possa imaginar. Oportunamente, diversos trabalhos apontaram as injustiças ocorridas nas instituições totais, além de terem feito emergir debates calorosos sobre a humanização nos regimes de internato, o que permitiu um profundo questionamento das terapêuticas psiquiátricas, tanto quanto a sua eficácia. No entanto, no estudo destas pertinentes obras, percebemos algumas lacunas que serão cruciais para se buscar uma possível transformação.

Discutida por diversos autores (alguns são aqui mencionados), sobretudo pelo viés da constituição da psiquiatria e seus mecanismos para isolar o doente e elaborar caminhos para a cura, a institucionalização da loucura – é evidente – definiu os rumos do tratamento de forma perversa; e, nessa definição, o saber médico venceu: elaborou um “projeto de cura” para alienados.

Contudo, a forma de realizar tais projetos científicos, muitas vezes, contradiz a forma concebida teoricamente; logo, o tratamento da loucura não é questão dada e superada pela psiquiatria; outros propuseram tratamentos alternativos, mas que não se traduziu em avanços no modo de lidar com o problema. Nessa ótica, a pertinência deste estudo reside na reflexão que propomos sobre a prática médica – o poder conquistado pelos homens da medicina – e a não-aceitação passiva de outros segmentos da sociedade, o que nos mostra a indeterminação da História, que esta é contraditória e que são necessárias formas mais humanizadas de se tratar de pessoas com transtornos mentais.

Nesse contexto, destaca-se a lei 10.216, autoria de Paulo Delgado, que modifica o modelo assistencial em saúde mental (várias propostas têm sido experimentadas, tais como hospital-dia, terapias ocupacionais, arte-terapia etc.) – mas isso após conflitos e lutas, bem traduzidos nas palavras do juiz da 5ª Vara Cível de Curitiba ao julgar improcedente pedido da Federação Espírita do Paraná e do psiquiatra Alexandre Sech para proibir Austregésilo Carrano (autor do livro que inspirou o filme brasileiro *Bicho de sete cabeças*) de falar sobre supostos abusos sofridos no hospital psiquiátrico Bom

Retiro. Disse o juiz: “Que fale, que chore, que esperneie, que gesticule, que ponha para fora a sua revolta para aprimorar o sistema psiquiátrico brasileiro”.<sup>238</sup>

---

<sup>238</sup> PARANÁ. Tribunal de Alçada do Paraná. Ação Indenizatória. Autos nº 839/01 - Ação ordinária. Ação Indenizatória na 5ª Vara Cível do Fórum de Curitiba/PR, 15, out, 2003. Juiz de Direito: Dr Sigurd Roberto Bengtsson. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/en/red/2003/10/266271.shtml>>. Acesso em: 10 out. 2005. Cf.:RIBEIRO, Raphael Alberto; MACHADO, Maria Clara Tomaz. Op. cit

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A institucionalização da loucura, discutida por diversos autores levantados aqui neste trabalho, no que se refere à constituição do saber psiquiátrico e os mecanismos criados por esta ciência em isolar o doente e elaborar caminhos para a cura, evidentemente definiu os rumos de seu tratamento de forma perversa. Por este olhar o saber médico saiu “vencedor” na elaboração de um “projeto de cura” aos alienados. No entanto, a realização de tais projetos científicos se dão, muitas vezes, de maneiras contraditórias às concebidas teoricamente. O tratamento da loucura não é algo que está resolvido, superado, pela psiquiatria, e mais, outros grupos já propuseram formas de tratamentos alternativos, o que não implica necessariamente em melhorias na maneira de cuidar do problema.

No trajeto desta pesquisa percebemos as inúmeras possibilidades que poderiam ter sido trilhadas, não sendo possível pelo período consideravelmente pequeno, podendo, inclusive, serem aproveitadas em outras oportunidades.

Um outro desafio encontrado na pesquisa é a diversidade de fontes encontradas nos prontuários do Sanatório Espírita de Uberlândia. Só em uma parte destas fichas catalogadas, no histórico da doença, podem-se suscitar discussões de gênero, de etnia, de processos criminais, entre outros, mas que para serem realizados neste trabalho de maneira mais aprofundada, nos faltariam fôlego. As psicografias contidas nestes prontuários nos permitiria adentrarmos mais detidamente nos estudos sobre religiosidade.

A pertinência deste estudo não é somente refletir acerca das práticas médicas, mas fundamentalmente a participação do poder público e da população e todo um imaginário que intenta excluir os sujeitos que não se ajustam às condutas estabelecidas como ideais. Este trabalho se situa em um período de intensos avanços no campo do tratamento aos portadores de transtornos mentais, ainda que o descaso com a saúde alcança índices agravantes, principalmente no Brasil, o que nos certifica de que há um longo caminho a se seguir.

Várias propostas como o hospital dia, terapias ocupacionais, arte-terapia, entre tantos, têm sido experimentados, muito deles nos mostrando a insatisfação de grupos sociais em relação ao tratamento que os portadores de transtornos mentais recebem. Certamente estamos longe de chegar a um modelo de práticas terapêuticas, mais humanas, mas que ao menos consigamos ensejar discussões que nos permitam refletir sobre a nossa própria condição, ou, o que estamos fazendo pra construir uma sociedade menos injusta, onde haja mais solidariedade entre os povos e mais consideração principalmente a quem mais necessite de ajuda.

A discussão deste trabalho primou também pela busca incessante da cidadania, insistindo na questão da alteridade, na busca da tolerância com o diferente. Esperamos não mais presenciar casas repletas de seres humanos vivendo em condições bastante precárias, maltratados e desolados. Está é uma exigência que não pode mais ser postergada, assim como toda e qualquer luta que denuncie as injustiças e o sofrimento humano.

## FONTES DOCUMENTAIS

Prontuários do Sanatório Espírita de Uberlândia (1942-1959)Jornais / Revistas

- O Correio de Uberlândia;
- O Progresso;
- A Tribuna;
- O Repórter;
- Revista Época;
- Revista Veja;
- Revista Isto É
- Folha de São Paulo.

Entrevistas

- Nicéide de Freitas. Uberlândia, 17 jun. 2005
- Marolina Castro. Uberlândia, jan. 2001;
- Lázaro Sallum. Uberlândia, mai. 2005;
- Gladstone Rodrigues da Cunha. Uberlândia, abr. 2002;
- Marta Maria Terra de Deus. Uberlândia, dez. 2002;
- Rubens Francalance. Uberlândia, jul. 2002;
- Sônia Martins Costa e Silva. Uberlândia, set. 2005;
- Oswaldo José Nascimento. Uberlândia, out. 2002;
- Shirlene Campos. Uberlândia, mai. 2003;
- José de Oliveira Campos. Uberlândia, mai. 2003;

- Celina Ferreira Martins. Uberlândia, set. 2005

### Obras Espíritas

FRANCO, Divaldo Pereira. Tormentos da Obsessão. Salvador: LEAL, 2001.

\_\_\_\_\_. Nos Bastidores da Obsessão. Brasília: FEB, 1984.

\_\_\_\_\_. Nas Fronteiras da Loucura. Salvador: Livraria Espírita Alvorada Editora, 2001.

KARDEC, Allan. Viagem Espírita em 1862. São Paulo: O Clarim, s/d,

\_\_\_\_\_. O livro dos espíritos. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1996.

\_\_\_\_\_. O Livro dos Médiuns. Araras/SP.: Editora da FEB, 1996.

\_\_\_\_\_. Obsessão. Casa Editora O Clarim: Matão SP. 1986.

IMBASSAHY, Carlos. Freud e as Manifestações da Alma. Rio de Janeiro: Editora Eco, 1976.

JACINTO, Roque. O que é espiritismo. São Paulo: brasiliense, 1988.

MENEZES, Adolfo Bezerra. A Loucura Sob um Novo Prisma. Rio de Janeiro: FEB, 1936.

VITUSSO, Isabel R. Terra Fértil Semente Lançada. A História do espiritismo em Uberlândia. Uberlândia: Aliança Espírita Municipal, 2000

XAVIER, F. C. Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho. Rio de Janeiro: FEB, 1977.

Obras De Memorialistas

ARANTES, Jerônimo. Cidade dos sonhos meus: memória histórica de Uberlândia. Uberlândia: Edufu, 2004.

CAPRI, Roberto. Município de Uberabinha – Minas. São Paulo: Editores Capri, Andrade & C., 1916;

PEZZUTTI, Cônego Pedro. Município de Uberabinha: história, administração, finanças e economia. Uberabinha: Oficinas Livraria Kosmos, 1992

SILVA, Antônio Pereira. As histórias de Uberlândia. (v. 1, 2 e 3). Uberlândia: s/ed., 2002

TEIXEIRA, Longino. Apontamentos para a história da medicina e da farmácia em Uberlândia 1846-1968. Uberlândia: s/e., 1968

TEIXEIRA, Tito. Bandeirantes e pioneiros do Brasil Central. História da criação do município de Uberlândia. Uberlândia: Uberlândia Gráfica, 1970;

Filmes

OS OUTROS. Direção: Alejandro Amenábar. EUA: Miramax Films / Dimension Films, 2001. 1 filme (114 min.), son., color.

O SEXTO Sentido. Direção: M. Night Shyamalan. EUA: Buena Vista International, 1999. 1 filme (106 min.), son., color.

GAROTA Interrompida. Direção: James Mangold. EUA: Columbia Pictures Corporation, 1999. 1 filme (127min.), son., color.

TEMPO de Despertar. Direção: Penny Marshall. EUA: Columbia Pictures, 1990. 1 filme (121 min.), son., color.

UM ESTRANHO no Ninho. Direção: Milos Forman. EUA: United Artists, 1995. 1 filme (129 min.), son. Color.

O MELHOR da Juventude. Direção: Marco Túllio Giordana. Itália: Miramax Films. 2 filmes (366 min.), son., Color.

LOUCURAS do Rei George. Direção: Nicholas Hytner. Inglaterra: Samuel Goldwyn Company, 1994. 1 filme (110 min), son., color.

### Literatura

LISPECTOR, Clarice. Imitação da Vida. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1973;

TELLES, Lígia Fagundes. A Noite Escura e Mais Eu. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995;

PENA, Cornélio. Dois Romances de Nico Horta, Rio de Janeiro, José Olympio, 1939.

ASSIS. Joaquim Maria Machado de. O Alienista. São Paulo: Ática, 1998.

### Internet

PARANÁ. Tribunal de Alçada do Paraná. Ação Indenizatória. Autos nº 839/01 - Ação ordinária. Ação Indenizatória na 5ª Vara Cível do Fórum de Curitiba/PR, 15, out, 2003. Juiz de Direito: Dr Sigurd Roberto Bengtsson. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/en/red/2003/10/266271.shtml>>. Acesso em: 10 out. 2005.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon . Metáforas da desordem. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

ALEM, João Marcos. Caipira e country: a nova ruralidade brasileira. 1996. 266 f. Tese (Doutorado em História)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

ALVARENGA, Maria. Movimento popular, democracia participativa e poder político local. História & Perspectivas. Uberlândia, UFU, n. 4, 1991.

AMARANTE, Paulo. O Homem e a serpente – outras histórias para a loucura e a psiquiatria. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

ANTUNES, Eleonora Haddad; BARBOSA, Lúcia Helena Siqueira; PEREIRA, Lygia Maria de França (orgs.). Psiquiatria, loucura e arte – fragmentos da história brasileira. São Paulo: Edusp, 2002.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: Enciclopédia Einaudi. Porto: Casa da Moeda, 1986.

BARRETO, Djama. O alienista, o louco e a lei. Petrópolis: Vozes, 1978.

BASAGLIA, Franco. A Instituição negada. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BASTIDE, Roger. Sociologia das doenças mentais. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

BIRMAN, Joel. A psiquiatria como discurso da moralidade. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

BOARINI, Maria Lúcia (org.) Higiene e raça como projetos – higienismo e eugenismo no Brasil. Maringá: EDUEM, 2003.

BOFF, Angélica Bersch. Espiritismo, alienismo e medicina: ciência ou fé? Os saberes publicados na imprensa gaúcha da década de 1920. Porto Alegre: UFRGS (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), 2001. (Dissertação de Mestrado)

BORGES, Jarbas Mateus. A política municipal de saúde e a criação da Secretaria de Saúde (1986-2004). 2005. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

BOSI, Antônio de Pádua. Leis e costumes na definição das práticas de cura em Uberabinha: a perseguição aos curandeiros. Reforma urbana e luta de classes – Uberabinha (1888-1922). São Paulo: Xamã, 2004.

BUENO, Austregésilo Carrano. *O canto dos malditos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CAETANO, C. G.; DIB, Miriam M. C. A UFU no imaginário social. Uberlândia: UFU, 1988.

CALVO, Célia Rocha. Muitas memórias e histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos, Uberlândia 1938 – 1990. 2001. 291 f. Tese (Doutorado em História)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

CAPELATO, Maria Helena. Imprensa, uma mercadoria política. Histórias & Perspectivas. Uberlândia: UFU, n. 4, jan./jun., 1991.

CARDOSO. Heloisa Helena Pacheco. Conciliação, reforma e resistência: governos, empresários e trabalhadores em Minas Gerais nos anos 50. 1998. 203 f. Tese (Doutorado em História) –Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998

CARDOSO, Marina. Médicos e clientela – da assistência psiquiátrica à comunidade. São Carlos: EDUFSCar, 1999.

CASTEL, Robert. A ordem psiquiátrica: a idade de ouro do alienismo. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

\_\_\_\_\_. A gestão dos riscos – da antipsiquiatria à pós-modernidade. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

CASTRO, Dorian Erich de. Relicário das práticas médicas no interior das Minas Gerais : transformações, astúcias e persistências (Uberabinha/MG, 1903-1945). 2004. 150 f. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

CERTEAU, Michel de. A Cultura no Plural. Campinas: Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_. A invenção do cotidiano. 1. artes de fazer. Rio de Janeiro, 2002.

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. Cidade febril – cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHALHOUB, Sidney; et al. (org.). Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

\_\_\_\_\_; et al. Artes e ofícios de curar no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003

CHARTIER, Roger. A história cultural – entre práticas e representações. Lisboa: Edifel, 1987.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. Estudos Avançados, 11 (5), 1991, p. 173-191.

\_\_\_\_\_. A aventura do livro. Do leitor ao navegador. São Paulo: Ed. UNESP. 1999

\_\_\_\_\_. Cultura escrita, Literatura e História. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

\_\_\_\_\_. Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna – séculos XVI-XVIII. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

\_\_\_\_\_. À beira da falésia – a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

\_\_\_\_\_. Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

COOPER, David. Psiquiatria e antipsiquiatria. São Paulo: Perspectiva, 1967.

\_\_\_\_\_. A morte da família. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

COSTA, Jurandir Freire. História da psiquiatria no Brasil – um corte ideológico. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

\_\_\_\_\_. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. O espelho do mundo – Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

\_\_\_\_\_. Cidadelas da ordem. São Paulo: Brasiliense, 1990

DAMÁZIO, Sylvia, F. Da Elite ao Povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994

DÂNGELO, Newton. Vozes da cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio, Uberlândia - 1939/1970. 2001. 319 f. Tese (Doutorado em História), Pontífica Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. A política da loucura – (a antipsiquiatria). Campinas: Papyrus, 1983.

DUPRONT, Alphonse. A religião: Antropologia religiosa. LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. História: novas abordagens. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978

ENGEL, Magali Gouveia. Meretrizes e doutores – saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. Os delírios da razão – médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

\_\_\_\_\_. A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto – críticas e cumplicidades. CHALHOUB, Sidney; et al. (org.). Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

\_\_\_\_\_. Psiquiatria e feminilidade. História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- FERREIRA, Inácio.** Novos rumos à medicina. v. I . São Paulo: Edições FEESP, 1993.
- \_\_\_\_\_. Novos rumos à medicina. v. II . São Paulo: Edições FEESP, 1993.
- \_\_\_\_\_. Psiquiatria em face da reencarnação. São Paulo: Edições FEESP, 2001.
- FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves.** A arte de curar – cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.
- FIGUEIREDO, Gabriel.** O príncipe e os insanos. São Paulo: Cortez, 1988.
- FONSECA, Michel Foucault e a constituição do sujeito.** São Paulo, EDUC, 2003.
- FOUCAULT, Michel.** Vigiar e punir – história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1977.
- \_\_\_\_\_. Doença mental e psicologia. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1984.
- \_\_\_\_\_. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- \_\_\_\_\_. História da loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- \_\_\_\_\_. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. O Nascimento da Clínica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- \_\_\_\_\_. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- GIUMBELLI, Emerson.** O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- GOFFMAN, Erving.** Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectivas, 2001.
- GOMES, Ângela de Castro; et. al. (org.);** O Brasil de JK. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2002, 223 p.
- GOMIDE, Leila Scalia.** Órfãos de pais vivos: a lepra e as instituições preventoriais no Brasil: estigmas, preconceitos e segregação. 1991. 278 f. Dissertação (Mestrado em

História)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. Estado e agricultura no Brasil: política agrícola e modernização econômica do Brasil. (1960-1980). São Paulo: Hucitec, 1997.

GUIMARÃES, Reinaldo. Saúde e medicina no Brasil – contribuição para um debate. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

HARRIS, Ruth. Assassinato e loucura – medicina, leis e sociedade no *fin de siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ISAIA, Artur Cesar. Allan Kardec e João do Rio: os jogos do discurso. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosângela. Histórias & Historiografia. Uberlândia: Edufu, 2003.

JULIA, Dominique. A Religião: História religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. História: novas abordagens. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

JURKEVICS, Vera Irene. Crenças e vivências espíritas na cidade de Franca (1904-1980). Franca: UNESP (Faculdade de História, Direito e Serviço Social), 1998. (Dissertação de Mestrado)

LADRIÈRE, Jean. A articulação do sentido. São Paulo: EPU/Edusp, 1977.

LAING, Ronald D. A voz da experiência – experiência, ciência e psiquiatria. Petrópolis: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. O eu dividido – estudo existencial da sanidade e da loucura. Petrópolis: Vozes, 1991.

LAPLANTINE, François; AUBRÉE., Marion. La table, le livre et les esprits. Paris: J.C. Lattès, 1990.

LEWGOY, Bernardo. Chico Xavier, o Grande Mediador – Chico Xavier e a cultura brasileira. Bauru: Edusc, 2004

LOPES, Valéria Maria Queiroz Cavalcante. Caminhos e trilhas: transformações e apropriações da cidade de Uberlândia (1950-1980). 2002. 190 f. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002

MACHADO, Maria Clara Tomaz. A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada (Uberlândia – 1965 a 1980). São Paulo: Universidade de São Paulo/FFLCH, 1990. (Dissertação de Mestrado)

\_\_\_\_\_. Cultura popular e desenvolvimentismo em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985). 1998. 291 f. Tese (Doutorado em História)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

MACHADO, Roberto. Danação da norma. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

\_\_\_\_\_. Foucault, a filosofia e a literatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. A produção social da loucura. São Paulo: Paulus, 2003.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MENDES, Eliezer C. O universo paralelo da loucura... a do louco e a dos outros. Rio de Janeiro: Ground, 1991.

MUCHAIL, Salma Tannus. Foucault, simplesmente – textos reunidos. São Paulo: Edições Loyola. 2005.

\_\_\_\_\_. O Lugar das Instituições na Sociedade Disciplinar. In: RIBEIRO, Renato Janine (Org.). Recordar Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1988.

NUNES, Leandro José. Cidade e imagens: progresso, trabalho e quebra-quebras - Uberlândia - 1950/1960. 1993. 113 f. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993

O'BRIEN, Patrice. A história da cultura de Michel Foucault. In: Hunt, Lynn (org.) A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992,

OLIVEIRA, Julio César de. O ultimo trago, a ultima estrofe: vivencias boemias em Uberlândia nas décadas de 40, 50 e 60. 200. 181 f. Dissertação (Mestrado em História)-Pontífica Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000

PACHECO e SILVA, A. C. A Higiene mental e o espiritismo. Revista de medicina, São Paulo, n. 26, set., 1942

PEREIRA, Lygia Maria de França. Os Primeiros sessenta anos da terapêutica psiquiátrica no estado de São Paulo. In: ANTUNES, Eleonora Haddad; e outros (org.). Psiquiatria, Loucura e Arte. São Paulo: Edusp, 2002.

PESSÔA. Vera Lúcia Salazar. Ação do Estado e as transformações agrárias no cerrado das zonas de Paracatu e Alto Paranaíba/MG. 1988. 239 f. Tese (Doutorado em Geografia)-Unesp, Rio Claro, 1988.

PESSOTTI, Isaias. A loucura e as suas épocas. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

PETERS, Carlos Eduardo Marotta. Asilo espírita " Discípulos de Jesus" de Penápolis: a loucura no cotidiano de uma instituição disciplinar (1935-1945). 2000. 149 f. Dissertação (Mestrado em História), UNESP, Assis/SP: 2000.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. A Realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política. São Paulo: Hucitec, 1996. 296 p.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Memórias: entrevista com Alessandro Portelli. In: Histórias e Perspectivas, Uberlândia, (25 e 26): jul./dez. 2001/jan./jul.2002.

\_\_\_\_\_. O que faz a história oral diferente. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n° 14, fev, 1997.

PORTER, Roy. História social da loucura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

PUGA, Vera Lúcia. Útero e loucura: medicina e moralidade anos 1942-1959 – Uberlândia. In: CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco; MACHADO, Maria Clara Tomaz. História: narrativas plurais, múltiplas linguagens. Uberlândia: Edufu, 2005

RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar – a utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. O efeito Foucault na historiografia brasileira. Tempo Social – revista de sociologia, São Paulo, USP, v. 7, n. 1 e 2, out./1995

RIBEIRO, Raphael Alberto; MACHADO, Maria Clara Tomaz. Almas Enclausuradas: práticas de intervenção médica, obsessão e loucura no cotidiano do Sanatório Espírita de Uberlândia/MG (1932-1970). In: ISAIA, Artur César (org.). Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea. Uberlândia: Edufu, 2006.

RODRIGUES, Jane de Fátima da Silva. Trabalho, ordem e progresso: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense; o setor de serviços 1924-1964. 1989. 214 f. Tese (Doutorado em História)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

RODRIGUES, Marly. A década de 80: Brasil: quando a multidão voltou às praças. São Paulo: Ática, 1994, 77 p

SALLES, Iraci Galvão. Trabalho, ordem, progresso e a sociedade civilizada. São Paulo: Hucitec, 1986.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002

SAMUEL, Raphael. Documentação – História Local e História Oral. In: SILVA, Marco Antônio da. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.9, nº19, set.89/fev.1990.

SANTANA, Eliene Dias de Oliveira. Cultura urbana e protesto social: o quebra-quebra de 1959 em Uberlândia-MG. 2005, 147 f. Dissertação (Mestrado em História)- Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

SILVA, Eliane Moura. O espiritualismo no século XIX. Textos Didáticos. Campinas: IFCH/Unicamp, nº 27/ago, 1999,

SILVA, Fábio Luiz da. Espiritismo: história e poder (1938-1949). Londrina: Eduel, 2005.

SILVA, Raquel Marta da. Chico Xavier: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais - Uberaba, 1959-2001. 2003. 269 f. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003

SILVEIRA, Éder. A cura da raça – eugenia e higienismo no discurso médico sul-riograndense nas primeiras décadas do século XX, 2005.

SOARES, Beatriz R. Habitação e produção do espaço em Uberlândia. 1988. 222 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

STOLL, Sandra Jacqueline. Entre dois mundos: o espiritismo da França e no Brasil. São Paulo: USP (FAFICH). 1999. (Tese de Doutorado).

SZASZ, Thomas Stephen. O mito da doença mental. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

\_\_\_\_\_. A fabricação da loucura. Um estudo comparativo entre a Inquisição e o movimento de Saúde Mental. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

\_\_\_\_\_. A escravidão psiquiátrica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

TAVOLARO, Douglas. A casa do delírio. Reportagem no Manicômio Judiciário de Franco da Rocha. São Paulo: SENAC, 2002.

TREVISAN, Maria José. 50 anos em 5...; a FIESP e o desenvolvimentismo. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986, 205 p;

TRONCA, Ítalo. As máscaras do medo. Campinas: Ed. Unicamp, 2000.

TUNDIS, Silvério Almeida; COSTA, Nilson do Rosário (org.). Cidadania e loucura – políticas de saúde mental no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1987.

WADI, Yonissa Marmitt. Palácio para guardar doidos - uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. Louca pela vida: historia de Pierina. 2002. 342 f. Tese (Dourado em História), Pontificia Universidade Catolica de Sao Paulo, São Paulo, 2003.